

cadernos do

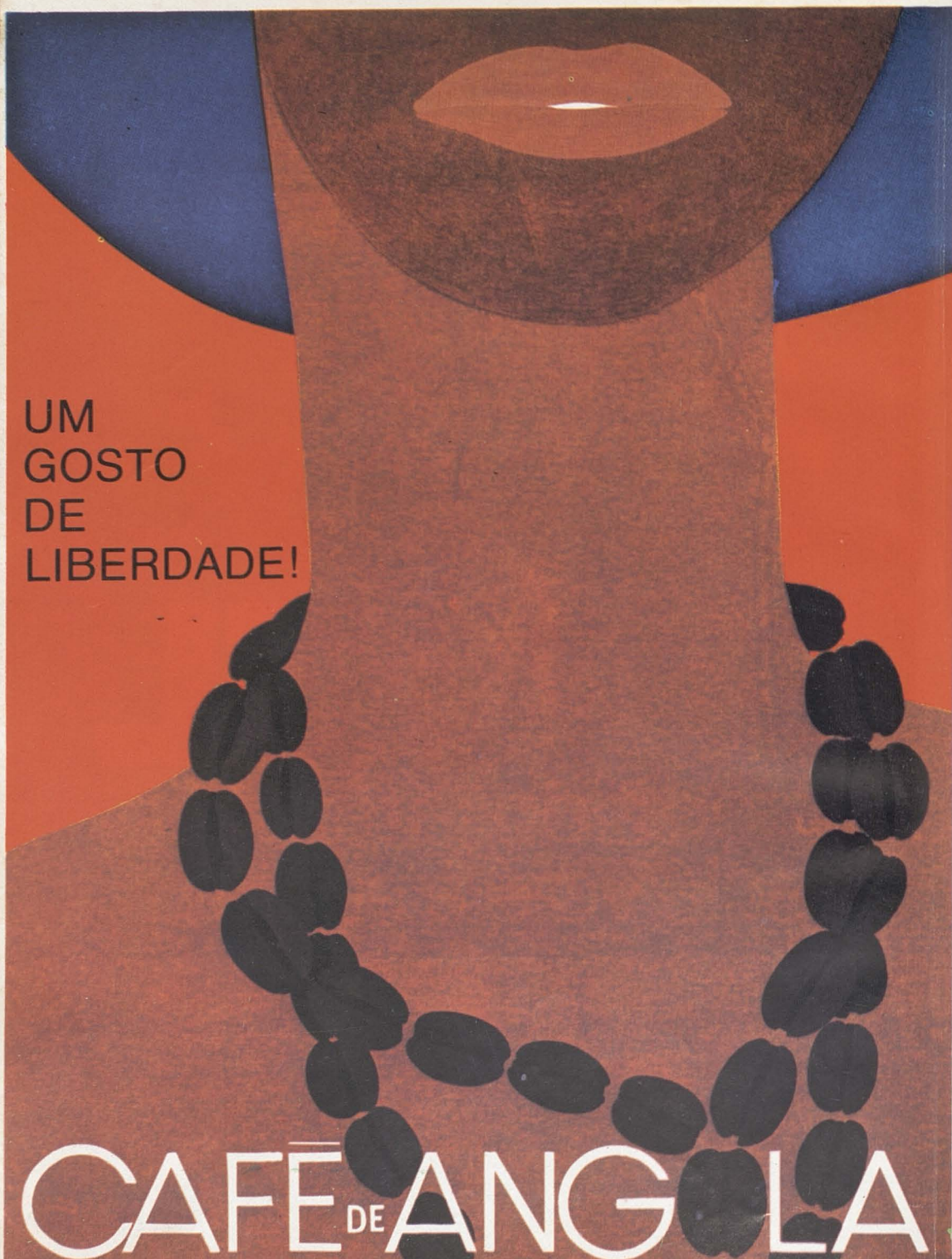
terceiro mundo

Mensal • Setembro 1984 • Esc 100 • Kz 65 • Mt 80 • PG 80 •
CV 80\$ • Cr\$ 2.000 • Ano VII • Nº 69



ISRAEL

O IMPASSE POLÍTICO



UM
GOSTO
DE
LIBERDADE!

CAFÉ DE ANGOLA

av. 4 de fevereiro No. 107 Luanda

Tel: 73671 2/3 CP. 342
Teleg: "IN CAFE" LUANDA

Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional.

Editor Geral
Neiva Moreira
Editores Associados
Pablo Piacentini e Beatriz Bissio
Conselho Editorial Internacional
Darcy Ribeiro – Juan Somavia
Henry Pease Garcia
Aquino de Bragança
Wilfred Burchett (1911-1983)

Editor e Director: Artur Baptista
Propriedade:
Tricontinental Editora Lda
Redacção e Sede da Administração:
Calçada do Combro, 10-1º
tel. 320650 1200 Lisboa
telex 42720 CTM TE P
Tiragem desta edição: 21.000 exemplares
Número de registo do Serviço de Depósito Legal: 789/82.

Edições em português

ANGOLA – CABO VERDE
GUINÉ-BISSAU – MOÇAMBIQUE
PORTUGAL – S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Redacção
Baptista da Silva
Carlos Pinto Santos
Guiomar Belo Marques

Revisão
Estevam Reis
Paginação
Samaral (editor de arte)
Sonia Freitas, Miguel Efe
Documentação e Arquivo
Cristina Assis

Serviços Comerciais
José C. Figueiredo
Publicidade
José Ferreira
Cristina Campos

Composição e Impressão
Gráfica Europam
Representantes

Angola
Luís Henriques, C. P. 3593, Luanda
Moçambique
Etevaldo Hipólito
Rua Kongwa, 153, Maputo
tel. 25140

BRASIL

Director e Editor
Neiva Moreira
Administração
Marinete Silva
Secretário de Redacção
José C. Gondim

Revisão
Cláudia Guimarães
Documentação e Arquivo
Lídia Freitas

Composição
Eunice H. Senna
Distribuição e Assinaturas
Ronaldo Fonseca

Divulgação
Henrique Menezes
Representantes
Clóvis Sena (Brasília)
Paulo Cannabrava Filho (São Paulo)
Caixa Postal 60086 – CEP 05033
Telex: (011) – 23059

Horacio Verbitsky
Uruguay, 560/59/55
Buenos Aires, Argentina
Fernando Reyes Matta
Casilla 16637 – Correo 9
Providencia – Santiago, Chile

Fotolito e Impressão
Ebano Gráfica e Editora Ltda.
Rua Gal. Bruce, 799
Tels.: 580-4476/580-4326

editora terceiro mundo Ltda.
Rua da Glória, 122 – grupo 105/106
Tel.: 242-1957/Telex: 2133054CTMB/BR
CEP. 20.241 – Rio de Janeiro – RJ
Registo na Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro nº 33.200.306.291
C. G. C. (MF) nº 30.876.783/0001-32
Inscrição Estadual nº 81.341.400
Registo no INPI nº 013.539
Registo no SCDP/SR/DPF nº 2.195 – P. 209/73

Edições em espanhol

MÉXICO – AMÉRICA CENTRAL
AMÉRICA DO NORTE E CARAÍBAS

Editor
Roberto Remo
Gerente Geral
Gerónimo Cardoso
editora periodistas del tercer mundo a. c.
calle California, 98A – Coyoacán
México, 21 DF – telephone: 689-1740
Correspondência: Apartado Postal 20 572
México, 20. DF

BOLÍVIA – CHILE – COLÔMBIA
EQUADOR – PERU – VENEZUELA

(Edição andina)
Publicada por DESCO: centro de Estudios y Promoción del Desarrollo
Avenida Salaverry, 1945
Lima, 14 Peru – Telephone: 724-712

Edições em inglês

ESTADOS UNIDOS – CANADÁ
EUROPA E PAÍSES DE LÍNGUA
INGLESA NO TERCEIRO MUNDO

Editor
Fernando Molina
Editor Consultivo
Cedric Belfrage
Apartado Postal 20.572 b–México, DF.

DISTRIBUIDORES

ANGOLA: EDIL – Empresa Distribuidora Livreira UEE, Avenida Luis de Camões, 111, Luanda. **BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City. **BOLÍVIA:** Tecnolibros S. R. L, Casilla de Correo 20288, La Paz. **BRASIL:** Fernando Chinaglia S. A., rua Teodoro da Silva, 907 – Rio de Janeiro. **CABO VERDE:** Instituto Caboverdeano do Livro, rua 5 de Julho, Praia. **CANADÁ:** Third World Books and Crafts, 748 Bay St. Ontario, Toronto – The Bob Miller Book Room, 180 Bloo St. West, Toronto. **COLÔMBIA:** Ediciones Suramérica Ltda., Carrera 30 No. 23-13, Bogotá. **COSTA RICA:** Semanario Nuevo Pueblo, Av. 8 Calles 11 y 13 No. 1157, San José. **CHILE:** Distribuidora Sur, Dardignac 306, Santiago. **EQUADOR:** Ediciones Sociales, Córdova 601 y Menduburo, Guayaquil – RAYD de Publicaciones, Av. Colombia 248, of. 205- Quito Ed. Jaramillo Arteaga, Tel. 517-590, Reg. Sendip Pex. 1258. **EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo, Primera Calle Poniente 1030, San Salvador – El Quijote, Calle Arce 708, San Salvador. **ESTADOS UNIDOS:** Guild News Agency, 1118 W. Armitage Ave., Chicago, Illinois – New World Resource Center, 1476 W. Irving Pl., Chicago, Illinois – Librería Las Américas, 152 East 23rd. Street, New York, N. Y. 10010 – Third World Books, 100 Worcester St., Boston, Mass 02118 – Librería del Pueblo, 2121 St. New Orleans, LA 70130 – Papyrus Booksellers, 2915 Broadway at 114th St., New York, N. Y. 10025 – Tom Mooney Bookstore, 2595 Folsom Street, San Francisco, CA 94110 – Book Center, 518 Valencia St., San Francisco, CA – Red and Black, 4736 University Way, Seattle – Groundwork Bookstore, U. C. S. D. Student Center B-023, La Jolla, CA. **FRANÇA:** Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des Ecoles, 75005 Paris. **GRÁ-BRETANHA:** Latin American Book Shop, 29 Islington Park Street, London. **GUINÉ-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional da Cultura. **HOLANDA:** Athenaeum Boekhandel, Spui 14-16, Amsterdam. **HONDURAS:** Librería Universitaria “José Trinidad Reyes”, Universidade Autónoma de Honduras, Tegucigalpa. **ITÁLIA:** Paesi Nuovi, Piazza de Montecitorio 59/60, Roma – Feltrinelli, Via de Babuino, 41 Roma – Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4-A Roma – Spagnola, Via Monserrato, 35/6, Roma – Uscita, Bianchi Vecchi, 45 Roma. **MÉXICO:** Unión de Expendedores y Voceadores de Periódico, Humbolt No. 47, México 1, D. F. – Distribuidora Sayrols de Publicaciones, S. A., Mier y Pesado No. 130, México 12, D. F. – Librerías México Cultural, Mier y Pesado No. 128, México 12, D. F. – Metropolitana de Publicaciones, Librería de Cristal e 100 livrarias em todo o país. **MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Ave., Ho Chi Minh 103, Maputo. **NICARÁGUA:** IMELSA, A. P., nº 2705, Managua, Nicarágua. **PANAMÁ:** Librería Cultural Paraméa, S. A., Ave España 16, Panamá. **PERU:** Distribuidora Runamarka, Camaná 878, Lima 1. **PORTO RICO:** Librerías La Tertulia, Amalia Marin Esq. Ave González, Río Piedras – Pensamiento Crítico, P. O. Box 29918, 65th inf. Station, Río Piedras, P. R. 00929. **REPÚBLICA DOMINICANA:** Centro de Estudios de la Educación, Juan Sánchez Ramírez 41, Santo Domingo – DESVIGNE, S. A., Ave Bolívar 354, Santo Domingo. **REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA:** Con. Medien und Vertriebs GMBH, Osterstr. 36, 2800 Bremen. **S. TOMÉ E PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular. **SUÉCIA:** Wenngren-Williams AB, S-10425, Stockholm. **VENEZUELA:** Publicaciones Españolas, S. A., Ave. México Lechoso a Pte. Brion, Caracas.

PORTUGAL: CDL, Central Distribuidora Livreira, Av. Santos Dumont, 57, 1000-Lisboa.

Circulação em 70 países

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Servic), SHIHATA (Tanzânia), Wafa (Palestina), e do pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém um intercâmbio editorial com as revistas Nueva (Equador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique) e com o jornal Daily News de Dar-es-Salaam (Tanzânia).



5 Cartas

7 Panorama Tricontinental

15 Editorial: O triunfo dos duros e a derrota do realismo

17 Matéria de Capa: Israel, o impasse político

- 18 Israel: Outra eleição para romper o impasse, *Neiva Moreira*
23 Cisjordânia-Gaza: Resistir por todos os meios, *Beatriz Bissio*
29 Palestina: Arafat, "Temos um oásis democrático no deserto", *Alberto B. Mariani*
31 Negociar com dignidade, entrevista com o bispo palestino, monsenhor Ibrahim Ayyad
37 Israel: As sequelas da guerra do Líbano



Yasser Arafat

América Latina

- 44 El Salvador: A unificação do comando guerrilheiro
47 Costa Rica: Uma democracia questionada, *Rodrigo Jaubert*
50 Guatemala: Uma manobra política, *Otoniel Martínez*



Açúcar: preços em queda vertiginosa

África

- 53 Tanzânia: Em tempo de mudanças, *Carlos Castilho*
57 Botswana: No centro da tempestade

Cultura

- 63 Ubaldo Ceballos, uma nova concepção da Banda Desenhada, *Etevaldo Hipólito*
69 Entrevista com os cineastas José Cardoso e Ruy Duarte, *Manuel Freire*
74 Notas

75 Livros do Terceiro Mundo

Economia

- 77 Açúcar: O preço amargo da crise
79 As transnacionais e o "apartheid"
83 Especial: A questão religiosa na América Central
84 Nicarágua: A política da igreja
87 Os "profetas" do anticomunismo na América Central, *Debora Huntington*

96 Humor: Mariano



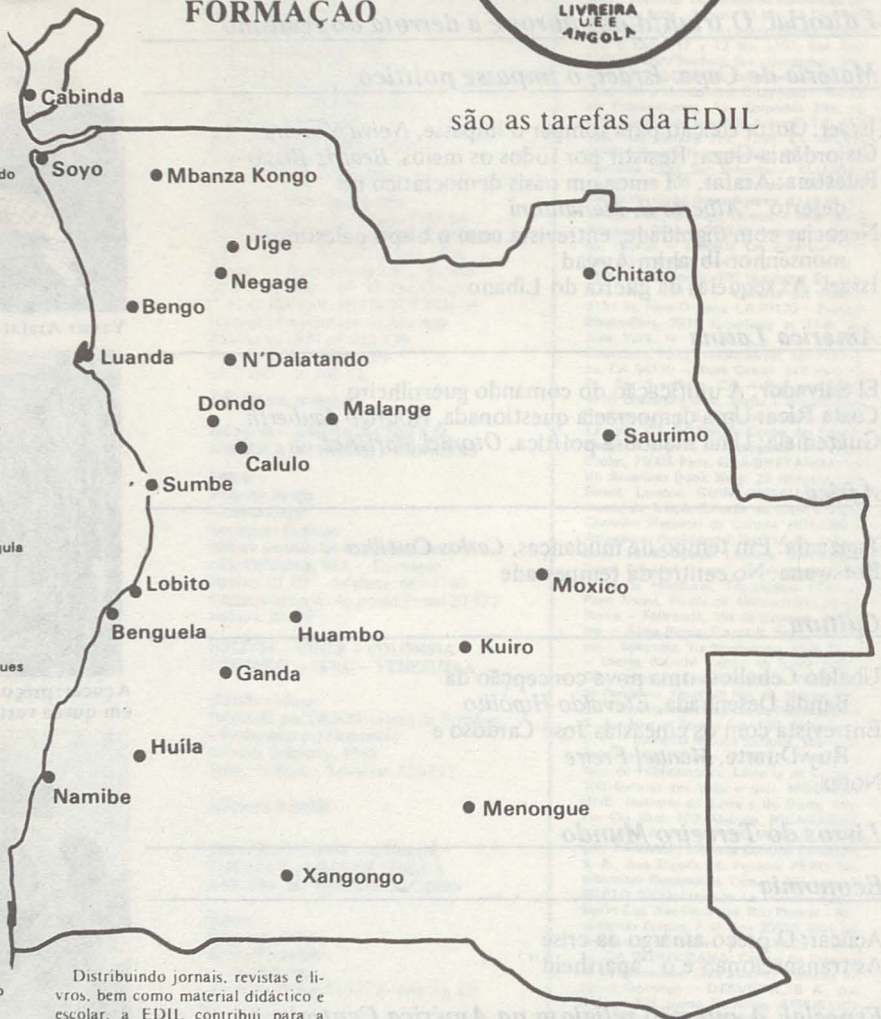
Seitas: a manipulação da fé

- **BENGUELA**
Livraria 10 de Fevereiro
- **BIÉ**
Livraria 11 de Fevereiro
- **CABINDA**
Livraria Lunda
Quiosque Maiombé
- **CALULO**
Livraria 17 de Setembro
- **DONDO**
Livraria 2 de Março
- **GANDA**
Livraria 1.º de Maio
- **HUAMBO**
Livraria 8 de Fevereiro
Quiosque Albano Machado
- **HUILA**
Livraria 27 de Março
- **K. KUBANGO**
Livraria Kilamba
- **KUANZA-NORTE**
Livraria 10 de Dezembro
- **KUANZA-SUL**
Livraria Anibal de Melo
- **LOBITO**
Livraria 11 de Novembro
- **LUANDA**
Casa da Venda
Armazém Venda Grosso
Quiosque 4 de Fevereiro
Livraria Centro do Livro
Livraria Augusto N'Gangula
Livraria 4 de Fevereiro
- **LUNDA-NORTE**
Posto de Venda
- **LUNDA-SUL**
Livraria Deolinda Rodrigues
- **MALANGE**
Livraria 1.º de Agosto
Quiosque N'Dongo
- **MOXICO**
Livraria 14 de Fevereiro
- **NAMIBE**
Livraria Lutuima
- **NEGAGE**
Livraria Saidy Mingas
- **SOYO**
Livraria Lundogi
- **UIGE**
Livraria 10 de Dezembro
- **ZAIRE**
Livraria Sagrada Esperança

**LEVAR:
INFORMAÇÃO
CULTURA
CIÊNCIA
FORMAÇÃO**



são as tarefas da EDIL



Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didáctico e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

EDIL Empresa Distribuidora Livreira
Caixa Postal 1245 — Rua da Missão, n.º 107/111
Luanda - República Popular de Angola

Carta do Mês

A Revolução dos Cravos dez anos depois

Recebi há tempos o nº 66/Maio dos *cadernos*. Do que já li gostei da panorâmica muito completa sobre a SADCC; também gostei de ler os textos sobre os 10 anos do 25 de Abril.

Quanto à Revolução dos Cravos, obra conjunta dos patriotas africanos e dos antifascistas portugueses, considero que por um lado ela teve continuidade nos países africanos libertados do colonial-fascismo português, mas por outro lado está quase completamente destruída em Portugal. Além disso, penso que nenhum dos três objectivos principais da Revolução foi alcançado verdadeiramente. Quanto a Democratizar, o que aconteceu é que a chamada democracia resume-se ao governo de uns dirigentes de uns partidos completamente isolados (os dirigentes, principalmente) do Povo e governando exclusivamente de acordo com os seus interesses pessoais e de classe (alta burguesia). No Parlamento os deputados limitam-se a serem meros números para uso das cúpulas partidárias não representando o Povo que os elegeu nem tendo ideias próprias; os poucos deputados que têm alguma dignidade são marginalizados e por vezes expulsos dos próprios partidos.

Quanto a Descolonizar, também

esse objectivo não foi ainda alcançado completamente — não nos podemos esquecer de Timor-Leste. Aí a situação não só não melhorou como ainda por cima se agravou. Quanto ao objectivo de Desenvolver, na realidade Portugal é um dos países em vias de subdesenvolvimento. É a crise mundial, é a subida do petróleo, é o dólar, etc.; desculpas, tudo conversa fiada! O que Portugal não tem é falta de recursos. Há recursos para desenvolver o país, basta usá-los inteligentemente e ao serviço da Nação.

Então o que nos ficou da Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974? Foi a Liberdade e as chamadas conquistas de Abril, nomeadamente as Nacionalizações e a Reforma Agrária. Porém os governos posteriores a 1975 têm vindo a destruir estas conquistas revolucionárias. Muitas terras têm sido entregues aos antigos latifundiários e tudo é feito para inviabilizar as Cooperativas e Unidades Colectivas de Produção. Quanto às Nacionalizações o panorama é semelhante: os governos têm feito tudo para tornar inviáveis as empresas nacionalizadas, nomeadamente através da nomeação de administradores que fazem esforços para levar essas empresas à falência em vez de as fazerem progredir. O passo seguinte para a destruição das Nacionalizações foi a abertura dos sectores básicos (nacionalizados) da economia à iniciativa privada, mais precisamente ao grande capitalismo

transnacional.

Apesar de tudo resta-nos a Liberdade? Mera ilusão. Se havia dúvidas de que até a Liberdade nos querem tirar, essas dúvidas dissiparam-se agora, pois o Sr. Soares e amigos pretendem a aprovação de uma "Lei de Segurança Interna", de perfil nitidamente fascista, que é uma afronta aos mais elementares direitos dos cidadãos, nomeadamente os direitos, liberdades e garantias estabelecidos na Constituição em vigor. Se o governo do Sr. Soares e amigos conseguir a aprovação desta lei, com a Reforma Agrária semi-destruída e com o capitalismo transnacional reinstaurado em Portugal, então da Revolução dos Cravos restar-nos-á apenas a lembrança e a saudade dos dias de esperança de 1974 e 1975. Então teremos que reacender a Esperança e iniciar a luta por um Abril Novo, uma Revolução do Povo, pelo Povo e para o Povo (...). Os capitalistas transnacionais estão aí; a repressão é algo cada vez mais frequente; a fome alastra; o homem que nos libertou do colonial-fascismo, Otelo Saraiva de Carvalho, está preso. O Povo português tem que tomar consciência do que se está a passar. Antes que seja tarde demais. (...)

Hoje envio-vos o cupão e respectivo cheque para o livro "A MONTANHA É ALGO MAIS QUE UM IMENSO ESTEPE VERDE", que fico aguardando ansiosamente.

Ernesto Cabral, Lisboa, Portugal.

Comercialização do desporto

Gostei muito do tema sobre os Jogos Olímpicos (nº 67) e fico muito triste com a perda do verdadeiro sentido de uma Olimpíada. Deixou de ser uma luta leal, competitiva e emocionante, entre os que não fazem a guerra, para ser guerra fria, calculista, de interesses políticos e financeiros unilaterais. Como nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em que foi comercializado cada metro da pista por onde passou a Tocha Olímpica. E aproveitando o assunto, venho fazer uma crítica ao tratamento que é dado ao nosso desporto que é comercializado como qualquer produto de consumo. Propagandas em camisas, financiamentos e concessões a

técnicos e atletas ou equipas fazem com que se inflacione o nosso desporto e que seja privilégio de poucos e superdotados atletas.

João B. de Araújo Filho, João Pessoa, PB Brasil.

Ditaduras do 3º Mundo

Sou escritor e estou sempre preocupado com o Terceiro Mundo. Gostaria de sugerir um tema ainda não abordado por essa revista: quantos países do Terceiro Mundo vivem sob regime militar? Será que é a maioria? Gostaria de ver uma matéria tratando esse assunto globalmente.

Jeremias Brasileiro — Uberlândia — MG — Brasil.

Alcoolismo

(...) Sugiro que esse veículo de comunicação, incansável porta-voz dos países subdesenvolvidos, elabore uma reportagem sobre o alcoolismo, uma doença reconhecida pela Organização Mundial de Saúde e que vem se propagando a passos largos, principalmente nos países de menor rendimento, como os do nosso pobre Terceiro Mundo. (...)

Francisco A. Otaviano, Brasília, DF, Brasil.

Mártires latino-americanos

(...) Proponho que *cadernos* faça uma reportagem completa sobre os mártires e os grandes lutadores ou mesmo uma edição especial sobre os

"vultos" que dedicaram as suas vidas pela libertação da América Latina. Tais como: Mariátegui, Sandino, Martí, Guevara, Allende, San Martín, Bolívar. Com isso em mãos, principalmente nós, jovens, estaríamos a aumentar o nosso conhecimento sobre as lutas que até hoje se travam em busca da liberdade. E que possivelmente travaremos num futuro próximo.

João Luiz dos Santos, Penapólis, SP, Brasil.

n.d.r. — Nas três edições portuguesas até agora publicadas do "guia do terceiro mundo" (1980, 81 e 83) foram inseridas 56 curtas biografias de dirigentes e combatentes do Terceiro Mundo e entre os quais aqueles referidos pelo leitor.

Drogas: um problema do capitalismo

1) *cadernos* está de parabéns pela excelente matéria de capa do mês de Junho/Julho (nº 67), "Drogas — um dos mais graves desafios do nosso tempo". Ao ler essa matéria, tomei conhecimento de factos que jamais ficaria a saber através das revistas burguesas. Uma coisa é certa: as drogas estão profundamente ligadas ao sistema capitalista, afinal de contas o capitalismo também é uma droga!

Antonio V. de Almeida, Rio de Janeiro, Brasil.

2) Quero felicitá-los pela excelente edição do nº 67 de *cadernos*. A matéria sobre "Drogas" esclareceu muito a respeito da proporção a que chegou o crime organizado o que, aliás, só é possível nos países capitalistas.

Luiz Claudio Duarte, Campos, RJ, Brasil.

3) (...) Li atentamente a matéria sobre drogas e gostei muito, embora ache que deveria ser mais abrangente, abordando, por exemplo, o uso das drogas na medicina. (...) São poucos os órgãos de informação que criticam a indústria de cigarros, bebidas e outros produtos prejudiciais à saúde, pois sabemos que esses são os principais sustentadores económicos da maioria dos meios de comunicação.

Henrique de Souza Miranda, São João da Boa Vista, SP, Brasil.

SADCC: um grande passo

Desejo manifestar a minha grande admiração aos *cadernos* pela árdua tarefa de levar informação de bom nível aos países do Terceiro Mundo. (...) Em especial, cumprimento a revista pela matéria de capa do nº 66, sobre a integração económica na África (SADCC), cujo texto revela a dura luta dos povos da África Austral pelo desenvolvimento e soberania nacional. É claro que uma iniciativa deste nível só poderia receber ferrenha oposição do regime racista do apar-

theid, sedento pela manutenção da grande dependência económica a que os nove países membros da SADCC ainda estão submetidos em relação ao posto avançado do capitalismo na África. Contudo, a iniciativa de criação da SADCC é um grande passo para a quebra da hegemonia do regime de Pretória na região, o que poderá fertilizar a luta dos povos africanos pela independência final através da construção do socialismo.

Mauro Pereira Porto, João Pessoa, PB, Brasil.

Intercâmbio

● Henrique A. Cândido de Carvalho
Bairro Comandante Valódia — Rua Sebastião, casa 77 — Luanda, Angola

● João Luiz dos Santos
Av. Maria Lucia, 682 — C. P. 423
Penápolis — SP — CEP.: 16.300, Brasil

● Eufrásia Ermelina Dias
Rua Dom João Moura, 432 — Engenho do Meio — Recife — PE
CEP.: 50.000, Brasil

● Jacinto Ernesto Cuna
C. P. 81 — Nampula, Moçambique

● Rudinaldo Silva de Souza
Rua José de Castro Lima Fº, 54
Vila Diva — São Paulo — SP
CEP.: 03.276, Brasil

● Amauri Nenevê
Rua do Pirizal s/nº — Bateias
Campo Alegre — SC — CEP.: 89.294, Brasil

● João C. Manuel Figueiredo
C. P. 458 — Huambo, Angola

● Joaquim de Assis
Av. João Evangelista, 113 — Bairro Santa Matilde — Conselheiro Lafaiete
MG — CEP.: 36.400, Brasil

● José C. Apollonio
Conjunto Valparaíso — Quadra 9
casa 48 — Coqueiro — Ananindeua
Belém — PA — CEP.: 67.000, Brasil

● Arno José Pellenz
Rua Ten. Jung 802 — Centro — Santo Cristo — RS — CEP.: 98.960, Brasil

● Sergio Inacio Hobi
Rua Mario Beni, 148/01 — Itanhaem
SP — CEP.: 11.740, Brasil

● Lucamba Magalhães
C. P. 318 — Waku Kuango
Cela, Angola

● Domingos Quiteque "Yoko"
C. P. 5002 — Luanda, Angola

● Lussevikueno Kinavuidi
C. P. 10685 — Luanda, Angola

● Bernadita Astorga Sepúlveda
Casilla 356 — Correo Central — Valparaíso, Chile

● Francisco Domingos Simão Borges
Rua da Vaidade, 249
C. P. 427
Luanda, Angola

● Domingos José Borges
Rua 110 — Bairro Rangel
C. P. 1934
Luanda, Angola

● Manuel Taves
C. P. 10421 — B. G.
Luanda, Angola

● Horácio Rungo
A/C de Eduardo Oliveira
Bairro Manhane — Matola
Av. Abel Baptista, talhão, 1216
Maputo, Moçambique

● Manuel Miguel
C. P. 520
Benguela, Angola

● Armando Alberto João
C. P. 16219
Luanda, Angola

● Sebastião Matias Francisco
C. P. 1119 — C
Luanda, Angola

● Sanda Kyamuangana
ENANA — ISEE/Aeródromo do
Nizeto — Zaire, Angola

● Barros Alves
C. P. D-5 — Maranguape — CE
CEP.: 61.900, Brasil

● Eurico Scaramussa
C. P. 497 — Centro — Vitória — ES
CEP.: 29.000, Brasil

● Marlene Maria Woll
Garibaldi, 902/306 — Porto Alegre
RS — CEP.: 90.000, Brasil

● Inocêncio H. Molares da Cruz
Bairro Comandante Nelito Soares
Ex-Terra Nova — Rua do Minho,
casa 78 — Luanda, Angola

Zimbabwe: ZANU reforça poderes de Mugabe

□ O primeiro-ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe, passou a concentrar todos os poderes dentro da União Nacional Africana do Zimbabwe, (ZANU) conforme decisão adoptada pelo partido, no seu segundo congresso realizado em 20 anos de existência. O congresso decidiu também que a ZANU se transformará num partido marxista-leninista que lutará pelo socialismo científico e pela implantação de um estado unipartidário no Zimbabwe.

Mais de seis mil delegados e 150 convidados estrangeiros assistiram às discussões do congresso realizado no hipódromo de Borrowdale, nos arredores de Harare, a capital do Zimbabwe. Entre os convidados estavam os presidentes de Moçambique, Samora Machel; Zâmbia, Kenneth Kaunda; e do Botswana, Quett Masire. Durante cinco dias, os membros da ZANU fizeram um balanço dos quatro anos em que o partido está no poder no Zimbabwe, ao mesmo tempo em que foi feita uma importante revisão da estratégia político-ideológica seguida pelo movimento desde a guerra da independência até à conquista do poder.

O primeiro-ministro Robert Mugabe foi escolhido como presidente executivo da ZANU, o cargo mais importante do Bureau Político criado no II Congresso, que aprovou também os novos estatutos do partido. Coube a Mugabe a escolha dos

15 membros do Bureau Político, juntamente com o vice-presidente da ZANU, Simon Muzenda, o segundo homem em importância na nova hierarquia partidária.



Robert Mugabe

A composição do Bureau Político marcou o fortalecimento da posição de Robert Mugabe. O ministro de Assuntos Legais, Edison Zwobgo, e o ministro do Trabalho Kumbirai Kangai não foram indicados, por causa de problemas internos. Zwobgo aparentemente não foi escolhido por supostas ambições de poder, enquanto Kangai está sob suspeita de envolvimento num escândalo de corrupção no seu ministério.

Em compensação, o ministro de Assuntos Políticos, Maurice Nyagumbno, reforçou a sua posição ao ser escolhido para o terceiro cargo em importância dentro da ZANU. Herbert Ushewokunze, apontado como um elemento do grupo mais radical no partido foi indi-

cado para a importante secretaria de Cultura da ZANU.

Além da proposta sugerindo a criação de um partido único, os participantes do congresso da ZANU decidiram integrar a preparação militar no sistema educacional existente no país, implantar o centralismo democrático nas decisões partidárias, pedir a nacionalização dos bancos, seguros e a ampliação do controlo estatal sobre as actividades produtivas. A decisão implica uma mudança profunda na estrutura económica do país onde as empresas estrangeiras dominam 55% dos sectores produtivos, a minoria branca local possui outros 25% e o Estado controla apenas 20%.

Os privilégios da minoria branca e das empresas estrangeiras estão assegurados pela constituição do Zimbabwe, aprovada nos acordos de Lancaster House assinados na Grã-Bretanha e que asseguraram a independência do país. Antes do congresso da ZANU haviam especulações de que o partido romperia com o acordo de Lancaster House, mas a resolução final disse que as transformações deverão ser realizadas dentro da constituição vigente. Isto significa que a estatização dos meios de produção, bancos e seguros, bem como a implantação do partido único talvez só venham a ocorrer em 1990 quando expira o prazo de vigência da constituição. Existe a possibilidade de que estas modificações possam ser antecipadas através da realização de um plebiscito, caso haja uma maioria de no mínimo 80% a favor das transformações. Isto no entanto está na dependência das eleições gerais do próximo ano.

Os homens africanos fogem da seca

□ No dia 4 de Agosto, os seis milhões de habitantes do Alto Volta não festejaram apenas o primeiro aniversário da ascensão ao poder do capitão Thomas Sankara, de 34 anos. O dia foi escolhido também pelo governo como a data de uma "nova independência" e para oficializar a mudança, Sankara anunciou a substituição do nome do país, uma nova bandeira e também um novo hino nacional.

A ex-colónia francesa do Alto Volta passou a chamar-se oficialmente Bourkina Fasso, um nome formado pela combinação das duas principais línguas do país (a mossi e a dioula) e cuja tradução aproximada é "o país dos homens correctos". A nova bandeira deixou de ter três faixas horizontais (uma preta, outra branca e uma vermelha) para ter apenas duas cores (verde e vermelha) com uma estrela de cinco pontas no meio. O hino nacional passou a

ser uma canção popular na língua fulá, a terceira mais importante do país.

As mudanças anunciadas durante uma semana de festas e comícios populares incluíram também a promulgação de uma amnistia para vários políticos ligados a regimes anteriores, entre eles o ex-presidente Maurice Yameogo, e o ex-primeiro-ministro Joseph Conombo. No discurso pronunciado pelo capitão Sankara no dia 4 de Agosto este garantiu que o surgimento de Bourkina Fasso marcará um rompimento definitivo com o neo-colonialismo, que, segundo o presidente, continuou a vigorar no país mesmo depois da independência formal em 1960.

Tendo ao lado o capitão Jerry Rawlings, chefe de governo de Gana, o líder da antiga república do Alto Volta, defendeu um estreitamento de relações com a Líbia, criticou a política do governo francês em

África e censurou o apoio da Costa do Marfim a dissidentes que fugiram para o exterior depois do golpe de 4 de Agosto de 1983.

Mas o futuro do governo da nova república está cheio de interrogações. O ex-Alto Volta é um dos 10 países mais pobres da África, com um rendimento *per capita* de 210 dólares, exportações que cobrem apenas um terço das importações e uma dívida externa, cujos juros consomem 35% do Produto Nacional Bruto (PNB), avaliado em 840 milhões de dólares. É também o país africano com mais alto índice de analfabetismo (95%). O outro grande problema é o bloqueio económico exercido pela Costa do Marfim, através do qual transitam todas as exportações e importações de Bourkina Fasso, que não tem acesso ao mar. No momento existe um défice de 350 mil toneladas de alimentos para uma população que há cinco anos sofre os efeitos da falta de chuvas, que ameaçam transformar todo o país num imenso deserto.

cadernos do

terceiro mundo

Portugal

anual (12 números) 650\$00
semestral (6 números) 400\$00

Espanha (12 números) 900\$00

Estrangeiro — Anual (12 números)

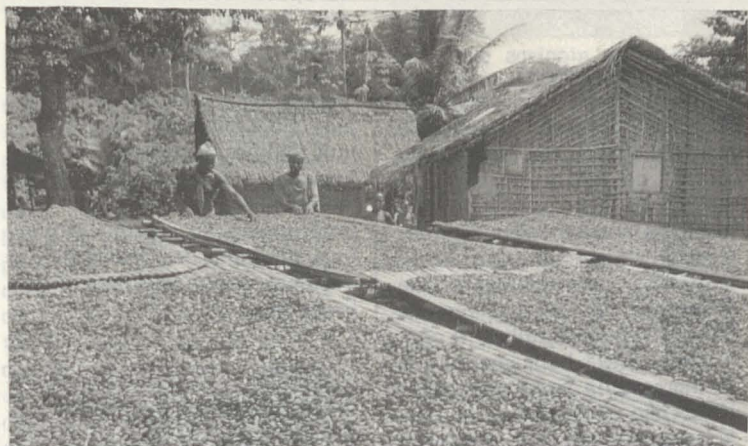
por via aérea

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe
23 dólares USA,

Restantes Países 28 dólares USA

Assinaturas

África: a crise alimentar



A África produz o que não consome e consome o que não produz

Os 40 ministros da Agricultura dos países africanos reunidos em Harare, capital do Zimbabwe, em meados do mês de Julho admitiram que o continente enfrenta a pior crise alimentar da sua história e chegaram à conclusão de que não adianta esperar pela ajuda externa para evitar uma provável catástrofe na produção agrícola na região. Os sombrios prognósticos apresentados à Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) incluem ainda a constatação de que fracassou completamente o plano lançado há dez anos pela ONU e que estabeleceu como meta a eliminação da fome entre as crianças africanas.

Não menos pessimista foi o diagnóstico feito em torno do andamento do plano de acção proposto em Lagos em 1980 para reequilibrar a produção de alimentos na África até 1985. O crescimento demográfico médio de 3% em todo o continente, a sucessão de secas e enchentes verificadas nos últimos 12 meses e o acentuado desgaste das terras fizeram com que nada menos que 25 países afri-

canos vivam hoje na dependência total de ajuda alimentar externa para evitar grandes taxas de mortalidade pela fome. Na declaração final da conferência de Harare, os ministros da Agricultura dos 40 países reconheceram que serão os próprios africanos que terão de encontrar a saída para a crise dramática na qual foram atirados pela herança deixada pelo colonialismo.

O plano de recuperação aprovado na conferência da capital do Zimbabwe foi classificado como "um acto de fé" e prevê os seguintes pontos: a) destinar os recursos necessários para apoiar a produção agrícola a todos os níveis, com ênfase especial para os pequenos produtores; b) estabelecer um sistema de incentivos através de preços mínimos mais remuneradores para o agricultor, da mesma forma em que será melhorado o sistema de comercialização e de benfeitorias; c) aumentar os créditos à agricultura e fazer pagamentos em dia; d) melhorar a infra-estrutura de transportes e a assistência técnica; e) aumentar o controlo sobre as enfermidades do gado.

Muitos participantes da reunião admitiram que as recomendações não garantem a solução imediata dos problemas, mas afirmaram que nas circunstâncias actuais era a única alternativa possível. O principal problema da agricultura africana é que nos últimos 50 anos foi drasticamente alterada pela introdução da monocultura ou do plantio de produtos destinados à exportação. Isto desorganizou completamente o sistema de agricultura comunal existente desde o período pré-colonial e que assegurava a auto-subsistência alimentar em quase todos os países africanos. Atirados para a armadilha da monocultura para o mercado externo, os governos partiram, por recomendação de técnicos europeus, em direcção aos cultivos intensivos, o que acentuou um prematuro desgaste das terras.

Assim, hoje, a maioria dos países da África produz o que não consome, e consome o que não produz. Os ganhos com a exportação de alimentos para os mercados da Europa e dos Estados Unidos são insuficientes para pagar a importação de cereais básicos como o milho que na sua maior parte é comprado em países ricos. A grave situação afecta até mesmo países como Zimbabwe, que tradicionalmente era considerado como um dos grandes celeiros da África, mas que hoje em função da seca, do boicote externo e da desestabilização do comércio internacional é obrigado a importar milho para consumo interno.

Os ministros que foram a Harare em Julho comprometeram-se no final da reunião a fazer o "possível e o impossível" para que na próxima reunião regional sobre alimentação e agricultura, programada para 1986, o panorama não seja "tão pessimista como agora".

Lomé III marcada para Dezembro

□ A terceira convenção de Lomé, reunindo países da África, Caraíbas e Pacífico aos dez governos da Comunidade Económica Europeia (CEE), deverá ser assinada na capital da República Africana do Togo entre os dias 7 e 11 de Dezembro. Apesar do anúncio feito pelo presidente do Comité de Embaixadores dos 64 países membros, o representante do Uganda, Francis Okello, ainda existem dúvidas sobre o principal ponto do novo acordo.

regiões mais pobres.

A primeira convenção de Lomé, também conhecida como Lomé I, foi assinada no dia 31 de Janeiro de 1975, na capital do Togo, prevendo uma série de normas sobre o intercâmbio comercial entre as ex-colónias nomeadamente da França e da Grã-Bretanha na África, Ásia e Caraíbas. A convenção visava basicamente que o ingresso da Grã-Bretanha na CEE não prejudicasse as relações comerciais da França com



A ajuda europeia é insuficiente para os africanos e asiáticos

A Grã-Bretanha opõe-se a um aumento de 50% no fundo de financiamento, contrariando o desejo da maioria dos países africanos, caribíanos e asiáticos, bem como do governo de Paris. A questão deverá ser definida numa reunião restrita dos membros da entidade, prevista para Outubro em Bruxelas. Se a proposta francesa for aprovada, a convenção passará a ter recursos da ordem de 1,5 mil milhões de dólares para planos de desenvolvimento nas

as suas ex-colónias. No fundo era uma luta das duas principais ex-metrópoles coloniais da Europa para preservar áreas de influência económica na África, Ásia e Pacífico.

Quatro anos mais tarde, em Dezembro de 1979, foi assinada a Lomé II, que estabelecia normas para novas adesões. Entre 1975 e 1979, cerca de 12 países pediram a adesão na convenção para beneficiarem das vantagens oferecidas pela CEE na importação de produ-

tos africanos, asiáticos e caribíanos. Desde a assinatura da Lomé II, as importações dos europeus caíram em 17% o que, agravado pela redução dos preços das matérias-primas exportadas pelos países menos desenvolvidos, gerou um défice que hoje alcançou quase 2,5 mil milhões de dólares. Isto aumentou a dependência das ex-colónias em relação às suas ex-metrópoles, ao mesmo tempo que diminuiu drasticamente os recursos disponíveis para novos investimentos.

Sabotagem no porto de Luanda partiu de submarino sul-africano, revela "The Observer"

Segundo o jornal inglês *The Observer*, as minas que danificaram a 29 de Julho no porto de Luanda os navios angolanos "Lundoge" e "Arensee" da República Democrática Alemã, carregados de bens alimentares, foram colocadas por um submarino sul-africano. O acto de sabotagem teria sido organizado pelo "Grupo de Reconhecimento Nº 4" das forças armadas sul-africanas com base na região da baía de Saldanha, nas proximidades da Cidade do Cabo.

O diário de Londres relaciona esta nova acção terrorista, que revela métodos utilizados pela CIA na minagem das águas territoriais da Nicarágua, com uma reunião secreta realizada há três meses na Cidade do Cabo em que teriam participado Chester Crocker, sub-secretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Roelof Botha, ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros e Jonas Savimbi, chefe da UNITA. O encontro teria servido para programar novos actos de desestabilização da República Popular de Angola.

Os homens africanos fogem da seca

Existem hoje cerca de três a quatro vezes menos homens a trabalhar na agricultura na África do que há cinco anos atrás. Em países como Malawi, Uganda, República Centro-Africana, Senegal e Níger, as mulheres já perfazem até 66% da população rural, em contraste com a realidade do início da década de 70, quando havia então um relativo equilíbrio. E o contraste é ainda maior quando os números são comparados com os da América Latina, onde as mulheres são apenas 10 a 20% da população rural.

O êxodo masculino em massa é uma das consequências da acentuada desertificação da região central da África, onde a seca se prolonga ano após ano. Nessa extensão de terra (o Sahel), os homens estão a fugir para as cidades ou países vizinhos na base de 1,4% ao ano segundo cálculos da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Vão em busca de trabalho tentando com os salários compensar a perda de alimentos e poder aquisitivo gerada pela seca.

Tradicionalmente, a mulher tem um papel destacado na agricultura africana porque sempre lhe coube assegurar os cultivos de auto-subsistência, enquanto os homens se dedicavam ao pastoreiro e à complementação da economia doméstica. No sistema da agricultura familiar africana, a mulher garante a alimentação dos filhos, enquanto o excedente que assegura a possibilidade de comprar ferramentas, sal e roupas é fornecido pela troca de produtos agrícolas ou pelo trabalho assalariado do homem.

Com a seca, a desertificação, e a conseqüente queda da pro-

ductividade agrícola, as exigências de complementação da economia de subsistência aumentaram dramaticamente, obrigando o homem a ir procurar cada vez mais longe o suplemento alimentar da sua família. Assim, em países como o Malawi, a mulher passou a ser também no campo a chefe da família alterando os costumes tradicionais. Os homens, por sua vez, cada vez mais distantes da sua terra natal vão perdendo os vínculos com os seus parentes. Muitos, ao fim de algum tempo, deixam simplesmente de enviar dinheiro, enquanto outros formam nova família. Assim, a mulher que ficou para trás com os filhos, vivendo numa terra que produz cada vez menos, passa a ser a grande testemunha da tragédia da fome. Não tem condições de emigrar

porque não só os costumes agem contra ela, como principalmente não tem mercado de trabalho, seja nas cidades seja nos países vizinhos.

Segundo a FAO, em alguns países africanos a percentagem de mulheres que funcionam como chefes de família já alcança 40% dos casais. Economicamente, essa situação poderia ser tolerável se as mulheres pudessem reivindicar crédito, participar na comercialização e da distribuição. Mas essas são tarefas normalmente exclusivas aos homens e assim elas ficam privadas dessas vantagens econômicas oferecidas por países que não adotaram uma política específica de promoção da mão-de-obra feminina. Ainda segundo pesquisas feitas por técnicos da FAO, a grande maioria das mulheres que assumiu a chefia da família, espera pelo regresso dos maridos. Mas em muitos casos, a fome torna essa espera inútil.

As mulheres são as grandes vítimas da fome na África



Argentina/Chile: um acordo final em Beagle?

□ A decisão do presidente argentino Raúl Alfonsín de convocar um plebiscito nacional sobre a questão do canal de Beagle foi uma manobra para antecipadamente neutralizar uma possível oposição política por parte dos sectores ultra-nacionalistas da direita. Esta é a interpretação mais corrente nos meios políticos de Buenos Aires, onde a maioria dos partidos e o clero apoiaram a decisão de Alfonsín, enquanto vários militares ligados aos governos ditatoriais de 1973 a 1983, manifestaram dúvidas sobre a natureza do acordo com o Chile, elaborado graças a uma mediação do Vaticano.

Até ao fim de Agosto o texto da proposta elaborada pelo papa João Paulo II ainda não era conhecido. A divulgação será feita de forma conjunta tanto pela Argentina como pelo Chile, depois de os respectivos governos terem aprovado o texto básico. Segundo informações não oficiais, a proposta pontifícia dá ao Chile a soberania sobre três milhas de mar territorial no oceano Atlântico em troca do compromisso de nos próximos cinco anos evitar qualquer outra reclamação sobre limites ao longo dos cinco mil quilómetros de fronteiras entre os dois países. A sugestão da Santa Sé não satisfaz plenamente a Argentina que sempre defendeu o princípio bi-ocênico, segundo o qual o Chile deveria ficar apenas com o lado do oceano Pacífico sem qualquer extensão dos seus limites para o Atlântico. Mas também não defende integralmente a posição chilena que reivindica uma possível extensão para até 200 milhas de mar territorial a oeste da Terra do Fogo.

A polémica em torno da soberania no canal de Beagle surgiu em 1979, quando a Argentina contestou um laudo favorável às pretensões chilenas, elaborado pela coroa inglesa. O impasse levou os dois países do Cone Sul a um virtual estado de guerra que só não chegou às últimas consequências devido à intervenção do Vaticano que se ofereceu e foi aceite como mediador. A proposta da Santa Sé já é do conhecimento da Argentina e do Chile desde 1981, sem que os sucessivos governos militares de Buenos Aires se tivessem manifestado sobre ela até a ascensão de Alfonsín ao poder, no final do ano passado.

Depois da convocação do plebiscito, o clero argentino na sua maioria apoiou a decisão do presidente Alfonsín, embo-

ra tenham surgido algumas interpretações de que a posição da Casa Rosada poderia significar uma eventual redução da autoridade pontifícia na questão de Beagle. Alguns sectores do peronismo também levantaram dúvidas afirmando que ninguém poderia tomar uma posição sobre a consulta popular sem ter conhecimento antecipado da proposta do papa João Paulo II. O governo argentino disse que o plebiscito somente será realizado, no mínimo, um mês após a divulgação oficial do texto do acordo. Segundo a Casa Rosada, os resultados da consulta popular também não terão qualquer influência directa sobre a votação no Congresso, cuja liberdade de acção no problema foi reafirmada por Alfonsín. Mas é inegável que o voto popular exercerá um forte efeito político sobre os deputados e senadores argentinos. O governo militar do Chile recusou qualquer hipótese de realizar também um plebiscito.



Granada: o caos após a invasão

□ Mais de nove meses após a invasão de Granada por seis mil *marines* norte-americanos e 300 homens da Organização dos Estados das Caraíbas Orientais (OECS), a situação económica e política na ilha continua igual ou pior que a provocada pelo golpe militar de 19 de Outubro de 1983 para derrubar o Governo Popular Revolucionário (PRG) de Maurice Bishop e que foi o pretexto para a ocupação norte-americana.



A solução para a crise económica da ilha só virá com uma definição do quadro político

O desemprego está calculado oficialmente em 33% mas os próprios funcionários do governo provisório admitem que o índice é de 50%. Centenas de jovens são vistos sentados nas calçadas de Saint Georges, a capital.

Dos 57 milhões de dólares prometidos pelos Estados Unidos como ajuda económica para os próximos anos, 19 mi-

lhões serão destinados à conclusão das obras do aeroporto internacional de Point Salines e só seis milhões serão investidos na recuperação da infraestrutura do país. A situação económica preocupa empresários, políticos e banqueiros internacionais e todos parecem concordar que as soluções no plano económico só poderão ser encaminhadas após uma definição na área política. Também aqui o panorama é complicado.

As eleições para o novo governo de Granada ainda não foram marcadas mas quer os funcionários do governo norte-americano quer os políticos granadinos têm realçado a urgência com que elas devem ser definidas a fim de se vislumbrar uma saída para a crise que o país atravessa.

Seis partidos disputarão as eleições: o Partido Trabalhista Unido de Granada (GULP), de direita, liderado pelo ex-primeiro-ministro Eric Gairy; o Partido Nacional de Granada (GNP), chefiado pelo ex-primeiro-ministro Herbert Blaize, que governou entre 1962 e 1967; o Movimento Patriótico Maurice Bishop (MBPM), facção do Novo Esforço Conjunto para o Bem-Estar, a Educação e o Trabalho (*New Jewel*) e dirigido pelo ministro da Agricultura do Governo Popular Revolucionário (PRG), George Louison (o *New Jewel* foi o movimento com o qual Bishop assumiu o poder em Granada); o Partido Trabalhista Democrata Cristão (CDLP), de Winston White, ex-ministro do governo de Gairy e que lança agora o "gairismo sem Gairy"; o Partido Democrático Nacional (NDP), do economista e professor George

Brizan, e o Movimento Democrático de Granada (GDM), do também professor Francis Alexis.

O GDM de Alexis apoia o GNP de Blaize e ambos formam a Aliança pela Unidade Nacional (TNU). Os seis partidos só coincidem num ponto: cada um quer conquistar um total de lugares no parlamento suficiente para deter o controlo político do país.

Cinco partidos temem que a convocação imediata das eleições favoreça o GULP de Gairy, cujo governo de 14 anos de denunciada corrupção criou as condições que possibilitaram a formação e a tomada do poder pelo *New Jewel* de Bishop. Diversos sectores da sociedade granadina, em especial os que estiveram ligados ao Governo Popular Revolucionário de Bishop, acreditam que Gairy conta com o apoio dos Estados Unidos, o que naturalmente é desmentido por funcionários do governo de Ronald Reagan.

Os observadores acham que as eleições serão convocadas ainda este ano, possivelmente em Novembro, por pressão dos Estados Unidos. Os outros partidos defendem a realização das eleições para o próximo ano, apesar da urgência de se definir o panorama político, para que as agremiações possam divulgar melhor as suas plataformas.

O dirigente do MBPM, George Louison, que pretende retomar o programa do Governo Popular Revolucionário de Bishop, disse que se os norte-americanos determinarem a imediata realização das eleições, o GULP de Gairy terá grandes condições de ganhar. "Os Estados Unidos criarão um novo monstro", adverte Louison ao admitir uma vitória de Gairy. "Se isso acontecer", acrescenta um funcionário do governo provisório, que preferiu não se identificar, "haverá outra revolução aqui". (*Octavio Tostes*)

Honduras: A ofensiva armamentista

□ Com a compra de aviões brasileiros do tipo *Tucano* e de caças espanhóis *C-101*, a força aérea das Honduras confirmou a sua supremacia em relação aos efectivos dos países vizinhos. Segundo especialistas militares da América Central, a força aérea hondurenha deixou de ser puramente "dissuasiva" para se transformar numa unidade poderosa cujos aviões podem alcançar as capitais dos países vizinhos em menos de 25 minutos de voo.

O comando militar hondurenho justificou a ampliação dos efectivos aéreos como uma espécie de compensação a um suposto desenvolvimento mais lento do exército e da marinha. Os círculos oficiais insistem que o Exército Popular Sandinista, da Nicarágua, tem uma vantagem de quatro soldados para um em relação às Honduras, cujo efectivo total no momento seria de 20 mil homens.

Na verdade, o reequipamento militar das Honduras ocorre tanto na aeronáutica como no exército, tendo como base o aumento da ajuda militar norte-americana ao país. Em 1983, o governo hondurenho recebeu 37 milhões de dólares em ajudas militares dos Estados Unidos. Este ano, a verba subiu para 78 milhões de dólares e

para 85 já está autorizada pelo congresso norte-americano a entrega de mais 72 milhões. Além disso, o Pentágono transformou o território hondurenho numa espécie de campo de treino permanente com a realização de sucessivas manobras militares conjuntas, iniciadas no ano passado e que continuam até hoje.

O reequipamento militar das Honduras provocou sérias apreensões em países vizinhos, principalmente na Nicarágua. Ao longo da fronteira entre os dois países, os hondurenhos concentraram um grande número de pistas de aterragem e estações de radar, além de terem construído centenas de estradas para facilitar o deslocamento de tropas. O território hondurenho perto da fronteira também é usado como base para os grupos somozistas que efectuam incursões armadas contra cidades e cooperativas agrícolas da Nicarágua.

Mas apesar da ajuda sólida norte-americana ter concedido enormes vantagens ao exército hondurenho, existem oficiais descontentes com os termos do acordo militar firmado entre os dois países em 1954. O principal ponto de discórdia é o funcionamento do Centro Regional de Treino (CREM), locali-

zado em Porto Castilla, no oceano Atlântico. O Centro funciona desde Junho de 1983 e foi criado pelo general norte-americano Paul Borman, chefe do Comando Sul dos EUA (com sede na zona do canal do Panamá) e que segundo diplomatas centro-americanos é uma espécie de "vice-rei" do Pentágono para a região, tendo inclusive mais poderes do que o Departamento de Estado norte-americano.

Como o CREM tem funcionado desde a sua criação basicamente para treino de militares salvadoreños, grupos de oficiais das Honduras tornaram público que isso atenta contra a soberania nacional. Honduras e El Salvador estiveram envolvidos em 1969 na chamada "guerra do futebol" por causa de uma disputa territorial na fronteira comum. A guerra durou algumas semanas, mas as desconfianças recíprocas duram até hoje, apesar do esforço norte-americano para impor os interesses do Pentágono na área e que prevêem uma aliança de El Salvador e Honduras contra a Nicarágua. Os oficiais descontentes no exército hondurenho querem que o CREM seja reformulado, alegando que, desde o ano passado, para cada soldado das Honduras, foram treinados três salvadoreños em Porto Castilla.

Surgiram também sinais de fortes ressentimentos entre militares hondurenhos contra o que foi classificado de "falta de vontade política" da parte de El Salvador para concretizar o acordo que acabou com a "guerra do futebol" e que até hoje não foi completado. O exército hondurenho praticamente suspendeu a sua participação nos exercícios militares do CREM desde Janeiro e chegou a ameaçar um boicote total caso o acordo militar com os Estados Unidos não seja revisto.

Os aviões "Tucano" reforçaram a supremacia aérea das Honduras



O triunfo dos duros e a derrota do realismo

As eleições de Israel afastam a possibilidade de um acordo que satisfaça os direitos palestinos? Os resultados, que envolvem uma viragem à direita do *establishment* político judaico, favoreceram os sectores mais intransigentes dos principais partidos políticos e prenunciam crescentes tensões tanto a nível interno como à escala internacional. Esses factos, no entanto, em nada modificam a outra face da realidade. A questão palestina continua a ser o eixo do problema regional e a combinação de forças que hoje governa o Estado sionista não apresenta uma fórmula para enfrentar a questão.

A recontagem dos votos não mostra nenhuma variação nos totais eleitorais dos dois grandes partidos, o *Trabalhista* e o *Likud*, e sim uma virtual paridade que aprofunda a divisão nacional e reveste de fragilidade a maioria parlamentar. Ao mesmo tempo, os sectores dominantes de ambos os partidos competiram, durante a campanha, na sua intransigência em relação ao povo palestino. Se a agremiação trabalhista de Shimon Peres não tivesse tomado essa atitude poderia de alguma forma ter-se justificado a esperança de que a ligeira maioria obtida sobre o extremismo do *Likud* implicasse uma aproximação relativa em relação à população dos territórios ocupados.

Quanto a este assunto, as fórmulas dos dois grandes partidos diferem entre si, mas ao mesmo tempo coincidem em ser igualmente inaceitáveis para os seus destinatários árabes. Esse facto, juntamente com o acentuado tom antipalestino da campanha trabalhista, explica a indiferença com

que os habitantes dos territórios ocupados receberam a apertada vitória de um partido que, por suas origens social-democratas, deveria ter motivado e agrupado os núcleos progressistas e propensos à paz na sociedade judaica. Essa recusa dos líderes políticos de Israel em procurar uma solução negociada é, em primeiro lugar, uma renúncia à estabilidade e segurança do seu próprio Estado, que não poderá superar o isolamento e a tensão enquanto for mantido o *status quo*, que é tudo o que o actual regime pode oferecer.

Nesse sentido, talvez o aspecto mais grave esteja na "direitização" da cúpula trabalhista que — ao recorrer a propostas que em substância são tão duras quanto as do *Likud* —, privam de interlocutores potenciais não só os árabes como também influentes protagonistas da cena internacional que nestes anos dispensaram esforços mediadores entre árabes e israelitas. Os países mediadores obtiveram a ampla disponibilidade que esperavam por parte da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), inclusive a contrapartida implícita do reconhecimento do Estado de Israel. Hoje comprovam que são os dirigentes judeus que se excluem unilateralmente do caminho da paz. Algo semelhante aconteceu no interior do Estado de Israel, onde amplas camadas da população judia favoráveis à negociação e a diversas fórmulas de reconhecimento dos direitos palestinos e da coexistência étnica, foram ultrapassadas pela rebelião dos grupos mais reaccionários dos partidos tradicionais. A evidência mais palpável disso

consistiu em que a ala esquerda do trabalhismo, que naturalmente está a favor de propostas moderadas, foi literalmente afastada da campanha e não pôde, portanto, expressar-se. Observa-se, pois, que a "direitização" das cúpulas, embora tenha dado como resultado a vitória eleitoral dos expoentes mais intransigentes, não parece reflectir totalmente a relação de forças na sociedade hebraica e cria novas contradições na política israelita.

A política de agressão permanente que Israel pôs em prática contra a população palestina, juntamente com tentativas e manobras tendentes a dividi-la, fracassou completamente já que, tanto os habitantes dos territórios ocupados como os da diáspora estão solidamente unidos em torno das suas reivindicações nacionais, da OLP e dos seus líderes.

Perante isso, o partido de Peres, supostamente menos radical do que o *Likud*, assume uma postura que impossibilita o início de um diálogo sério e construtivo, capaz de abrir o caminho para uma solução negociada do problema do Médio Oriente.

Se acrescentarmos a esse antecedente a forte presença do *Likud* e de outros núcleos de extrema direita no parlamento, é fácil prever que todas as tentativas que o governo dos Estados Unidos faça para propiciar um acordo duradouro na região estão condenadas de antemão ao fracasso.

A Casa Branca viu com bons olhos a vitória de Peres, consciente de que o extremismo aberto do *Likud* lhe oferecia um aliado rebelde e negativo para a sua imagem internacional. Confiava, ao mesmo tempo, que Peres, à frente do governo, fosse um interlocutor mais sensível para a via negociadora.

A abertura do diálogo seria um grande triunfo para o presidente Ronald Reagan, mas objectivamente a situação é menos propícia do que nos tempos de Camp David. Agora, conta em primeiro lugar a viragem à direita dos dirigentes judeus, inclusive dos seguidores de Peres. Por outro lado, as

experiências fracassadas nas discussões anteriores não tornam previsível que o sucessor de Sadat, Hosni Mubarak, se possa comprometer numa negociação na qual não poderá obter concessões aceitáveis para árabes e palestinos.

A Casa Branca tem, evidentemente, meios para pressionar e virtualmente obrigar os israelitas — que dependem de sobremaneira dos Estados Unidos — a cederem para além dos seus desejos. Isso, porém, é certo em teoria, enquanto que na prática, devido ao peso interno da colectividade judaica, nunca Washington fez valer todo o peso da sua influência e muito menos o fará num ano de eleições.

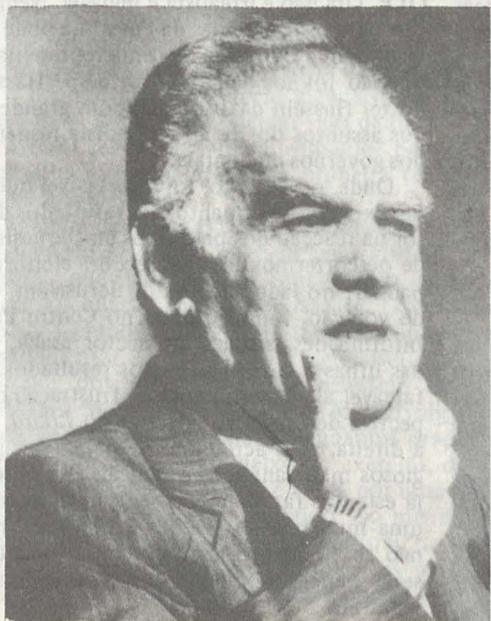
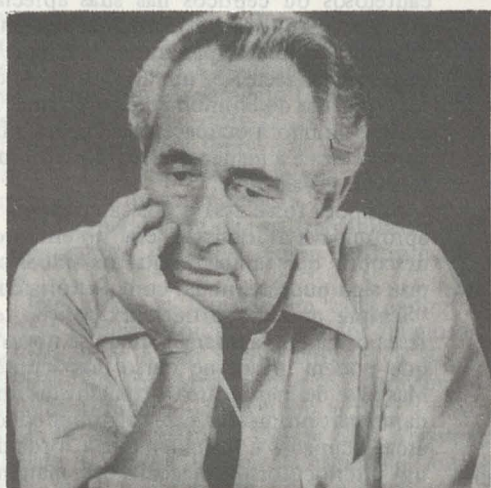
Por outro lado, ainda não se viu o verdadeiro interesse dos Estados Unidos numa solução para o problema palestino, pelo menos a partir de uma óptica aceitável para os próprios interessados.

A questão palestina, entretanto, está hoje, mais do que nunca, no centro da problemática de Israel e do Médio Oriente, e isso é reforçado pelo facto dela ter sido o eixo da campanha eleitoral e das difíceis negociações para formar o novo governo. Para preservar as suas conquistas territoriais, o Estado judaico dotou-se de um imponente aparato militar e que é a causa principal da grave crise económica que asfixia o país. Israel pagou um preço altíssimo para submeter os palestinos, mas não conseguiu dobrá-los. E mais, não ganhou nem mesmo uma perspectiva de paz e segurança, pois sente-se rodeado de vizinhos hostis e reivindicativos.

A negociação com os palestinos e o reconhecimento dos seus direitos nacionais não é, portanto, apenas uma exigência destes, mas também a premissa para a própria segurança de Israel, para a sua inserção pacífica e segura na área e para a solução de uma crise económica que a continuidade do *status quo* aprofundará até atingir proporções incontroláveis. Neste contexto, a vitória dos políticos mais intransigentes implica, como consequência, que Israel se feche sobre si mesmo, numa perigosa negação da realidade que o coloca num beco-sem-saída. ●

ISRAEL

O IMPASSE POLÍTICO



A expectativa criada pela antecipação das eleições em Israel rapidamente se frustrou pelos seus confusos resultados, que atiraram o país para um impasse político cujo desfecho ainda não é fácil de prever. Durante a eleição e nos dias seguintes, o nosso director, Neiva Moreira, e a nossa editora-associada Beatriz Bissio estiveram em Jerusalém onde conversaram com judeus e palestinos sobre a nova etapa que se abre ao país. Deslocaram-se também pelas diferentes cidades da Cisjordânia – Ramallah, Hebron, Nablus – estiveram na Universidade de Bir Zeit, onde recolheram impressões e depoimentos da população local e dos seus dirigentes sobre as sequelas de 17 anos de ocupação militar israelita.

Outra eleição para romper o impasse



O parlamento ficou dividido ao meio, o Likud está gasto, os trabalhistas oferecem

pouca coisa de novo, os religiosos reivindicam o "khomeinismo" à base do Talmud e a esquerda apenas começa a tornar-se um factor político

Neiva Moreira

As eleições em Israel foram acompanhadas com grande interesse e algumas esperanças nos meios políticos e diplomáticos internacionais. Desde a viragem à direita, com a vitória do *Likud* em 1979, foi a primeira vez que se sentiu um sopro mais liberal em amplas camadas da sociedade israelita, com possibilidades de se reflectir nos resultados das urnas. Era evidente que nem todos partilhavam dessa esperança, mas na Casa Branca, como nos países ocidentais jogava-se, discreta ou abertamente na vitória do Partido Traba-

Cartazes eleitorais de diferentes partidos nas ruas de Jerusalém



Beatriz Bissio

lista, presidido por Shimon Peres. Os árabes — e os palestinos em particular — talvez fossem os mais cautelosos ou cépticos nas suas apreciações. Em público, a tónica era a mesma: não muda nada. “Como vai mudar, perguntou-nos, em Aman, nas vésperas das eleições, um alto dirigente da OLP, se foi o partido de Shimon Peres e Yitzhak Rabin que abriu caminho à ocupação da Cisjordânia e da Faixa de Gaza e à instalação de colonatos judaicos em territórios palestino?”

Embora fosse essa a posição pública, quando se aprofundava a discussão, era, no entanto, possível descobrir que também entre os árabes se esperava que algo pudesse mudar com a vitória da oposição. “Sempre que um partido da oposição tenha hipóteses de ganhar em Israel, criam-se novas realidades que podem influir no curso dos acontecimentos. Mas já se delinea entre os trabalhistas um erro fundamental: prometem fazer algumas concessões nas áreas ocupadas e insinua que a Jordânia pode ser um interlocutor nas negociações, marginalizando a OLP. Ora isso é irrealista e inviável. Nenhuma solução para os problemas da Palestina pode ser encontrada sem a OLP, sua legítima representante”. Esta opinião foi-nos dada pelo príncipe Hassam, irmão do rei Hussein da Jordânia, com grande influência nos assuntos do Reino e estadista respeitado junto dos governos ocidentais.

Onde, no entanto, foi mais visível que havia certas expectativas quanto aos resultados das eleições foi na reacção dos palestinos em Jerusalém. Depois de percorrermos algumas secções eleitorais e acompanhar, no lado israelita de Jerusalém, o processo de votação, fomos esperar no Centro Palestino de Informações, situado no sector árabe, a abertura das urnas e a divulgação dos resultados. Era indistintamente perceptível ali, o sentimento de frustração com a perspectiva de um novo governo do *Likud*, agora mais à direita, pelo acréscimo de poder dos grupos religiosos mais fanáticos e radicais. “A verdade é que já estamos fartos de ver sempre as mesmas caras e uma mudança de pessoas e métodos, mesmo que não se alterasse a essência do sistema dominante seria benéfico”, desabafou um jovem jornalista palestino.

Os resultados

Até às vésperas da eleição, as pesquisas de opinião eram amplamente favoráveis aos trabalhistas de Shimon Peres, com quinze pontos a mais do que o *Likud*, o partido de Begin e do primeiro-ministro Shamir. Nas ruas essa tendência era facilmente perceptível. A guerra do Líbano e os massacres contra os campos palestinos de Sabra e Chatila provocaram uma poderosa oposição em Israel. Poucas semanas depois da invasão, manifestações, de até 400 mil pessoas foram às ruas protestar contra a presença israelita no Líbano. O movimento "Paz Agora" e um número considerável de comitês, grupos de reflexão, inclusive de soldados que renunciavam publicamente ao exército e denunciavam a guerra, davam a impressão de que uma vitória da direita já não seria mais possível. Mas não era tanto assim. Na verdade, o *Likud* perdeu agora sete lugares no parlamento (o *Knesset*), mas esperava perder muito mais, tanto que, na sede do partido, os resultados foram comemorados como uma vitória, tal a expectativa de que os trabalhistas teriam uma vitória esmagadora.

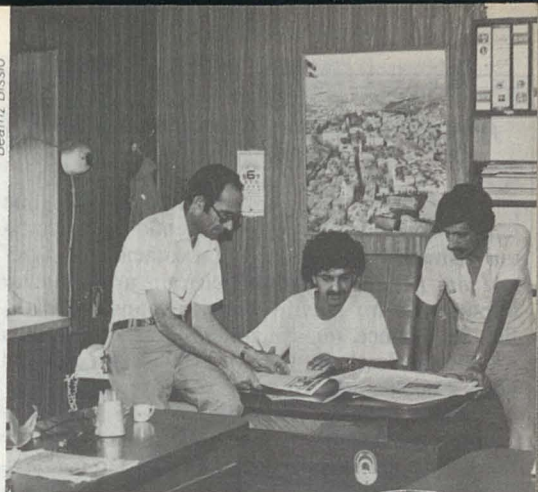
O inesperado foi que os trabalhistas não só não "esmagaram" nas urnas, como perderam três lugares.

Para onde se transferiram esses votos? Os do *Likud* foram reforçar os partidos religiosos, que aumentaram o seu peso eleitoral. Os dos trabalhistas — ou os sufrágios que se esperavam que para eles afluíam — desviaram-se para o novo partido do ex-ministro da Defesa Ezer Weissmann, o *Yahad* ("Juntos"). Em determinado momento, Weissmann pareceu constituir-se num novo pólo eleitoral, mas terminou apenas com três deputados, um dos quais, Benjamin Eliezer, foi governador da Cisjordânia até às vésperas das eleições.

É possível que também alguns votos trabalhistas mais à esquerda tenham sido dados aos novos partidos resultantes dos movimentos pela paz e os direitos humanos que, pela primeira vez, concorreram às eleições.

Além da Frente Democrática para a Paz e a Igualdade (*Rakah*), liderada pelo Partido Comunista, que manteve os seus quatro deputados, um dos quais o prefeito de Nazaré, Tawfik Zayad, outros grupos conseguiram também representação parlamentar. O PLP (Lista Progressista para a Paz) elegeu dois deputados, um palestino de Haifa, Meharu Mohamed e o general Mattytyahu Peled, um dos mais destacados comandantes israelitas na guerra de 1967 e que deixou o exército, dedicando-se à actividade política e à luta por uma solução justa para o problema palestino. No manifesto de lançamento da sua campanha eleitoral, o grupo do general Peled apontava: "A única via para a paz passa pela existência de dois Estados soberanos,

Beatriz Bissio



Jornalistas do Centro Palestino de Informações de Jerusalém analisam os resultados das eleições



General Peled: das trincheiras à luta pela paz

cada um com a sua identidade própria: o Estado de Israel para o povo judeu e um Estado para o povo árabe palestino, expressão do seu direito à autodeterminação, no quadro político que lhe pareça apropriado".

Outro grupo nascido da luta contra a presença israelita no Líbano, o *Ratz*, Movimento pelos Direitos dos Cidadãos, dirigido por um militante, Shculemite Alone, elegeu três deputados. O *Shinui* ("Mudança") subiu de dois para três representantes. Estivemos longamente com o deputado Mordejai Bar On, professor eleito pela *Ratz*. Ele declara-se sionista e acha que a evolução de grandes sectores da OLP, admitindo a existência de um Estado de Israel, abre caminho a uma solução futura do problema com a criação de um Estado palestino independente.

Esse agrupamento progressista e a esquerda do Trabalho (*Mapan*) vão ter a tarefa de dirigir a luta por uma solução negociada e de enfrentar os

A representação parlamentar

□ Nas últimas eleições israelitas houve uma proliferação de partidos, tendo-se registado um aumento considerável da votação nas agremiações pequenas, que adquiriram uma singular importância no quadro político, constituindo o fiel da balança que finalmente fez com que o presidente desse ao dirigente trabalhista Shimon Peres a missão de formar o novo governo.

Concorreram 26 listas, das quais 15 não alcançaram o mínimo legal, de 1% dos votos.

Os dois grandes partidos de Israel são o *Trabalhista* e o *Likud*. O *Partido Trabalhista* concorreu à eleição com o nome de *Alignement* (Aliança), junto ao *Mapam* (Partido Unido dos Trabalhadores), considerado a sua ala esquerda. Dessa aliança resulta uma posição centrista. A sua base eleitoral são os judeus de classe média, principalmente os *askenazim* (de origem europeia). Aceitam negociar o problema palestino com a Jordânia. Os seus principais dirigentes vêm das forças armadas (Peres e Rabin). O *Likud*, de direita, muito poderoso em Jerusalém, apela aos sentimentos judaicos. A sua principal base eleitoral são os judeus *sefaradine* (palavra hebraica que significa *espanhol*), ou seja, de origem oriental. Reivindicam o *Eretz Israel*, isto é, o expansionismo que implica a anexação dos territórios ocupados.

O *Yahad* ("Juntos") de Ezer Weissmann é um dos partidos pequenos. Tem orientação liberal.

O *Tehiya* (Renascimento) nasceu depois dos Acordos de Camp David, contra os quais lutou. É uma cisão à direita, do *Likud*. Esteve envolvido nos massacres de Sabra e Chatila. A sua figura mais conhecida é Rafael Eitan.

O *NRP* (*National Religious Party*) ou *Mafidhale*, apoia o *Likud*. O seu líder é o ex-ministro do Interior, Gushe Emunim Borg. Sistemáticamente tem perdido posições nas últimas eleições.

O *Shas* foi criado um mês antes das eleições, com uma plataforma fortemente religiosa e conservadora.

O *Morasha* é um dos partidos religiosos tradicionais. Muitos dos seus militantes vivem num dos colonatos perto de Hebron. O seu líder é Haim Druckman, um dos fundadores do *Gushe Emunim*, que ficou conhecido pela sua oposição à retirada do Sinai.

O *Agudat Israel* (Liga de Israel) é o mais importante e também o mais radical dos partidos religiosos.

O *Kach* ("Punho Fechado") é um dos partidos religiosos de extrema-direita, cujo líder, o rabino

norte-americano Meir Kahane, é eleito para o *Knesset* pela primeira vez, apesar de se ter apresentado nas eleições desde que o partido foi fundado há 8 anos. A plataforma do partido é a expulsão, qualquer que seja o meio, dos palestinos dos territórios ocupados.

O *Ometz* e o *Tami* são dois partidos de direita que vêm perdendo terreno, porém conservam a sua representação parlamentar.

Do lado das forças progressistas há também várias agremiações. O Partido Comunista, *Rakah*, que concorreu com a "Frente Democrática para a Paz e a Igualdade (DFPE)" tem assegurado há muitos anos uma representação parlamentar (quatro lugares), inclusive com candidatos palestinos, como é o caso do prefeito de Nazaré, Taufic Zayyad (ver *cadernos do terceiro mundo* nº 56), que foi reeleito.

A *Lista Progressista para a Paz* (PLP) elegeu pela primeira vez para o *Knesset* o general Matiyahu Peled, que já defendera através do "Conselho Israelita para a paz israelo-palestina", o reconhecimento da OLP e a negociação dos direitos dos palestinos. Isso valeu-lhe ser chamado no seu próprio país de "anti-sionista" e uma tentativa de veto à sua candidatura. Ao seu interlocutor palestino, Issam Sartawi, custou-lhe a vida.

O *Shinui* ("Mudança"), de centro-esquerda, e o *Ratz* (nome do *Citizen's Rights Movement*, CRM, Movimento pelos Direitos dos Cidadãos), aumentaram a sua representação parlamentar, contando com o apoio dos movimentos pacifistas.

A representação parlamentar

Estas são as diferenças comparativas entre a representação no *Knesset* dos diferentes partidos após a eleição de 1981 e a recente de 1984, num total de 120 lugares.

Partido	1981	1984
Trabalhista	47	44
Likud	48	41
NRP	6	4
Shas	—	4
Tehiya	3	5
DFPE	4	4
Yahad	—	3
CRM	1	3
Shinui	2	3
Morasha	—	2
Agudat	4	2
PLP	—	2
Ometz	—	1
Kach	—	1
Tami	3	1

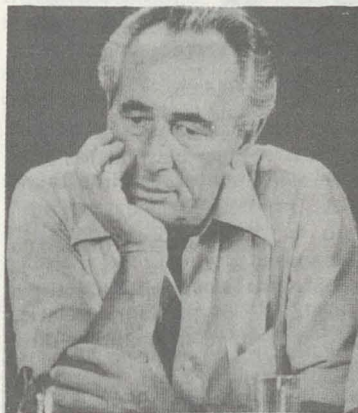
grupos religiosos fanáticos que saíram fortalecidos com a eleição de militantes ainda mais radicais do que os que estavam representados no *Knesset*. Um deles é o rabino Meir Kahane, cuja plataforma baseia-se na expulsão de todos os árabes da Palestina. É um fanático, presidente da Liga Judaica dos Estados Unidos, considerado por jornais norte-americanos como um doente mental. E por influentes dirigentes judeus como um notório fascista. O presidente do Congresso Judaico dos Estados Unidos, Theodore Mann, declarou, em nome da sua prestigiosa instituição, que a ideologia de Kahane nada tem de diferente do nazismo, mas está claro que ele contou com o apoio norte-americano para se candidatar e vencer.

Em geral, esses grupos religiosos nada têm a ver com Israel enquanto Estado politicamente institucionalizado. Mas cultivam uma visão bíblica do *Eretz Israel*, terra da promessa que deve ir do Eufrates (Iraque) ao Nilo (Egipto). Não têm a menor ideia do que é dirigir um Estado e nem se preocupam com os problemas da sociedade. Muitos dos seus membros habitam nos novos colonatos, em territórios ocupados, construídos com dinheiro norte-americano e nos quais se isolam em verdadeiros *ghettos* religiosos.

Um dos factores inquietantes do aumento do poder de fogo desses grupos extremistas é o apoio que desfrutam entre os militares. Quando apuraram as "urnas dos soldados" (denominação dada pelos meios de comunicação às secções eleitorais que funcionaram nas casernas, o partido religioso *Tehiya* ("Renascimento") onde foi eleito o general Eiton, ex-comandante do exército que participou dos massacres de Sabra e Chatila, ganhou o quinto



Os partidários de Shamir (foto) esperavam uma derrota maior e festejaram os resultados, apesar de negativos



A escassa maioria conseguida por Shimon Peres (foto) não lhe permite formar um governo estável

A queda do Trabalho

Ouvi muitas opiniões sobre a queda da votação do *Labour Party*, quando a expectativa era a de que ele teria uma vitória confortável. O problema nasce da posição do partido na sociedade israelita. É evidente que a agremiação de Shimon Peres avançou nesta eleição nalguns sectores sociais da classe média mas não conseguiu penetrar no mundo dos *sefaradines*, os judeus orientais, que representam mais de 80% da população de Israel. Este sector amplamente maioritário do Estado israelita é o mais marginalizado e oprimido. Essa situação é evidente em todos os campos de actividades, mas alcança níveis chocantes na Universidade, onde os judeus *sefaradines*, não ultrapassam 20% dos estudantes. Os outros 80% são ocupados pelos *askenasim*, judeus procedentes dos Estados Unidos e da Europa.

Perguntei a Maya, uma estudante judia de Química Teórica da universidade hebraica, ela própria uma *askenasim*, se essa situação se estava a alterar. "Não. Estaciona ou piora", disse-nos. Maya trabalha no jornal palestino de Jerusalém e luta pelo respeito pela autodeterminação dos palestinos.

O *Likud* não contribuiu em nada, quando no



A maioria dos soldados votou nos religiosos radicais

deputado, com os votos perdidos pelo Trabalho. O partido do rabino Kahane, o *Kach* (em tradução livre, "punho cerrado"), esteve prestes a ganhar mais um deputado com o voto dos soldados.



Telavive nas vésperas das eleições

governo, para melhorar a situação dos *sefaradines*, mas consegue o seu voto porque, pelo menos nos palanques, fala dos seus problemas e das injustiças de que são vítimas. Assim, se estabelece uma frustrante contradição: o sector mais oprimido pela política económica e militarista do *Likud* é a sua base de apoio, porque os outros não têm sequer capacidade de admitir que há um problema social e racial que a direita não resolve mas admite que existe.

Há outros factores que contribuíram para o insucesso eleitoral dos trabalhistas, principalmente a sua posição dúbia sobre o problema da paz e da guerra. Falam na retirada do Líbano mas não definem o que fariam para que a mesma se efectivasse. No caso dos palestinos da Cisjordânia e de Gaza, as imprecisões são ainda maiores. Defendem a "entrega" à Jordânia das áreas de maior concentração palestinas (cerca de 60% do actual território ocupado), ficando dentro das fronteiras de Israel um Estado só com judeus. "Primeiro, não nos podem entregar ao rei Hussein sem que se saiba se queremos ou não sair das mãos dos judeus para o domínio da Jordânia e, segundo, essa história de um Estado só com judeus cheira a racismo", comentou-nos um comerciante de Belém, a cidade onde Cristo nasceu.

A plataforma de Shimon Peres ficou conhecida como a dos "três não":

- Não a um Estado palestino.
- Não à negociação com a OLP.
- Não às fronteiras anteriores a 1967.

"Era natural que a esquerda israelita não se sentisse representada nessa plataforma", disse-nos o deputado Mordejai Bar On, do *Hatz* ("Paz Agora"). Um palestino de Nablus acrescentou-nos: "A diferença entre Peres e Shamir é uma só: o *Likud* diz o que pensa e faz o que diz e Peres pensa

e faz tudo igual a Begin e Shamir só que diz o contrário".

Reagan e a Casa Branca "jogaram" em Peres, considerado nos EUA como um liberal. Reagan tinha a esperança de que tanto ele como os seus colegas Rabin (direita) e Navon (centro-direita) seriam capazes de pôr em prática o seu plano de paz para a região, resultante dos acordos de Camp David. Mas os eleitores não entenderam assim.

Na campanha eleitoral, tanto Peres quanto Navon e Rabin evitaram os temas polémicos e virtualmente impediram que o líder da ala esquerda Trabalhista, Joseph Sarid, aparecesse nos comícios.

E agora?

A ideia dominante entre os observadores bem colocados em Jerusalém e Telavive é de que as eleições não resolveram o impasse. O governo não é estável e não se estranha que, em três ou quatro meses, uma nova consulta eleitoral seja necessária.

Um parlamentar de Jerusalém, do lado de Israel, disse-nos que no parlamento o impasse é total. Cinquenta por cento dos deputados (120 ao todo) estão a favor da paz, com diferentes matizes: desde a chamada "opção jordana" até ao reconhecimento do Estado palestino. Desses, cerca de 20% aceitam o Estado palestino. Entre os 50% que querem a continuação da guerra e se opõem à "opção palestina", há de tudo: desde os que querem fazer um *pogroom* com os árabes, até aos mais moderados, que admitem certas formas muito ligeiras de autonomia administrativa, previstas nos acordos de Camp David.

No centro de tudo isto está a discussão sobre o destino de Israel. Grandes brechas na unidade racial, uma inflação de 500%, completa bancarrota económica e uma dependência total dos Estados Unidos, que enviam (governo e judeus norte-americanos) mais de quatro mil milhões de dólares por ano para manter de pé o Estado judaico. "Essa situação é insustentável", disse-nos um militante do grupo do general Peled. "Não é possível manter um Estado indefinidamente com o dinheiro de outro e substituir os partidos e as opções ideológicas por uma estrutura religiosa absolutamente distante dos problemas do povo e totalmente incompetente para gerir a administração, uma espécie de "komeynismo" à base do Talmud. Israel assim não subsistirá. O seu futuro não está no dinheiro norte-americano nem em ser um *gendarme* dos Estados Unidos, mas aqui mesmo, na convivência pacífica e cooperante com os palestinos inseridos numa região rica e influente, na qual os nossos talentos, a nossa capacidade técnica e as nossas raízes comuns poderão ajudar a mudar não apenas os rumos dos acontecimentos mas a realidade geopolítica, económica e social do Médio Oriente". ●

Resistir por todos os meios



Os palestinos dos territórios ocupados questionam as suas formas

de luta e opõem-se às pressões que tentam obrigá-los a abandonar a sua terra

Beatriz Bissio

Sumud é uma palavra árabe. Mas para os palestinos dos territórios ocupados é algo mais do que uma palavra: é uma chave, um símbolo. Poderia ser traduzida por *reação*, embora na linguagem-código da população submetida à ocupação israelita na Cisjordânia seja utilizada para descrever um estado de espírito novo. *Sumud* condensa em cinco letras todas as formas de *resistência*.

“Quando dizemos *sumud*, estamos a afirmar que resistiremos ao destino que as autoridades de ocupação nos querem impor, que é a submissão ou o exílio. *Sumud* é a nossa resposta. Podem-nos matar, prender, torturar, podem-nos asfixiar economicamente, mas nós ficaremos nos territórios ocupados, que é a nossa pátria. Será sempre melhor estar aqui, inclusive presos, do que enfrentar a terrível experiência da diáspora”.

Albert Aghazarian, é um palestino de origem arménia, professor da Universidade de Bir Zeit, uma das seis que existem nos territórios ocupados. Conhecemo-lo durante uma visita ao novo *campus* da Universidade e reencontramo-lo uma tarde nas proximidades da porta de Yaffa, uma das mais famosas e visitadas da velha Jerusalém amuralhada. “Vivo aqui”, respondeu-nos quando lhe perguntámos o que fazia por esses becos milenares. As famílias palestinas que ainda vivem dentro da muralha são poucas, comparadas com as cifras anteriores à ocupação. A partir de 1967, o exército israelita transformou-se numa presença permanente na velha Jerusalém, destoando no meio de co-

merciantes, ourives, turistas e peregrinos. Muitas das famílias palestinas foram expulsas à força, das suas ancestrais casas de pedra. Os israelitas ocuparam bairros inteiros, derrubaram casas, construíram outras, modificaram fachadas, abriram ruas e bloquearam passagens. Segundo alguns cálculos, cerca de cinco mil palestinos ainda vivem entre as muralhas que cercam os lugares sagrados de três das mais importantes religiões da Humanidade.



Uma das ruas milenares da velha Jerusalém amuralhada: poucos palestinos ainda moram lá

Não deve ser fácil viver aqui dentro, Albert.
— É melhor do que lhes entregar as nossas casas sem resistência.

Com esse exemplo, e sua própria opção de permanecer na casa que certamente viu nascer muitos dos seus ancestrais, Albert demonstrou-nos em todo o seu alcance — e talvez sem ter tido essa intenção — aquilo que dias antes se empenhava em explicar-nos na sua sala de trabalho da Universidade de Bir Zeit: o significado da palavra-de ordem resumida na expressão *sumud*.

Essa rejeição ao exílio, esse apego à terra natal, essa decisão de lutar pelo respeito do seu património histórico e cultural subjugado, é a base do novo pensamento palestino nos territórios ocupados. E, na força que emana dessa decisão política de resistir, está a marca da experiência trágica do exílio forçado de milhares de compatriotas expulsos de suas casas e de suas terras em 1948, quando o mapa da região foi modificado para dar lugar ao recém-criado Estado de Israel.

O preço de uma opção

Um dos intelectuais palestinos mais respeitados de Jerusalém é Ibrahim Dakkak, director do "Tribuna do Pensamento Árabe" (*Arab Thought Forum*), que "apesar de ser uma iniciativa modesta, tem objectivos ambiciosos". A ideia é formular opções alternativas de desenvolvimento para os territórios ocupados, de forma a viabilizar a palavra-order de *sumud*. Porque uma das políticas chaves da ocupação é, além do uso da violência, a asfixia económica dos palestinos. Como consequência dessa política, os capitais palestinos são empregues em projectos rentáveis fora dos territórios ocupados, porque as iniciativas locais são inviabilizadas das mais diferentes formas – uma delas, os absurdos impostos cobrados – e acabam na falência, com todas as suas sequelas sociais e até políticas.



O campus da Universidade de Bir Zeit: um centro de resistência à ocupação

Para Dakkak, o desafio é traçar estratégias económicas próprias, que oponham uma reacção a cada acção das autoridades de ocupação. "Que toda a tentativa para nos asfixiar economicamente tenha uma resposta eficaz". A formulação é clara, teoricamente perfeita, mas não é fácil de levar a prática. Porém, na opinião de Dakkak, o primeiro desafio foi superado: houve uma tomada de consciência entre os palestinos no sentido de que a ocupação, depois de 17 anos, ter criado uma nova realidade, uma economia diferente, conflitos sociais e políticos que era necessário analisar e compreender para deduzir deles quais os objectivos estratégicos perseguidos pelos israelitas e, a partir desse conhecimento, traçar as linhas de acção adequadas para enfrentá-los.

É tão claro como dizer "não vamos emigrar". Mas qual é o preço que a população palestina está a pagar, pela sua decisão em resistir à ocupação militar israelita a todos os níveis?

Até para o viajante mais desprevenido saltam à

vista claras evidências da ocupação. Pelas estradas da Cisjordânia, próxima a Hebron ou Ramallah, a Belém ou Nablus, estão presentes as tropas do exército israelita, que bloqueiam, de quando em quando, trechos das estradas, para obrigar os automóveis a deslocarem-se lentamente e em fila indiana, facilitando a sua identificação. O verde-oliva do exército de ocupação é omnipresente.

Um exército composto em grande parte por jovens. E o mais alarmante é que foi o voto desses jovens soldados na recente eleição em Israel que levou ao *Knesset* (parlamento) os representantes da extrema-direita religiosa, que como única plataforma política levantam a bandeira da expulsão de todos os árabes de Israel e dos territórios ocupados, cuja anexação, do ponto de vista deles, é irreversível.

Arrogantes com a sua espingarda *Galil* ao ombro, quase não dissimulam o seu desprezo pela população árabe. Perguntámos a Hanna, uma jovem palestina que nos acompanhava – estudante de informática e computação em Paris, poliglota e militante da resistência que aproveitava as férias para visitar a família – se não havia casos de namoro entre jovens palestinos e judeus. "Como pode haver?" respondeu. "Nunca teríamos a certeza de que o jovem com quem sairíamos uma noite não seria convocado a alistar-se no exército no dia seguinte e levado a reprimir uma manifestação onde estivéssemos a participar. Ele poderia ser o responsável por uma bala que nos atravessasse o cérebro".

Há outro aspecto da ocupação que a torna um caso único: os *colonatos*. Quantas vezes lemos nos jornais que o governo israelita aprovava a instalação de cinco, dez, quinze novos colonatos judeus nos territórios árabes. Notícias soltas que não nos transmitem nada do dramático contexto em que a decisão é levada à prática. Os colonatos são versões luxuosas dos antigos *ghettos*, urbanizações que se expandem como cogumelos, tal qual pesadelos, no alto das colinas características da paisagem da Cisjordânia.

Ao ver os colonatos – enclaves de colonos judeus em terras árabes – fica claro o significado da aprovação das Nações Unidas de uma moção na qual o sionismo foi equiparado ao racismo e condenado juntamente com o *apartheid*. As autoridades da ocupação concebem um desenvolvimento separado por raças. Por um lado, a asfixia da população palestina, dona legítima de todas as terras da Cisjordânia e Gaza. Por outro, a prosperidade dos colonatos judeus, que são implantados isolados e bem resguardados da rejeição dos palestinos, cujas terras são, usurpadas para os construir.

Os colonatos são, no fundo, bantustões de sentido oposto. Fortalezas avançadas da colonização judia nos territórios ocupados. Em geral, os colo-



Para Bassam Shaaka (esq.), é impossível esquecer a ocupação. A partir dos colonatos (foto acima) que cercam Nablus, toda a população palestina é vigiada

nos são de origem norte-americana, muitos deles religiosos ortodoxos, propensos a atitudes fanáticas. E se aceitam o desafio de ir viver nessas condições é porque muitos deles se sentem verdadeiros cruzados de uma guerra não declarada que a cada dia tenta destruir um pouco mais da herança palestina. Comenta-se abertamente em Israel que essa imigração conta com o beneplácito dos Estados Unidos, já que lhes poupa problemas que acabam sempre por aflorar quando a realidade é interceptada através do prisma do fanatismo.

Com reflectores na cara

“Querem estrangular-nos, isolando-nos, cortando as comunicações entre as diferentes cidades palestinas”, explica Bassam Shaakka, ex-prefeito de Nablus, destituído desse cargo pelas autoridades de ocupação junto com outros colegas eleitos pelo voto popular e cujo caso se tornou conhecido em todo o mundo, quando perdeu as duas pernas num atentado.

Sentados no jardim da sua casa, num dos bairros de classe média alta de Nablus, conversámos demoradamente com o ex-prefeito, uma das perso-

nalidades palestinas de maior prestígio nos territórios ocupados. “Não podemos esquecer a ocupação nem sequer por um momento” — diz-nos, apontando uma forte luz que vem das colinas vizinhas. “Esses reflectores focam-nos todas as noites”.

O fecho de luz vem de um dos vários colonatos (este, destinado exclusivamente para fins militares) que cercam Nablus. Como em toda a Cisjordânia e Gaza, são sempre construídos no cimo das colinas, que nesta época do ano estão cobertas de vinhas e oliveiras. Os colonos quase não saem. “I em medo da reacção da nossa gente”, diz-nos Shaaka.

O ex-prefeito — que actualmente se desloca pela cidade com duas pernas ortopédicas e a ajuda de uma bengala — esteve sob prisão domiciliar durante muito tempo. Apenas dois dias antes da nossa visita haviam suspenso a guarda militar que dia e noite vigiava todos os movimentos em torno da casa. Depois do atentado, Shaaka contratou um motorista para acompanhá-lo, já que não podia mais guiar e não queria ficar dependente da esposa. “Os israelitas detiveram-no”, conta. “Era um rapaz jovem e musculoso. Apertavam os músculos dele e ironicamente perguntavam se tanta musculatura era para me defender. ‘Aquele ali, ninguém salva’,

disseram ao meu motorista”.

Desde então, Shaaka só tem um velho amigo à porta de casa, uma presença mais formal do que efectivamente protectora. “De noite, ele dorme antes de mim”, diz-nos. “Estamos marcados e não há nada que possa proteger-nos”.

Como todos os palestinos dos territórios ocupados, o ex-prefeito de Nablus preocupa-se com a destruição da economia árabe por parte das autoridades de ocupação: o desemprego (há 10 mil jovens que saíram das universidades e não encontraram emprego, além de inúmeros outros jovens trabalhadores), a falência de indústrias, a queda do nível de vida devido às dificuldades para manter e ampliar a infra-estrutura sanitária e educativa. “Na América Latina também há elevados índices de desemprego, o fenómeno está a atingir com intensidade inclusive os países industrializados da Europa e os próprios Estados Unidos. Mas a diferença está em que na maior parte desses países há a possibilidade de disputar eleições e, a médio prazo, mudar a política. Nós não. Não podemos traçar uma estratégia nacional de desenvolvimento. Não podemos eleger os nossos governantes. Não temos nenhum direito civil. Esta é a diferença”.

Apesar da reacção ao êxodo que está a surgir nos últimos tempos — que expressa uma redefinição do papel da população palestina dos territórios ocupados no contexto da luta global do povo palestino pelo seu direito à autodeterminação num Estado Palestino independente — as taxas do crescimento demográfico real são ilustrativas: enquanto em Israel o crescimento da população árabe é de cinco por cento ao ano (contra quatro por cento dos judeus), nos territórios ocupados é de 2,5%. “Isso não significa que nós tenhamos menos filhos que os nossos irmãos palestinos dentro de Israel” — explica Albert. “Reflecte, isso sim, a incidência profunda do êxodo de jovens desempregados e per-



A população dos territórios ocupados é sujeita a pressões permanentes que visam destruí-la economicamente e culturalmente

seguidos políticos, que é uma sangria permanente das nossas forças”.

A resistência cultural

Se no plano político e económico as pressões contra a população palestina são permanentes, muito mais minuciosa e sofisticada é a perseguição no terreno cultural. Ela expressa-se de múltiplas formas. Das mais grosseiras — como o encerramento sistemático das universidades e a restrição

Os reflexos na economia

□ Dos cerca de 800 mil palestinos que vivem nos territórios ocupados, 100 mil residem em Jerusalém oriental (a parte muçulmana ocupada em 1967). Os judeus dos colonatos estão calculados em cerca de 20 mil.

Segundo fontes israelitas que elaboraram um mapa dos territórios ocupados, 60% das terras da Cisjordânia e Gaza já estão sob controlo israelita, “o que representa uma anexação de facto”, denuncia um dirigente de Al Bireh, uma das áreas urbanas árabes da Cisjordânia. Os números oficiais israelitas assinalam que 30% da mão-de-obra

da Cisjordânia trabalham em Israel. Fontes não oficiais situam esse número em cerca de 50%.

Como consequência da política de pressões sobre os palestinos para fomentar o êxodo, 12 mil árabes cruzaram a ponte sobre o rio Jordão em 1983, abandonando definitivamente a Cisjordânia. Não existem cifras dos que emigraram pelos portos ou aeroportos israelitas. Embora não tenham sido realizados censos recentemente, calcula-se que houve consideráveis mudanças demográficas na Cisjordânia e Gaza desde 1967. A situação poderá se agravar — considerando os problemas sociais que o êxodo representa para a população palestina — se não for posto um travão à política de colonatos e de confiscação de terras árabes.

de todo o apoio material para a rede educativa municipal — até à proibição de circular qualquer publicação em árabe, “nem que seja um exemplar das *Seleções do Reader's Digest*”.

Em geral, é a própria comunidade palestina que se organiza para colectar dinheiro e assim melhorar as escolas existentes ou construir outras, para responder, de alguma forma, à falta crescente de salas de aula.

Desde o início do ano, o velho *campus* da Universidade de Bir Zeit já ficou fechado durante dois meses (o ano lectivo é de nove meses) e a universidade de An-Najah (de Nablus, com cerca de 3.600 alunos) sofreu intervenção por tempo indeterminado.

No trajecto de Hebron a Jerusalém viemos a conversar com um estudante universitário de engenharia. Um jovem de uns 20 anos, que manifestou a decisão de não emigrar, embora saiba que isso lhe não vai ser fácil. Contou-nos que estudar se torna muito difícil para os jovens, não só porque em geral trabalham em qualquer emprego que encontrem, para ajudar as suas famílias, mas porque estão submetidos a agressões diárias por parte do exército ou dos colonos israelitas. “Há algumas semanas, um grupo de soldados entrou na universidade disparando as suas metralhadoras em todas as direcções. Vários estudantes ficaram gravemente feridos. E isso é o pão nosso de cada dia”.

Numerosos estudantes são presos, pelos motivos mais arbitrários, e muitos deles são mandados para a prisão de Faraa, construída recentemente no vale do rio Jordão. As condições de prisão são muito duras. “Todos os prisioneiros palestinos são torturados”, diz o testemunho de um jovem estudante da Universidade de An-Najah, condenado à pena de seis anos em 1974.

Um dos episódios mais graves do confronto directo com as forças israelitas ocorreu no ano passado, em Bir Zeit, quando houve uma verdadeira batalha campal entre estudantes palestinos e soldados israelitas dentro da universidade, com um saldo de inúmeros jovens gravemente feridos (todos os soldados saíram ilesos).

As pressões são muito claras também em tudo o que se refere à importação e edição de livros. Há uma lista de mais de mil títulos proibidos, inclusive alguns de autores israelitas, em áreas que vão desde história e geografia até literatura e política. A resolução 378 (de Agosto de 1980) exige uma autorização especial para importar ou publicar qualquer texto nos territórios ocupados. Está proibida a utilização das palavras “Palestina”, “Pátria”, e “OLP”, assim como as cores nacionais palestinas.

O apoio a Arafat

Apesar disso a OLP é uma presença nítida e

maciça na Cisjordânia e em Gaza. Sentimos nas pessoas com as quais conversamos uma verdadeira veneração por Arafat, e entre os jovens constatamos uma adesão maioritária à *Al Fatah*, cujos dirigentes ganham sistematicamente as eleições para os conselhos estudantis. Estão organizadas também a Frente Popular e a Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FPLP e FDLP) e inclusive, actuautes embora muito minoritários, existem grupos de fundamentalistas islâmicos na linha do



Salim Tamari (esq.) e Albert Aghazarian (dir.): lutar pela preservação da identidade nacional palestina

ayatollah Khomeiny.

A preservação da cultura palestina é uma preocupação sentida tanto pelos dirigentes políticos como pelos estudiosos e professores universitários. “Temos que levar em conta que a preservação da nossa cultura tem dois aspectos: primeiro, a sua preservação diante do desafio do modernismo e da ocidentalização e, segundo, a sua preservação face à acção destruidora da ocupação. O primeiro aspecto é um desafio comum a toda a cultura árabe e o segundo é específico da cultura palestina”.

Para Salim Tamari, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Bir Zeit, é preciso actuar nesse terreno sem sentimentalismos e com consciência. “Embora para alguns a minha opinião seja herética, penso que devemos realizar um estudo global da cultura palestina — dos seus aspectos positivos e negativos — com uma perspectiva crítica para determinar quais são os valores que devem ser preservados. Pessoalmente, penso que não devemos preservar muitas das tradições culturais em relação ao papel da mulher, por exemplo, pois são muito conservadoras”.

Tamari está a realizar estudos com a população rural do vale do rio Jordão. Nas suas pesquisas, o problema da terra apareceu como o mais importante para essas pessoas, com uma incidência muito

forte nas manifestações culturais. "A luta pela terra determina a especificidade da cultura palestina, que no entanto, na minha opinião, não é uma entidade cultural à parte, mas uma manifestação particular da cultura árabe", afirma o sociólogo.

Ele constatou que "se está a viver um momento fecundo da criatividade cultural, fruto da resistência à ocupação". Mas manifesta a sua preocupação com a falta de um pensamento realmente revolucionário entre os jovens. Tamari explica: "Tenho, entre os meus alunos, muitos jovens patriotas, activistas, que se acham revolucionários e sonham com o socialismo numa Palestina livre. Pagam caro pela sua coerência com os seus ideais de liberdade. Mas o alarmante é que não se questionam pelo facto de que, ao voltarem para as suas casas, talvez depois de uma jornada de confronto com o exército israelita, na qual vários deles foram feridos ou presos, possam assistir pela televisão sem se sentirem agredidos — séries norte-americanas como *Dallas*, por exemplo. É aí que me interrogo se esses jovens universitários estão realmente a criar um pensamento revolucionário ou se, como expressão de uma elite urbana, ao se afastarem do problema da terra¹ —

¹Mais de 80% da população da Cisjordânia vive nas áreas rurais.

Cidadãos de segunda classe

Pouco depois da ocupação de 1967, os israelitas fizeram um censo na Cisjordânia e em Gaza. Só foram considerados residentes os que nesse dia se encontravam nesses territórios. Aqueles que por diversos motivos estavam fora, não foram considerados como fazendo parte da população local. A fim de determinar quem dentre eles seria autorizado a voltar, os israelitas pediram a cada um que se apresentasse perante as autoridades. Só uma minoria conseguiu a autorização, e nunca foram esclarecidos quais os critérios utilizados para a escolha. Dessa forma, milhares de palestinos foram proibidos de regressar à sua pátria.

Para os recenseados, as autoridades israelitas determinaram que o seu estatuto legal anterior (cidadãos jordanos) fosse trocado: a partir de então, são portadores de um documento de identidade fornecido pelas autoridades militares de Israel. (Só mantiveram o seu passaporte jordano).

Esse documento — que permite um controlo total sobre a população — não concede nenhum direito civil. Em geral, os residentes estrangeiros

que é a base da nossa identidade e o drama concreto do povo palestino — não estão a limitar a resistência à ocupação aos seus aspectos mais visíveis e chocantes, sem aprofundar qual deve ser globalmente a proposta revolucionária para a sociedade palestina".

Luta de classes e contradições

"Temos todas as contradições e dificuldades de uma sociedade, mas falta-nos a estrutura organizativa do Estado", resumia Ibrahim Dakkak. Efectivamente, entre os palestinos dos territórios ocupados, como entre os que estão no exílio ("duas faces da mesma moeda", segundo Aghazarian) há luta de classes, luta ideológica, ambições de poder e tudo o que faz parte da vida de uma sociedade, problemas estes agravados pelas dificuldades de viver sob a ocupação militar ou numa longa e maça diáspora.

Nos territórios ocupados acompanha-se com atenção o processo de reunificação da OLP, considerado imprescindível para que a luta retome o vigor e adquira a eficácia que as dramáticas circunstâncias em que vive o povo palestino há quase quatro décadas impõem.

em qualquer país do mundo, depois de um certo número de anos, podem-se tornar cidadãos, adquirindo assim direitos como o do voto e até mesmo o de serem candidatos a cargos electivos. Com os residentes nos territórios ocupados isso nunca acontece.

E mais: o documento de identidade militar não permite uma ausência do território superior a um ano. Após esse período, o seu portador perde o direito a reingressar na Cisjordânia ou em Gaza. Essa restrição torna muito difícil aos estudantes, por exemplo, poderem fazer cursos de pós-graduação no exterior, quando o período requerido é superior a um ano. Além disso, aqueles que não podem voltar perdem os direitos sobre todas as suas propriedades e até mesmo o direito à herança. Se uma propriedade deve ser herdada por dez pessoas, (por exemplo, dez filhos que herdam a propriedade dos pais), basta que um deles esteja impedido de regressar para que todos os outros percam o direito à herança, que automaticamente passa para propriedade dos judeus.

Os residentes nos territórios ocupados têm também severas limitações nas operações financeiras e comerciais com o exterior. Por exemplo, eles estão proibidos de importar. Todas as importações são controladas pelas autoridades de Israel.

E apesar de existir a convicção de que a luta será longa e deva ser encarada com carácter estratégico, a reivindicação do Estado independente está presente em todos os actos e no pensamento de todos os palestinos da Cisjordânia e Gaza. E observa-se facilmente que eles a vêem como uma meta mais viável e mais próxima de se tornar realidade do que alguns anos atrás. "Não há outra solução para o problema palestino a não ser a criação de um Estado independente. A opção jordana,² tão

²Refere-se à proposta de negociar entre Israel e a Jordânia a soberania dos territórios ocupados em 1967, que voltariam à administração jordana, como antes da Guerra dos Sete Dias.

alardeada por alguns porta-vozes da administração norte-americana, é inviável. Foram demasiados os sofrimentos, as humilhações, as perdas humanas e materiais, durante todos estes anos de resistência, para que nós, palestinos, nos resignemos a mudar de tutor", diz-nos um dirigente do Ramallah.

É fácil comprovar a razão desta afirmação. Os palestinos sabem que este problema é também o centro da discussão no seio da sociedade israelita. E embora, no momento actual, os que defendem o Estado palestino independente não sejam mais do que cerca de 15% dos eleitores, nos territórios ocupados a população confia em que, com o tempo, a própria realidade se encarregará de desmistificar a viabilidade das soluções parciais. ●

Palestina

Arafat: "Temos um oásis democrático no deserto"

Dois anos após a invasão israelita do Líbano, a OLP parece ter esgotado todos os recursos. As forças militares dispersas... Sem qualquer resultado diplomático... Como explica esta crise?

— Nós nunca pretendemos bater os Estados

Arafat: "Agora temos 9 bases militares em 9 países"



Em entrevista exclusiva, Yasser Arafat

mostra como está a OLP dois anos depois do massacre de Beirute

Alberto B. Mariantoni

Expulso de Beirute há quase dois anos, Yasser Arafat enfrentou neste período não só a dispersão das suas forças por nove países diferentes, como também sofreu contestações abertas à sua liderança dentro da própria *Al Fatah*. Hoje, Arafat conseguiu superar as dificuldades e voltou a exercer o comando absoluto da Organização para a Libertação da Palestina. Nesta entrevista ao nosso colaborador Alberto B. Mariantoni, o principal dirigente palestino faz um rápido balanço de como está a luta dos *feddayn*.





"...eu tenho sempre um ramo de oliveira, mas também olho permanentemente a espingarda"

Unidos. O que nós temos à nossa frente, há dois anos, é uma invasão norte-americano-israelita e portanto, nós resistimos mais tempo que todos os outros países árabes ao longo dos demais conflitos com Israel. Claro que os israelitas estavam convencidos de que nos destruiriam em poucos dias, mas não o conseguiram. O general Haig — segundo afirma nas suas Memórias — planificou com Sharon concluir este negócio em quatro ou cinco dias. Terminaram-no? Veja a realidade. Begin foi obrigado a pedir a sua demissão. Israel está em crise. Repare no exército atrapalhado no Sul do Líbano, na economia falida, na inflação galopante... É verdade que nós deixámos Beirute, mas Beirute não é uma cidade palestina! Anteriormente, nós apenas tínhamos uma base militar no Líbano, agora temos nove bases militares em nove países árabes diferentes. Você também fez referência à insubordinação de Abu Mussa... Mas quem é Abu Mussa? O que representa ele? Será que ele é um cavalo de Tróia? Ou pelo contrário, muito simplesmente, um "cão de caça"? Acredite que esse tipo de gente é a expressão da ingerência árabe nos nossos assuntos.

Enquanto toda a gente esperava a sua demissão na reunião de Argélia, durante o passado mês de Junho, as diferentes facções palestinas renovaram-lhe, uma vez mais, a sua confiança. Resultado lógico ou compromisso?

30 - terceiro mundo

— Apenas o resultado da nossa democracia. Fui eleito e devo ficar no meu lugar. Orgulhamo-nos de podermos dizer que possuímos um dos raros oásis de democracia no "deserto" do Médio Oriente. Encontra-se aí um dos milagres da causa palestina. O exercício da democracia na selva das armas! O primeiro campo de experiência da democracia na revolução!

Em 1974, falava na estratégia da "espingarda e da oliveira"... Dez anos depois parece mais inclinado para o lado da "oliveira". A que se deve atribuir esta modificação?

— É impressão sua... Nós também não podemos desistir da nossa opção militar. Qualquer nação em luta que desistisse desta opção, renunciaria a si mesma historicamente. Recordemo-nos dos índios do México face aos espanhóis. Nós retivemos a lição. Claro que eu tenho sempre o ramo da oliveira, mas também olho permanentemente a espingarda da resistência.

Face às últimas ofensivas israelitas, nomeadamente os bombardeamentos dos campos palestinos do Norte do Líbano e o aprisionamento de um barco oriundo do Chipre para capturar os vossos resistentes, a OLP continuará, mesmo assim, a dar a outra "face"?

— Nós não somos um exército clássico. Antes da invasão do Líbano, os israelitas conheciam todos os nossos terrenos militares. Agora conhecem-nos? Shamir tenta todos os golpes, combate contra fantasmas, começando até a ter medo da própria sombra.

O que nos pode dizer acerca do recente encontro com o rei Hussein da Jordânia?

— Este encontro faz parte das nossas permanentes negociações. Abordámos diversos problemas, conversámos sobre a próxima conferência sobre a Palestina, dos resultados da minha viagem à China.

De qualquer modo, fala-se cada vez mais de uma possível resolução pacífica da questão palestina através de uma negociação jordano-israelita.

— É o plano Peres... O do Partido Trabalhista... O rei Hussein recusa-se a debater o problema palestino sem a participação da OLP.

Diz-se que o ano de 1984 será um ano decisivo para a actual liderança da OLP. Poder-se-á falar, desde já, "em recta final" de Yasser Arafat?

— Não é uma questão pessoal. Que eu fique ou não, não é importante. O importante é que a OLP, apesar de todas as provações, possa continuar a ser o único representante do povo palestino. Não se pode esconder o sol com um dedo!

“Negociar com dignidade”



Um dos máximos responsáveis da igreja católica do Líbano e assessor directo de Arafat para assuntos religiosos,

lembra as diferentes etapas da luta palestina e analisa as mudanças que podem acontecer na sociedade israelita

A 14 de Julho passado celebrou-se em Argel uma reunião dos dirigentes palestinos na qual foi aprovada a reunificação de todas as correntes que compõem a OLP: *Al Fatah*, representado na reunião por Abu Jihad, comandante das suas forças combatentes, e as organizações que recentemente criaram a Aliança Democrática Palestina, ou seja, a Frente Popular e a Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FPLP e FDLP), a Frente pela Libertação da Palestina (FLP) e o Partido Comunista Palestino.

Desde a crise criada nas fileiras da OLP pela dissidência dentro do *Al Fatah* liderada por Abu Musa — alargada depois a outros sectores e que acabou por imobilizar a luta palestina durante algum tempo — esta é a resolução mais significativa. Abre caminho para uma total recomposição da unidade dentro da OLP, o que se espera que aconteça em Setembro, durante a reunião do Congresso Nacional Palestino, o parlamento da OLP.

Nos dias que antecederam a reunião de Argel, realizou-se em São Paulo, Brasil, o Primeiro Congresso das Entidades Palestinas da América do Sul e Central e das Caraíbas. Para participar nesse acontecimento veio ao Brasil o bispo Ibrahim Ayyad, assessor de Yasser Arafat para questões religiosas e de política internacional, e membro do Congresso Nacional Palestino. (ver *cadernos do terceiro mundo* nº 52).

Nessa ocasião o bispo Ayyad concedeu-nos uma entrevista exclusiva na qual analisou os factos que

levaram à ruptura da unidade da Organização para a Libertação da Palestina e a sua posterior reconstituição, assim como outros temas da actualidade do Médio Oriente.

Falando da situação actual da OLP, monsenhor Ibrahim Ayyad recordou que a organização foi criada “para lutar pela recuperação da nossa pátria palestina”. E fez um relato de todas as tentativas realizadas nesse sentido: “Lutamos desde 1964. Durante longos anos tentamos todos os caminhos pacíficos, fizemos reivindicações ante as Nações Unidas, batemos às portas das grandes potências, fizemos apelos aos países árabes. Depois de 8 anos nos quais nada avançámos, durante os quais constatámos que o Mundo Árabe não está em condições de ajudar-nos — entre outras razões porque explorava a nossa causa em função dos seus próprios interesses e porque muitos desses regimes têm fortes conexões com o imperialismo norte-americano — compreendemos que devíamos tomar a nossa causa nas nossas próprias mãos. E que era preciso começar a lutar já, não só no campo diplomático, como também no militar, no terreno da informação, etc, para concretizar o nosso objectivo”.

Sobre a dissidência que surgiu no ano passado nas fileiras do *Al Fatah*, o grupo maioritário da OLP e que, liderada por Abu Musa, passou a contestar a direcção de Arafat e a ênfase do dirigente da OLP numa saída negociada, diz monsenhor Ayyad: “A dissidência que surgiu recentemente não veio dos próprios palestinos. Era orientada de fora, em particular pela Síria e pela Líbia.”

“Porquê?”, perguntamos.

“Em parte — responde o bispo — porque esses regimes não se opõem totalmente aos planos dos Estados Unidos em relação ao povo palestino e em parte por inveja da figura de Yasser Arafat. Houve líderes árabes — continua — que desde a morte de Gamal Abdel Nasser ambicionaram ocupar a sua posição de liderança no Mundo Árabe e a sua projecção internacional. Mas não tiveram êxito porque careciam da estatura política, da inteligência, da personalidade, da força moral de Nasser. Pensaram que com dinheiro do petróleo poderiam comprar esse lugar. Mas não houve dinheiro capaz de realizar o impossível. E nos últimos anos a única figura do Mundo Árabe que alcançou projecção internacional é a de Yasser Arafat.”

“Que outra explicação haveria para esse rancor contra Arafat?”, interroga monsenhor Ayyad:

“Nada. O que fez Arafat contra os seus irmãos árabes? Nada a não ser permanecer fiel à linha traçada desde o início, ou seja, recuperar a nossa pátria por todos os meios e, se for possível, por meios pacíficos.”

Negociar com dignidade

Perguntámos a monsenhor Ayyad se na reconstituição da unidade no interior da OLP não teria representado um papel importante a sólida postura dos palestinos dos territórios ocupados, que sempre se mantiveram fiéis à chefia de Arafat.

“Sem dúvida, esse factor pesou muito. Toda a nossa população nos territórios ocupados está do lado de Arafat. Vêem nele o símbolo da nossa luta. Arafat não se converteu no líder do povo palestino por empregar belas palavras. Foi ele que nos anos 67, 68, comandou pessoalmente mais de 100 operações militares bem sucedidas.

Um exemplo é a batalha de Tubas. Arafat acompanhado de apenas seis combatentes enfrentou durante três dias mais de um regimento israelita, reforçados com helicópteros. Os militares israelitas — que perderam um general nessa batalha — convenceram-se de estarem a enfrentar centenas de combatentes, mas eram só sete.

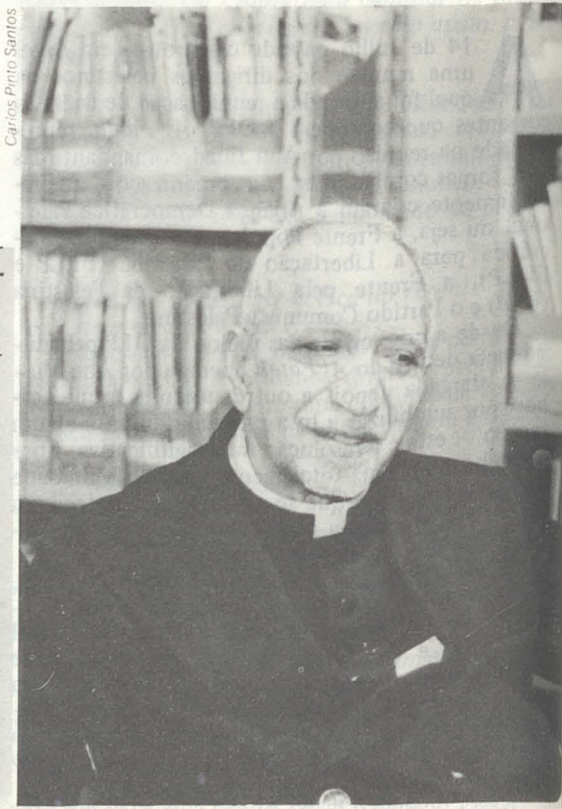
O mesmo na batalha de Karameh, Jordânia (22 de Março de 1968). Actualmente, os jordanos realizam uma grande comemoração anual da batalha, mas isso mais parece uma piada sádica do que uma homenagem histórica, porque eles nunca mencionam o papel dos palestinos, quando na verdade tudo se deu a partir de uma decisão pessoal de um

comandante palestino ao serviço do exército jordaniano. Os palestinos sabiam exactamente a que horas da madrugada se aproximariam as forças israelitas e em que número avançavam. Dada a sua superioridade numérica e em armamento, dirigentes da Frente Popular sugeriram retirar-se de Karameh, até às montanhas. Mas Arafat negou-se. ‘Temos que enfrentá-los, custe o que custar’, disse. E foram enfrentados. Só a *Al Fatah* teve 193 mortos. Muitos deles morreram explodindo os tanques com os seus próprios corpos, carregados de dinamite. E enquanto isso, o exército jordano manteve-se parado, observando simplesmente a luta. Mas os comandantes palestinos alistados no exército jordano não podiam deixar os seus companheiros morrerem impunemente perante seus olhos. E lançaram-se na luta apesar da ordem em contrário do oficial jordano que comandava as tropas. Os israelitas foram derrotados.”

Quando perguntámos a monsenhor Ibrahim como via o futuro da OLP agora que a reconciliação parece um facto irreversível, afirmou: “A reconciliação palestina foi decretada numa reunião em Aden (Yémen do Sul). Mais tarde realizou-se uma reunião do Comité Executivo da OLP na qual

Monsenhor Ibrahim Ayyad

Ibrahim Ayyad nasceu em Belém, Palestina, onde ainda vive a sua família. Quando era criança estudou numa escola da igreja católica de ritual grego, entrando depois para o Seminário Latino de Jerusalém, onde se formou em teologia e filosofia. Estudou também na Faculdade de Direito Civil, na época uma dependência da Universidade de Londres, já que a Palestina estava sob mandato britânico. Quando a região foi ocupada pelos judeus israelitas, Ibrahim Ayyad passou a ser conselheiro do patriarca latino de Jerusalém e logo depois entrou para a Organização para a Libertação da Palestina. Hoje ele é membro do Conselho Nacional Palestino e assessor de Yasser Arafat para questões religiosas e diplomáticas. Foi ele que articulou o encontro de Arafat com o papa João Paulo II.





Yasser Arafat com o rei Hussein

Israel procura eliminar a identidade cultural palestina

estiveram presentes todos os seus membros, e agora está programada a reunião do órgão máximo palestino, o Congresso Nacional (Parlamento da OLP), para Setembro, em Argel. Ali será selada a reunificação. Conquistada a unidade interna, devemos pôr a ênfase nos objectivos da nossa luta. E se nenhum país árabe está em condições de ajudarnos, o que devemos fazer nós, os palestinos? Ficar quietos? Não, temos que nos mexer. Em que direcção? Na que as circunstâncias permitirem.

— *E qual é a direcção que as circunstâncias permitem actualmente?*

— O caminho da negociação. Mas negociar com dignidade. Não podemos deixar que outros negociem por nós. Isso nunca permitiremos.

— *Refere-se à intenção dos norte-americanos de designar o rei Hussein da Jordânia como porta-voz dos palestinos?*

— Entre outras coisas. Não o permitiremos. Os israelitas aspiram cancelar a identidade palestina. Querem-nos amalgamados com os jordanos. Mas os norte-americanos sabem que nunca o permitiremos, que nunca nos poderão obrigar a render-nos, apesar de terem utilizado contra nós as armas mais poderosas. Um povo que deseja viver com dignidade não se rende. Pode morrer, mas fraquejar, nunca.

Conhece na historiografia europeia a "Guerra dos Cem Anos"? Pois bem, nós estamos dispostos a travar cem anos de guerra. Uma vez Ben Gurion disse aos norte-americanos que com a nossa geração ia desaparecer a causa palestina. Contudo, as

ações que exigem mais arrojo, as operações suicidas, são levadas a cabo por jovens que não nasceram na Palestina. Mas que nos seus corações têm guardado um amor à Pátria Palestina ainda maior que o nosso, que ali nascemos.

— *Isso significa na sua opinião, que se os Estados Unidos ainda não aceitaram a OLP na mesa de negociações sobre o Médio Oriente, acabarão por ter que aceitá-la?*

— Sem dúvida. Os países da Europa Ocidental estão a trabalhar nesse sentido. Nesse contexto é que se situa o encontro de Arafat com Mitterrand.

— *Os norte-americanos propõem a autonomia palestina em terras da Jordânia. Os israelitas propõem uma auto-gestão palestina em questões administrativas nos territórios ocupados. O que está a OLP disposta a aceitar?*

— Durante anos ofereceram-nos território jordano. Não o aceitamos. Dizem-nos que poderemos chamá-lo Palestina. E se perguntamos como reagirá nesse caso o rei Hussein, eles respondem-nos: "Dele nos encarregamos nós". Mas a confederação com a Jordânia que os norte-americanos nos oferecem, de acordo com a lei internacional só poderia ser proclamada entre dois Estados independentes. Antes que nós, palestinos, possamos formar uma confederação com algum outro país, temos que ter o nosso próprio Estado palestino. Depois, até pode ser que a confederação não seja uma má ideia para criar um Estado mais poderoso.

— *Qual é a exigência mínima que a OLP reivindica?*

— Aceitaremos qualquer parte do nosso território — da antiga Palestina — no qual possamos estabelecer-nos, como um primeiro passo. Nós, os palestinos, não somos livres em nenhum país. Só poderemos sê-lo no nosso próprio Estado indepen-

dente. Mas não aceitaremos a "autonomia palestina" nos parâmetros de Camp David, por exemplo. O que é essa autonomia? É uma administração municipal. Os israelitas permaneceriam nos territórios ocupados, com as suas autoridades, o seu exército, controlando os comandos fundamentais da administração.



Arafat e Mubarak: o novo relacionamento

As relações com o Egípto

Consultámos monsenhor Ayyad sobre as relações entre a OLP e o regime egípcio, que provocaram tanto impacto na opinião pública mundial, quando após a saída de Beirute Arafat se entrevistou com Mubarak.

"As relações com o Egípto são muito importantes. Recorde-se que os acordos de Camp David previam duas etapas. A primeira, em relação ao Egípto, a segunda, em relação ao problema palestino. Do ponto de vista do estabelecido para o Egípto, os acordos já foram completados. Tratava-se da recuperação do Sinai. É certo que com cláusulas restritivas sérias, como a instalação de forças multinacionais, a proibição de instalar armas pesadas e a limitação a apenas cinco mil homens em armas egípcios em todo esse território. Mas, no final das contas, o Egípto recuperou os seus poços petrolíferos, e isto é importante.

O segundo aspecto de Camp David era o problema palestino. Estabelecia-se que a negociação em torno dos palestinos viria uma vez completada a primeira parte. Mas o Egípto recusa-se a negociar. Porque teria que fazê-lo em torno da fórmula israelita da "autonomia palestina". Nós solicitámos a Mubarak que não aceitasse negociar nesses termos e ele resistiu à negociação. É mais: já deveria ter ido a Jerusalém, e não o fez.

Também não funcionou a normalização de relações entre o Egípto e Israel. Pela própria resistên-

cia do povo egípcio. De acordo com o intercâmbio turístico programado, por exemplo, 50 mil israelitas visitaram o Egípto. Mas quantos egípcios visitaram Israel? Só 500. E por razões comerciais. Quando as pessoas sabem que determinados alimentos vêm de Israel, não os compram, mesmo se são mais baratos. Quando os turistas israelitas vão às feiras fazer compras, os vendedores egípcios recusam-se a atendê-los.

As pessoas fazem isso espontaneamente. E agora passaram a ter o apoio do governo. De acordo com fontes oficiais, "Camp David está morto". Mas não podem declará-lo, porque os israelitas em 24 horas voltariam a ocupar a península do Sinai. Os egípcios estão em inferioridade militar. E isso não é casual: o governo dos Estados Unidos fornece sistematicamente a Israel as armas mais modernas e sofisticadas, enquanto que aos egípcios só vende armamento convencional. É por essa razão que o Cairo pretende comprar armamento francês.

"Só mudam as aparências"

Em relação às eleições norte-americanas, monsenhor Ibrahim Ayyad disse não ter muitas expectativas. "Camp David é a herança de James Carter", lembrou. "Mudam as aparências, mas a política aplicada é a mesma porque quem a traça é o *establishment* norte-americano". Igual ceticismo manifestou face às eleições de Israel. "Os trabalhistas só são mais flexíveis nos aspectos tácticos", afirmou.

Quando perguntámos se os acontecimentos no Líbano não teriam influído positivamente na opinião pública israelita, levando-a a ter uma atitude mais activa na vida política e religiosa do país, o dirigente da OLP respondeu: "O governo israelita mantém até agora uma censura rigorosa em relação aos acontecimentos no Líbano. Só reconheceram 600 mortos. Mas de facto, de acordo com fontes militares francesas, perderam mais de cinco mil homens. E têm pelo menos oito mil feridos. Censuram qualquer referência às baixas porque temem a reacção da sua própria gente.

As manifestações de massa em Telavive — que reuniram mais de 400 mil pessoas — segundo me disse um israelita ilustre, um grande homem, Amnon Kapeliuk (ver entrevista com Kapeliuk em *cadernos do terceiro mundo* nº 58), não foram um questionamento à invasão do Líbano em si, ou aos massacres de Sabra e Chatila, mas um protesto pelas baixas israelitas. Muitos deles haviam perdido os seus maridos, filhos, pais, noivos.

Quanto aos problemas éticos da invasão do Líbano, tenho as minhas dúvidas de que realmente lhes criem problemas de consciência. Porque nas escolas de Israel se ensina às crianças a odiar os árabes. Incutem-lhes que não devem misturar-se connosco.

A população árabe e palestina dos territórios ocupados por Israel sofre todo o tipo de discriminação



ONU Antes havia numerosos casamentos entre árabes e judeus. Actualmente fazem todo o possível para impedi-los. As pressões contra os casais são tão grandes que em geral acabam por desistir de casar-se.

Essa é a explicação do apoio maciço que Sharon e Begin receberam depois da invasão: um apoio de 70% dos votos. Eu estudei hebreu em 1936, no Patriarcado de Jerusalém. Tínhamos um professor judeu. Recordo como me chocaram alguns dos livros de texto que ele me trouxe, e que se usavam nas escolas. Chamavam os árabes de ladrões e assassinos. E assim foram formadas as novas gerações em Israel.

— Às vezes, a realidade impõe-se a toda interpretação. Não acha que essas gerações devem estar, pelo menos, confusas?

— Creio que estão abrindo os olhos, mas o processo é lento, muito lento. As novas gerações estão cansadas de guerra e interrogam-se como pôr um fim à situação, mas ainda não superaram o seu temor e o seu desprezo pelos árabes.

— Em que medida a ofensiva diplomática da OLP que levou Yasser Arafat a entrevistar-se com vários chefes de Estado, inclusive com o papa João Paulo II, não influi também para forçar uma mudança de atitude em relação à luta do povo palestino?

— Já em 1968 Yasser Arafat foi às Nações Unidas, pronunciando o histórico discurso no qual afirmou que tinha o ramo de oliveira numa mão e a espingarda na outra, e no qual apelou à comunidade internacional para que nunca permitisse que tivéssemos de abandonar o ramo de oliveira. Isto prova que a vocação negociadora dos palestinos não é nova.

Contudo, os anos passaram e necessitamos ainda da espingarda. Esse complexo de superioridade

dos israelitas impede o avanço no caminho da paz...

— ... refere-se à sua interpretação da sua própria história como "povo eleito"?

— Claro. Não é verdade que sejam um povo eleito. Nem sequer de acordo com a Bíblia. No primeiro capítulo do Evangelho segundo São João do Novo Testamento está escrito que somos filhos de Deus. Está claro que não existe povo eleito. Se somos cristãos temos que aceitar essa doutrina.

Dizer que a proclamação do Estado de Israel é uma concretização das Profecias, como fazem alguns protestantes, é uma heresia, do ponto de vista cristão. Numa conferência que dei em Oslo no ano passado fiz uma extensa análise nesse sentido.

— E qual é a posição do papa João Paulo II?

— A sua posição é positiva. Em vários encontros que mantive a alto nível no Vaticano percebi que o problema palestino é uma preocupação permanente do papa e que sempre está presente nas suas conversações. Uma das suas declarações públicas mais importantes nesse sentido foi na cidade de Otrenta, no sul da Itália, a 15 de Outubro de 1980, quando o papa perante mais de 150 mil fiéis afirmou que a principal causa da diáspora palestina foi o estabelecimento do Estado de Israel. E que culminou com a entrevista entre sua Santidade e Yasser Arafat, realizada a partir de uma decisão pessoal de João Paulo II e apesar de todas as pressões com que se tentou frustrar o encontro.

O bispo conta que, prevista inicialmente para meia hora, a entrevista entre Arafat e João Paulo II, desenrolada num clima fraterno, durou mais de uma hora e só foi interrompida porque o Sumo Pontífice estava a ser esperado para uma audiência pública, na qual, além do mais, o tema palestino ocupou uma boa parte da intervenção do papa. (Beatriz Bissio)

Palestinos cristãos: dupla perseguição

“A perseguição das autoridades israelitas é mais implacável contra os palestinos cristãos. Eu tenho uma irmã que é freira. Vive em Jerusalém. Ela conta-me que muitos judeus quando a vêem a caminhar pelas ruas com a cruz ao peito, cospem-lhe ou gritam-lhe obscenidades, verdadeiras atitudes fanáticas. E não há quem ponha um travão a essas atitudes. Aparecem inscrições com insultos nas paredes das igrejas, do tipo ‘fora daqui’, ‘por que não se vão embora?’”

“Por exemplo, na Abadia da Virgem Adormecida em Jerusalém, os padres beneditinos tinham uma biblioteca muito valiosa: foi roubada. Os vitrais da abadia, que eram maravilhosos, foram quebrados. Durante a invasão de Jerusalém, em 1948, eles penetraram na igreja. Eu conhecia pessoalmente a estátua da Virgem que dá o nome à abadia, uma verdadeira obra de arte. Eles quebraram as mãos, perfuraram-lhe os olhos, enfim, mutilaram-na. O mesmo fizeram em Haifa. Tenho em meu poder uma carta do superior do convento de Haifa que é guardião da terra santa em Jerusalém. Ele conta o ódio com que se lançaram contra as igrejas. Conta como decapitaram uma das imagens de Cristo e colocaram excrementos no lugar da cabeça.

“Em Israel, o Novo Testamento está proibido actualmente. Por exemplo, Israel Sahak, o presidente da Comissão de Direitos Humanos, contou-me que conheceu uma jovem professora que sugeriu aos seus alunos de um colégio secundário que lessem uns parágrafos do Novo Testamento. Foi expulsa da escola.

“E mais: actualmente em Israel mudou-se o sinal que simboliza a soma aritmética. Já não é uma cruz, é um T.

“Outra forma de perseguição: os cristãos já não podem ser guias turísticos em Israel. Têm que ser judeus. E os peregrinos cristãos também são moralmente agredidos. Um deles contou-me que o guia se referiu nestes termos a um dos caminhos por onde passou Cristo: ‘Os cristãos dizem que por aqui passou o bastardo’. Teria muito mais exemplos. Recordo-me do que ocorreu com o secretário-geral da Comissão de Justiça e Paz na França. Entrevistei-me com ele e dei-lhe alguns desses exemplos. Senti que ele não acreditava em mim. Mas poucos

meses depois visitou Israel. Quando regressou, chamou-me. ‘Tenho que lhe pedir desculpas pelo meu ceptismo’ — disse-me. ‘Agora sei que tudo que me contou é verdade e que ainda foi pouco’, acrescentou. ‘Com os meus próprios olhos, comprovei o que está a ocorrer, a perseguição contra os cristãos e árabes em Israel’.

“Força bruta ou asfixia económica, o objectivo das pressões é o mesmo: a expulsão

“Outro exemplo: eles estão a apoderar-se das terras árabes. E se é a época de colheita, nem sequer permitem que as famílias árabes possam colher o que está plantado. Quando Sharon era ministro da Agricultura, costumava colocar veneno nas sementes ou usava tractores para arrancar as plantações.

“Estão a fazer todo o possível para que os árabes não possam mais viver nas suas terras e sejam obrigados a emigrar. Por exemplo, os cristãos em Jerusalém eram 45 mil, agora são só 8 mil. Têm de pagar impostos exorbitantes. Minha sobrinha, por exemplo, que é advogada em Jerusalém vai ser obrigada a emigrar para Aman porque já não pode aguentar os elevadíssimos impostos sobre os seus salários.

“Às vezes expulsam-nos pela força bruta, outras pela asfixia económica. O objectivo é o mesmo: obrigá-los a sair. Num ano, mais de três mil jovens católicos abandonaram Belém e Jerusalém. E esse processo é contínuo.

“No ano passado, na Conferência de Genebra, Arafat voltou a insistir na nossa disposição, como palestinos, de trilhar os caminhos pacíficos, ‘Deixem-nos realizar o nosso sonho de ser um exemplo de paz na Terra da Paz’, afirmou. E exortou os israelitas a negociar. Mais tarde, em Amsterdão, Arafat insistiu na linha negociadora: ‘Deixem-nos construir um diálogo construtivo entre os nossos dois povos’, afirmou. ‘Todos sentimos uma profunda necessidade de paz, mas de uma paz justa e duradoura’. Muitos judeus estavam presentes nessa conferência de Amsterdão.

“O Mundo Árabe é governado por dirigentes coniventes com a política norte-americana. Mas estou convencido — não tenho dúvidas — que chegará o dia em que os povos árabes tomarão o seu destino nas suas mãos. E então, sim, o imperialismo norte-americano verá os seus interesses em perigo.” ●

As sequelas da guerra do Líbano



Um corajoso testemunho que obriga à reflexão, na palavra do jornalista judeu Jacobo Timmerman

Majid e Subhu Abu Gumaa tinham 18 anos, eram primos. A 13 de Abril junto com outros dois palestinos sequestraram um autocarro numa estrada ao sul de Telavive e para libertar os passageiros exigiram uma troca com prisioneiros palestinos. Comandos israelitas assaltaram o autocarro. Um passageiro israelita e dois palestinos morreram. Majid e Subhu foram aprisionados ilesos e mortos a coronhadas durante o interrogatório.

Como em todo o mundo, o governo tratou de ocultar os factos e a imprensa revelou-os. Não foi permitido ao diário *Hadashot* publicar as fotografias dos dois adolescentes nas mãos dos seus captores, mas a versão chegou ao *New York Times* e o Ministério de Defesa israelita ordenou uma investigação que estabeleceu a verdade do ocorrido.

Segundo o ministro Moshé Arens os responsáveis serão castigados. Mas há motivos para se duvidar, já que quando foi finalmente autorizada a publicação das fotos, os rostos dos verdugos foram apagados.

A censura utilizou o mesmo procedimento antes de permitir a publicação de fotografias dos terroristas israelitas processados pela tentativa de fazer explodir cinco autocarros árabes no centro de Jerusalém. O juiz Amihud Zehavi proibiu a divulgação dos nomes dos implicados, que também são acusados pelos atentados de 1980 contra os presidentes de Câmara palestinos Bassam Shaka, de Nablus, Karim Khalef, de Ramallah, e Ibrahim A-Tawill, de El-Bire, e pela conspiração para ex-

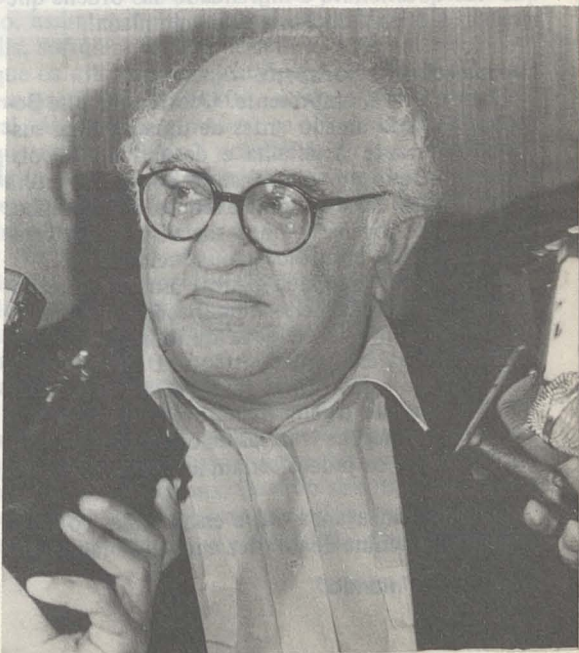
plodir as mesquitas de El-Aksa e Omar.

Se a justiça israelita não é credível, os sentimentos da sua população são alarmantes. Uma pesquisa informal realizada em Telavive quando foi conhecida a forma como morreram Majid e Subhu Abu Gumaa, indicou que 84% dos inquiridos consideravam o ocorrido aceitável. A emoção causada em 1982 pelo massacre de Sabra e Chatila cede lugar à rotina do horror consentido? Que perspectivas abre ou encerra isto, agora que um novo governo se instala em Israel? O que se pode e o que não se pode esperar do povo de Israel?

Algumas respostas a estas perguntas podem ser encontradas nas páginas que se seguem, fragmentos do livro *Israel, a mais longa guerra*, do jornalista israelita Jacobo Timmerman. Director do diário *La Opinión* de Buenos Aires, Timmerman foi sequestrado e torturado pelos militares argentinos em 1977, libertado e expulso em 1979.

Militante sionista desde a sua juventude, denunciou que havia sido perseguido na Argentina como judeu, e ao chegar a Israel declarou-se feliz e orgulhoso. Num artigo para um diário israelita escreveu que os judeus eram belos, bons e corajosos.

Jacobo Timmerman, de novo em Buenos Aires



Mas a invasão do Líbano em 1982 despertou-o brutalmente. O seu filho mais velho negou-se a fazer aos palestinos o mesmo que os militares argentinos haviam feito à sua família e Timmerman converteu o seu diário pessoal em livro, testemunho de uma ruptura que exigiu muito mais coragem do que a necessária para ser torturado numa prisão de Buenos Aires ou matar crianças nas ruas de Beirute.

O facto de um israelita escrever semelhante livro, vida nova que fermenta sobre a putrefacção de uma sociedade, deveria levar à esperança, ainda que o seu autor desconfie da capacidade dos seus compatriotas para se redimirem sem ajuda. (*Horacio Verbitsky*)

FRAGMENTOS DO LIVRO "ISRAEL, LA GUERRA MAS LARGA" DE JACOBO TIMMERMAN

À excepção do nascimento do Estado de Israel, em 1948, nenhum acontecimento comoveu tão profundamente os judeus como a invasão israelita do Líbano. Se há 35 anos tudo foi euforia sem perguntas, a partir de meados de 1982 tudo é interrogação sem piedade.

Nos meses de Junho a Setembro de 1982, entre a entrada de três colunas de tanques israelitas no Líbano e as matanças de civis palestinos nos acampamentos de Sabra e Chatila, uma pesada desmistificação afectou cada aspecto da vida judia na Diáspora e em Israel.

A brutalidade da invasão assim como a sua gratuidade, mostravam Israel como uma potência colonialista com um governo que enganava o parlamento e a opinião pública, e uma máquina militar que não questionava a moralidade das ordens que recebia. A ética judia havia sido aniquilada!

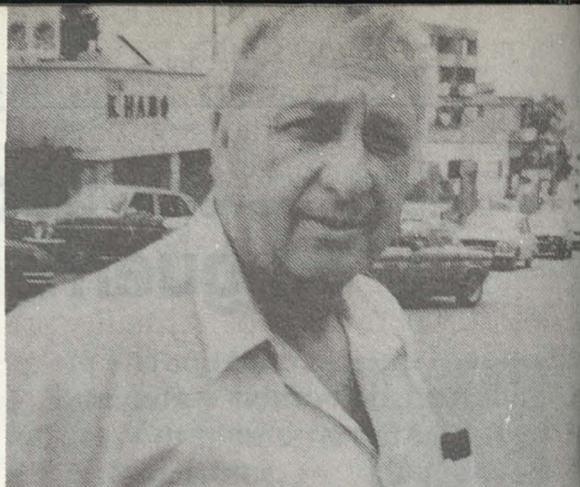
Um marechal de Bonaparte

Sharon está omnipresente. Ocorreu-me que Bonaparte o teria amado antes de uma batalha, sustentado durante a batalha e decapitado depois. É estranho que um marechal de Bonaparte tenha podido fazer carreira num exército democrático, fundado por jovens colonos socialistas num Estado de explícitos controlos constitucionais. (...)

Cada judeu traz em si alguma remota ou recente cicatriz deixada pelas humilhações sofridas. O heroísmo é uma necessidade quotidiana, e nesses primeiros dias era uma constante. Depois foi preciso saber se essas ruínas fumegantes das cidades libanesas tinham alguma relação com o heroísmo, ou se eram imagens trazidas de outras guerras para ilustrar o que os judeus seriam incapazes de cometer.

Um homem avança entre essas ruínas com um menino ou menina de uns dez anos nos braços. Um

38 - terceiro mundo



Ariel Sharon, "um marechal de Bonaparte"

grupo de homens, mulheres e crianças é detido, com os braços ao alto, e a expressão dos seus rostos, o que transmitem os seus olhares, é facilmente reconhecível para qualquer judeu. Porém é-nos proibido fazer comparações que possam chegar a igualar as vítimas de hoje com as vítimas de ontem. Porque se isso se permitisse a conclusão quase inevitável seria de que os crimes de ontem são os crimes de hoje. Foi assim que, mais ou menos no quarto dia, começou a culpa. Se a guerra havia começado oficialmente no domingo 6 de Junho de 1982, é quase seguro que a culpa começou, extraoficialmente, na quinta-feira 10 de Junho. (...)

Pela primeira vez o povo israelita pensava no que havia feito a outro. Sentia culpa e até vergonha. (...)

Pela primeira vez havia cidades destruídas e massas de civis mortos. Estavam abatidos pelo asombro. Havia visto, mas não sabiam o que significava... E ainda que não o escrevessem nem comentassem por rádio ou televisão, traziam consigo algo completamente novo: o odor que desprendem os mortos sem enterrar. Não é algo novo para o israelita. Houve milhares de soldados mortos nas guerras dos últimos 30 anos que apodreceram esperando a sepultura. Mas parece que o odor das crianças e mulheres nas ruas, nas casas, é um odor diferente.

Os jornalistas trouxeram algo mais. Havia visto de diferentes postos através de binóculos a destruição sistemática de três grandes cidades: Tiro, Sidón, Damur. Era também algo "pela primeira vez". Bombas israelitas da aviação, da artilharia e da marinha destruíram cidades. (...)

A longa lista de situações que se produzem pela primeira vez é o que nos mantém a todos saltando de um argumento para outro, de uma comparação para outra, tentando preservar algo da nossa credibilidade, da nossa tradição moral, das justificações que nos foram conferidas pela nossa condição de



“O Holocausto, assim como o conteúdo moral da tragédia, sofreram uma séria deterioração nas mãos dos que os utilizam para justificar a invasão do Líbano e a política externa israelita”

vítimas do homem, das nações, e do mundo num extenso período da história. Mas estamos inquietos, porque já na terceira semana de guerra não podemos continuar a nos enganar. E quando deixamos de nos enganar, começamos a sentir vergonha. Uma sensação estranha e irreal para um judeu, a de conceber-se algoz. (...)

Fui à reunião popular de Paz Agora com meu neto de dois anos sobre os ombros. Pelos microfones lêem a mensagem de um pai cujo filho não o fará avô porque tombou no Líbano... Quantos anos me restam para evitar a guerra para a qual o Exército-Estado enviará meu neto? (...)

O holocausto: direito ou missão?

A confusão é basicamente aumentada primeiro porque para o governo deste país todo acto agressivo israelita fica justificado porque houve um holocausto. E, segundo, porque respondendo ao mesmo mecanismo neurótico, alguns críticos do governo acreditaram que comparando as acções israelitas às cometidas pelos nazis fica melhor evidenciada a infâmia da invasão do Líbano.

O jovem filósofo francês Alain Finkielkraut acaba de assinalar com precisão que o debate encerra dois perigos. Um, o de fechar-se na defesa de Israel, obcecar-se na negação de toda condenação e compensar as dúvidas que existem com a má fé. O segundo perigo seria o de desviar até ao extremo oposto, palavra por palavra, a opinião que se tem sobre os judeus. “Os judeus, de vítimas, convertem-se em carrascos nazis”. Creio, por minha par-

te, que há um terceiro perigo. Se uma crítica ou acusação a Israel pela invasão do Líbano, fosse desconsiderada como expressão de antisemitismo pelo facto de que se utilizam palavras que correspondem aos crimes cometidos pelos nazis contra os judeus, alienar-nos-íamos do mundo em que vivemos. Inclusive as expressões de antisemitismo de alguns dos críticos da política israelita não invalidam os conteúdos essenciais da crítica, nem justificam as nossas acções no Líbano.

Comparar Arafat com Hitler é uma utilização obscena e perversa da tragédia judia... O Holocausto, assim como o conteúdo moral da tragédia judia, sofreram uma séria deterioração nas mãos dos que os utilizam para justificar a invasão do Líbano em particular, e a política externa israelita em geral. Às vezes pergunto-me se o Holocausto, para os que estamos vivos, é um direito ou uma missão. Se devemos recordar o Holocausto para evitar que se repita contra nós, ou também contra qualquer outro povo. (...)

Os soldados compreenderam, na situação moral limite que viveram invadindo um país numa guerra desnecessária, que a extensa litania de acusações e lamentos dos seus chefes, era uma faceta a mais do silêncio. O que não só oculta a palavra justa, mas também a corrompe.

Eu teria querido dizer-lhes que não se sentissem sufocados por esse silêncio. De todos os agravos que lhes foram infligidos nessas semanas, o engano não é o mais penoso. Quando meditarem, no decorrer das próximas semanas, descobrirão que foram agredidos na sua posteridade. Que foram ao

Líbano para perpetuar o fogo e a violência que nas próximas guerras envolverá as suas descendências.

O problema palestino

O problema palestino não se resolverá só pelo facto de que possamos manter uma superioridade militar, nem porque inventemos as mais originais fórmulas políticas. Nada pode substituir a necessidade de um povo de organizar-se em Estado no território que habita e lhe pertence. A alternativa que nos oferece o nosso governo, por mais disfarces que lhe ponha, é manter a opressão sobre o povo palestino até que tenhamos destruído a sua vontade de viver, aniquilado a sua identidade nacional. É incrível que considerem isto possível membros do povo que demonstrou que isto é impossível. Que é imoral e é criminoso. De qualquer forma, ainda antes que possamos confirmar se isto é possível, será a nossa sociedade a destruída, nosso povo o extenuado pela guerra permanente. Converter-se numa Prússia do Médio Oriente é agora o nosso destino manifesto. E depois o quê? (...)



É impossível achar que a ocupação seja um projecto aceitável para uma democracia”

Não é necessário aprofundar em todos os pormenores a política que Israel aplica nos territórios ocupados. As informações diárias nos meios de comunicação de massa são ilustrativas. É difícil encontrar uma fórmula democrática de ocupar um território. Certamente o fizeram os aliados da Alemanha, a Áustria e o Japão depois da guerra. Mas nunca tiveram pretensões territoriais a respeito desses países. No momento em que Israel manifestou que o seu objectivo era a incorporação no seu património dos territórios ocupados, e portanto a conversão dos seus habitantes em cidadãos de segunda classe, é impossível que este seja um projecto aceitável para uma democracia. (...)

Os soldados conheceram essa zona dos outros tão difícil de penetrar: o mundo afectivo. Trouxe-

ram consigo para Israel relatos de famílias de 6, 8 ou 10 membros ajudando-se uns aos outros a sobreviver no meio do desmoronamento e do pânico. Relatos de crianças de dez a doze anos diferentes das únicas crianças que a propaganda oficial israelita apresentava, os meninos lança-granadas. Meninos de dez a doze anos perdidos, cuidando de irmãos menores, cuidando de anciãos, mendigando para levar comida às suas famílias; crianças que não choram, que não fazem travessuras porque já têm a seriedade sombria do tempo. Conheceram jovens palestinos que são voluntários nos hospitais, que têm amigos, que querem um dia ter filhos e que, como os israelitas, sonham com uma motocicleta, com uma moça permissiva; jovens que também estão orgulhosos de não temer a morte e a quem também afecta a morte dos outros.

O reconhecimento mútuo

Os soldados trouxeram relatos de enfermeiras que ficaram a atender feridos, médicos que não fugiram; e encontraram jovens palestinos que como eles, não pedem misericórdia nem se humilham. Os soldados perceberam que os jovens palestinos, como eles mesmos, também sentem orgulho da sua identidade. Uma identidade que a propaganda oficial lhes havia dito que era amorfa, indefinida, confusa, quase paranóica, quase criminal. Os soldados não a encontraram mais confusa que a deles mesmos, não escutaram aos palestinos dúvidas mais amargas ou complexas do que as que os angustiavam em Israel. Descobriram nesses palestinos, quando os ouviam falar da pátria que algum dia teriam, longínquas reminiscências do que acreditavam ter percebido nos relatos dos seus avós ou pais sobre outras épocas de Israel. Talvez nesse momento tenham tido um pouco de inveja.

Quando estes soldados regressaram a Israel, na sétima semana da guerra, viram que todos conheciam os actos heróicos que eles haviam realizado. Mas eles trouxeram, além da sua angústia ou euforia ou fadiga, façanhas, heroísmo e sacrifícios do outro, do palestino com quem nalgum momento tiveram ocasião de falar pela primeira vez. (...)

Compreender a existência do outro e então admitir sem ódio a sua existência, é um facto novo em Israel, mesmo considerando que alguns sectores democráticos nunca deixaram de senti-lo deste modo. Mas como estado de ânimo propagado, embora ainda não como estado de consciência, é a primeira vez que ocorre. (...)

É preciso convencer os israelitas de algum modo a aceitar os novos judeus do Médio Oriente, estes cidadãos de uma terra sem Estado, estes sionistas sem Horzl nem Ben Gurion, esses palestinos que se negam a desaparecer assim como se negam a renunciar ao seu Estado. Os seus erros e os seus cri-



“O que foi que
converteu os
nossos soldados
em criminosos
tão eficientes?”

mes não provam que a sua reivindicação histórica não seja justa e correcta. Se pudéssemos aceitá-la na sua identidade humana, como aprendemos a fazê-lo com os alemães depois da guerra, saberíamos admiti-los na sua identidade nacional.

Por mais que o nosso governo e a propaganda oficial pretendam ocultá-lo e dissimulá-lo, os palestinos estavam a preparar, antes da invasão do Líbano, o reconhecimento do Estado de Israel. Inclusive no momento difícil que estão a atravessar, de ram mostras suficientes de abertura política para que um governo israelita as aproveitasse. Deveríamos compreender, tanto nós como o nosso aliado norte-americano, que uma vez mais Henry Kissinger se equivocou nas suas primeiras apreciações sobre a guerra no Líbano. Ao contrário do que disse e fez crer aos governos de Israel e EUA, esta invasão não abriu um vasto leque de novas oportunidades para Jerusalém e Washington. O que esta guerra demonstrou é que só uma nova oportunidade surgiu: o mútuo reconhecimento dos dois povos, o israelita e o palestino... A paz é a única nova oportunidade.

Bombardeamentos e massacre

Seis dias de bombardeamento. Um desses bombardeamentos dura doze horas, que o diário libanês *L'Orient-Le-Jour* chama Doze Horas de Loucura...

Os comunicados serviram para informar sobre operações militares e negociações diplomáticas. Nem um morto aparece, nem uma casa destruída. Nunca se utiliza a palavra inimigo, e nunca se precisa quais são os planos daqueles a quem atacamos com tanta eficiência e êxito durante toda a semana, quais os perigos reais — se existem — em que nos colocam. Dentro dessa grande nebulosa, eles



são os terroristas, em número de seis ou oito mil e ficamos com a impressão de que cada bomba que lançamos sobre Beirute cai sobre a cabeça de algum terrorista sem sequer afectar a rotina diária das centenas de milhares de habitantes da cidade.

De onde tiramos essa capacidade de cinismo?

Quando ficamos a saber esta semana pela imprensa estrangeira que entre 500 e 1000 civis foram mortos por causa dos bombardeamentos, dizem-nos que os terroristas procuraram refúgio entre eles.

Quem nos deu a nós o direito de decidir que esses civis deviam morrer porque não puderam ou não souberam escapar a tempo dos terroristas? De onde tiramos essa onipotência? (...)

Ontem foi o enterro com todas as honras de dez soldados israelitas que tombaram no último ataque a Beirute. Os outros nove serão sepultados hoje, 6



Beatriz Bissio

“No nosso subconsciente colectivo não nos repugna a possibilidade de um genocídio palestino”

de Agosto. No mesmo ataque morreram 250 palestinos e libaneses, que não terão sepultura por enquanto; enquanto isso os ratos darão conta de alguns. Os 65 feridos israelitas já estão sendo atendidos nos melhores hospitais de guerra do mundo. Não há hospitais para os 670 feridos palestinos e libaneses. É possível que nem todos morram das suas feridas e que alguns sobrevivam à sede.

O salmo 137 diz que nunca se deve esquecer Jerusalém. Eu nunca a esqueci. Com o mesmo fervor e ternura, nunca esquecerei Beirute.

Ontem à noite, uma marcha de tochas percorreu as ruas de Jerusalém exigindo a paz, a retirada total das tropas israelitas do Líbano. Os habitantes de Jerusalém pensam em Beirute e lutam por Beirute. Há fúria. Há esperança.

Nesse domingo 19 de Setembro o meu filho mais velho veio despedir-se... Crê que não deve ir, mas angustia-lhe a ideia da prisão militar para a qual será enviado. Está ainda traumatizado pela lembrança das visitas à prisão onde estive preso na Argentina. Não quer desertar, mas precisa expressar de algum modo o seu protesto pelos assassinatos organizados por Israel nos campos palestinos do Líbano... Pergunta-me lenta e suavemente sobre como é a vida num cárcere. Escutem a resposta de um pai israelita e reflectam sobre o grau de

anormalidade, alienação, deformação a que chegou a vida quotidiana em Israel:

“Não podes comparar, filho, um cárcere argentino com um cárcere israelita. Nas nossas prisões só maltratam os árabes e tu és membro da raça superior. É certo que fomos o povo escolhido por Deus para ser testemunha de sua Verdade, mas agora que nos capacitamos para o assassinato de outro povo somos uma raça superior, já que, diz o nosso governo, ninguém nos pode derrotar. Não te torturarão no cárcere. Uma vez que organizas a tua rotina, trinta ou sessenta dias passam rápido. Se não te apresentas agora à tua base é um acto individual. Talvez no regimento haja outros que pensam como tu e possam organizar um protesto colectivo. Em todo o caso, devem negar-se a ir ao Líbano. Não se pode ser cúmplice de um crime justificando-se com ordens superiores. É o momento de rebelar-se”.

(A 4 de Outubro de 1982, Daniel Timmerman foi sentenciado a 28 dias de confinamento numa prisão militar por negar-se a regressar à frente do Líbano. Em Maio de 1983 foi sentenciado pela segunda vez a 35 dias. Na primeira vez era o quinto soldado condenado por negar-se a transpor os limites de Israel. Na segunda vez, já era o número 60. Continuam a aumentar.)

Lembrei-me do rabino Robert Goldberg, que disse a jovens norte-americanos que se negavam a servir no exército durante a guerra do Vietname: “Pode ser que os levem diante de um tribunal, mas nunca perante um futuro Nuremberga”. (...)

Tenho poucas esperanças na oposição democrática de Israel... Temo que a disciplina israelita que domina o subconsciente de todos nós termine por implementar uma investigação que, na realidade, proteja os criminosos do castigo que merecem, e que o povo de Israel sofra de forma irreparável uma deterioração do respeito e nível moral que ainda tem perante o mundo. Lembrei-me, também, do rabino Abraham Joshua Heschel, o qual disse durante a campanha contra a guerra do Vietname: “Numa sociedade livre, alguns são os culpados, mas todos são responsáveis”. Penso então que só o povo judeu pode hoje fazer algo por nós. Os judeus da Diáspora, que preservaram os valores da nossa tradição moral e cultural, destruídos pela intolerância e pelo nacionalismo israelita, deviam estabelecer um tribunal judeu para julgar Begin, Sharon, Eitan, todo o Estado Maior do exército de Israel. Será a única maneira de elaborar e entender a enfermidade de que está a destruir Israel e, talvez, preservar o futuro de Israel. O que foi que nos converteu em criminosos tão eficientes?

No nosso subconsciente colectivo não nos repugna a possibilidade de um genocídio palestino. Não creio que nós, os israelitas, possamos curarmos sem ajuda de outros.

Estamos cá
como se estivéssemos lá.
Somos uma ponte segura
na cooperação recíproca.



uma Empresa privilegiada
na auscultação directa e
no diálogo negociador,
preparada e experimentada
como via das melhores condições
de parceria, que decorrem do
planeamento de
um grande mercado.

ANGOLA

O seu estatuto preferencial
é um espelho que reflecte
as necessidades orientadas e
as potencialidades do
comércio externo angolano.



**uma experiência
adquirida
uma confiança
reforçada
no domínio de
acordos e
operações
comerciais e
no fomento de
cooperação
técnica com a RPA.**

Consulte:

VESPER • Importação e Exportação, Lda.
Avenida António José de Almeida, 44, 1.º-Dt.º
1000 LISBOA • Portugal
telef. 731123/731323/731423
telex 43688 VESPER P
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos
Luso-Angolana, associada das
seguintes Unidades Económicas Estadais:

IMPORTANG U.E.E.
Central Angolana de Importação

EXPORTANG U.E.E.
Central Angolana de Exportação

ANGODESPACHOS U.E.E.
Empresa de Despachos Alfandegários
de Luanda

e da
COTECO, Sociedade de Cooperação
Técnica e Comercial, Limitada

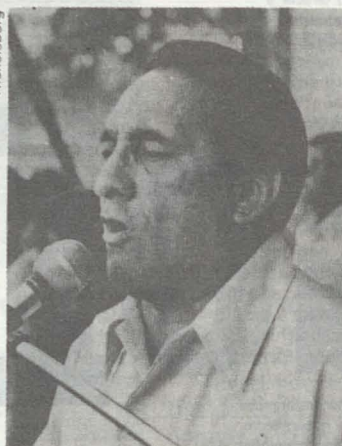
A unificação do comando guerrilheiro

Um repórter da agência Inter Press Service percorreu recentemente as zonas controladas pela guerrilha salvadorenha e entrevistou os seus dirigentes sobre os rumos da luta armada no país. O texto que segue é baseado no relato do repórter Alberto Grignolo.

Se o governo salvadorenho não decidir dialogar com os movimentos guerrilheiros do país, haverá um aprofundamento da guerra que dura há quatro anos e que já provocou pelo menos 50 mil mortes. Segundo os principais movimentos guerrilheiros de El Salvador haverá também a necessidade de restabelecer um comando unificado militar de todos os grupos que hoje controlam quase um terço do território desta pequena nação centro-americana.

A Direcção Revolucionária Unificada (DRU) existiu durante quase dois anos a partir de 1981, mas foi desactivada devido a divergências entre os cinco movimentos políticos que compõem a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). Agora, o governo democrata-cristão de José Napoleón Duarte tenta explorar a desactivação da DRU com o objectivo de embaralhar as cartas do jogo político e adiar o início de um diálogo directo e incondicional com a FMLN.

A Frente inclui o Exército Revolucionário do Povo (ERP), as Forças Populares de Libertação Farabundo Martí (FPL), as Forças Armadas de Resistência Nacional (FARN), o Partido Comunista e o Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-americanos (PRTC). De todos estes grupos, o governo de Duar-



Napoleón Duarte

te considera a FPL como o sector mais "duro", isto é, aquele que teria a posição mais inflexível em relação a negociações visando um fim da guerra.

Encontrámos o primeiro-secretário das FPL nas encostas da serra de Guazapa, a cerca de 30 km de São Salvador, em plena zona dominada pela guerrilha. Eduardo Guzman negou que o seu movimento seja inflexível. "Se o governo demonstrar na prática que está interessado em criar um regime provisório de ampla participação, nós não nos oporíamos a uma negociação, e poderíamos, inclusive, dar mostras objectivas da nossa flexibilidade".

Guzman afirma que o princi-

pal objectivo do seu movimento é evitar o agravamento de perdas humanas e materiais. "Mas para isto — acrescenta — são necessárias duas condições básicas: a presença dos interesses populares num futuro governo de transição, segundo fórmulas que garantam uma participação concreta e não apenas nominal; e o fim imediato da intervenção norte-americana em El Salvador. Estes dois últimos pontos são essenciais em qualquer negociação".

O poder guerrilheiro

No momento a FMLN controla cerca de 90 municípios de todo o país onde já foram instalados centros de poder autónomos administrados pelos cinco grupos que compõem a Frente. A existência deste poder autónomo que dá bases próprias ao movimento guerrilheiro é encarada pelos dirigentes da FMLN como a base principal para que num eventual processo de diálogo o governo de Duarte seja obrigado a reconhecer que já não domina o país inteiro.

Eduardo Guzman afirma que "os guerrilheiros não estão cansados nem interessados em abandonar a luta armada". Ele diz que aceita negociações se não houver imposições, como, por exemplo, a exigência de entregar armas antes do início de um diá-

logo, porque isso "criaria uma situação que colocaria a guerrilha em desvantagem".

Mas enquanto o diálogo não vem, as FPL intensificam a criação dos chamados "poderes populares locais". Trata-se da organização política implantada nas zonas controladas, como na frente Felipe Pena, instalada nas serras de Guazapa, onde foi feita a entrevista com Eduardo Guzman. A frente começa nos arredores da capital salvadorenha, incluindo cidades como Paismal e Aguilares, e estende-se até aos departamentos vizinhos de Cuzcatlan e Cabanas.

O presidente do "poder popular local" é um jovem guerrilheiro que se identifica apenas como Alex. É ele quem coordena o trabalho de quatro secretários encarregados da defesa, assuntos jurídicos, assuntos sociais e da economia popular. O chefe da defesa coordena a mobilização das unidades guerrilheiras e organiza a protecção dos civis bem como a retirada de populações desarmadas em caso de ataque. O secretário de assuntos jurídicos é o responsável pelo estabelecimento das normas que orientam o convívio social, as chamadas "leis revolucionárias" e ocupa-se também dos casamentos, baptizados e levantamentos estatísticos. O encarregado das questões sociais garante o funcionamento das escolas, clínicas médicas e restantes organismos assistenciais da comunidade. Finalmente, o responsável pelo sector económico coordena as tarefas tanto do sector cooperativo comunitário como dos produtores privados que vivem nas regiões ocupadas. É ele que estabelece metas de produção e garante a distribuição e comércio dos bens ou colheitas.

A alfaiataria revolucionária

Na Frente Felipe Pena já foram criadas além de escolas e clínicas médicas de primeiros so-



Esperando o diálogo, a guerrilha intensifica as suas acções

corros, uma loja comunitária, uma sapataria, uma panificação, um apiário e uma alfaiataria. Os responsáveis pela administração local reconhecem que não foi possível romper o ciclo de miséria em que vive o povo, mostrando como prova disto a subnutrição, paludismo e desintéria que ainda existem. A circunstância da frente estar localizada numa zona de guerra dá ao local características especiais onde tudo é feito mais em função da sobrevivência do que para conseguir grandes avanços em relação ao que existia no local antes do início da guerra. "Mas de qualquer maneira, muita coisa que não havia antes já entrou em funcionamento regular" garante um dos responsáveis pela Felipe Pena.

Todas as cem cabeças de gado da região foram eliminadas durante os bombardeamentos aéreos. Mas apesar disso, a zona de Guazapa consegue manter um comércio activo com regiões vizinhas. Este comércio, que envolve tanto os membros da frente como agricultores e comerciantes isolados, depende no entanto do transporte por estradas,

o que nem sempre é possível devido à acção dos aviões do governo.

Uma das organizações novas, surgidas depois que os guerrilheiros passaram a controlar Guazapa é a AMES (Associação de Mulheres). Juanita, a dirigente local garante que hoje as "mulheres já não vacilam para realizar tarefas que antes eram exclusivas dos homens, como a da luta armada". Entre os projectos desenvolvidos pela sub-zona da AMES está a construção de uma cooperativa de pesca e a padaria. Também os jovens passaram a ter formas próprias de organização, para desempenhar tarefas como correio, transporte de pequenas mercadorias e vigilância. Eles servem também como guias para grupos de combate da FPL na região.

Durante o tempo em que percorremos a região da frente Felipe Pena tivemos a oportunidade de observar como combatem os guerrilheiros. Estão em todas as partes com as suas espingardas e metralhadoras dos mais variados tipos e procedências. Há muitas armas norte-americanas que foram capturadas a soldados do



Carlos Gil

“Quando alguém corre durante um ataque é porque vai ocupar o seu posto de combate”

exército regular. Os uniformes também são os mais diversos possíveis. Mas em comum existe sempre a preocupação em estar junto da população. Vimos dezenas de guerrilheiros acompanhando camponeses na colheita do milho e de feijão.

Na sua maioria muito jovens, no dia em que visitámos a área operacional eles estavam preocupados com a retirada de quase cinco mil camponeses perante a iminência de um ataque em larga escala das forças governamentais. O ataque já havia sido detectado com quase uma semana de antecedência por rapazes que informaram os chefes locais sobre uma concentração anormal de tropas e blindados nos arredores de São Salvador, perto da estrada que dá acesso à região de Guazapa.

A “guinda”

Perto do meio-dia, um avião da força aérea atacou um posto comercial controlado pelos guerrilheiros. Trata-se de uma rotina quase diária executada por aparelhos A-7 ou A-37, aos quais se juntam ocasionalmente helicópteros do tipo Huey ou aviões de carga Hercules. Quando isto ocorre, a população esconde-se em geral debaixo das árvores ou então faz a “guinda” (fuga). O que surpreende é que quase nin-

guém se mostra assustado ou corre diante do ataque aéreo. Um guerrilheiro sorrindo afirma que “quando alguém corre é porque vai ocupar o seu posto de combate”.

Diante da notícia de que quase dois mil e quinhentos soldados se preparavam para atacar a região, os guerrilheiros rapidamente organizaram a população que se colocou em marcha ao cair da noite em busca de um lugar seguro. Foram quase onze horas de caminhada silenciosa pelo escuro, rumo às encostas de uma montanha. Em voz baixa, os participantes da “guinda” não lamentavam abandonar as suas casas, facto que para a maioria deles já era uma rotina. A única coisa que lastimavam era não poderem terminar a colheita de milho e de feijão.

A marcha terminou já no departamento de Cabanas porque os chefes guerrilheiros encontraram um acampamento militar das FPL e a situação foi considerada segura, porque estávamos todos fora do alcance da força inimiga. Foram quase três mil camponeses que haviam usado a “guinda” para temporariamente buscar refúgio. E foi neste acampamento que encontramos uma das pessoas mais importantes das FPL na região. O comandante Ramon Torres.

O acampamento guerrilheiro em pouco difere de um acampamento de um exército convencional, salvo pela presença de camponeses e mulheres que se movimentam com total intimidade entre os combatentes fardados de verde oliva e armados com espingardas norte-americanas do tipo M-16. Estes guerrilheiros dirigem as chamadas “forças secundárias”, compostas por milicianos menos graduados e que realizam um trabalho permanente de vigilância ao longo das serras próximas. Estas forças secundárias percorrem caminhos e picadas das cinco da manhã até o entardecer, à procura de patrulhas do exército.

O comandante Ramon Torres, tendo ao lado os tenentes “Salvador” e “Emilio” (ambos nomes de guerra) afirma que de momento, a tarefa principal da FPL é conseguir a unidade completa de todos os diferentes exércitos guerrilheiros que, de forma autónoma, agem no interior das chamadas “zonas libertadas”. Segundo eles, a partir do último “conselho revolucionário” das FPL, a organização decidiu intensificar o projecto de formação de um único partido revolucionário. “Este processo — afirma Ramon Torres — visa alcançar uma consolidação da aliança das organizações guerrilheiras com os sectores democráticos que compõem a Frente Democrática Revolucionária (FDR) dirigida por Guillermo Ungo”.

Tudo isto deveria — segundo o comandante das FPL — levar à reconstituição da DRU, que seria uma organização político-militar ampliada e que se constituiria na entidade máxima da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional. A ela estariam subordinadas a comissão diplomática que se encarrega dos contactos políticos tanto externos como internos e o comando geral das forças guerrilheiras, formado pelas cinco organizações integrantes da FMLN.

Uma democracia questionada

Presos políticos e crescente militarização, acampamentos anti-sandinistas e colaboração logística de organismos do governo da Costa Rica são alguns sintomas da decomposição do regime

Rodrigo Jaubertb

Quando Luis Alberto Monge assinou a Carta de Intenções com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1982, renegociava uma dívida externa de 170 mil milhões de colons (4 mil milhões de dólares). Isto é, a maior dívida *per capita* do mundo (a Costa Rica tem uma população de 2,5 milhões de habitantes aproximadamente). A desvalorização da moeda foi superior a 580% e durante os últimos dois anos o Produto Interno Bruto (PIB) manteve-se com níveis inferiores a zero.

No ano de 1983, o Conselho Económico Costarricense iniciou uma série de medidas que provocaram grandes mobilizações populares com barricadas nas ruas. O combustível fôra aumentado em 19% e a taxa de câmbio passara de 8,60 para 45 colons por dólar em 1982. Nesse período, os salários aumentaram 122% contra 137% de aumento dos preços dos produtos de consumo básicos. Leve-se em conta que esse índice não inclui habitação, saúde, educação e vestuário.

Os pobres em 1980 representavam 41,7% das famílias. Em

1984 - Setembro - no. 69



Luis Alberto Monge

1981, 56,4%; em 1982 atingiram 70,7% e, na área rural, essa percentagem elevou-se para 82,9%, mantendo-se essas tendências até 1984. Tudo isso segundo números oficiais.

O governo de Monge, ao invés de atacar as causas dos problemas, impôs medidas destinadas a "solucionar" a crise de acordo com os interesses dos grandes banqueiros costarriquenhos. O

FMI, que se converteu num superpoder na Costa Rica - segundo declarações de dirigentes social-democratas do Partido de Libertação Nacional (PLN) - exigiu para 1984 uma redução mínima de 70 milhões de dólares nas despesas públicas e uma série de medidas que fizeram com que o próprio presidente declarasse que esse organismo pretendia desestabilizar o país.

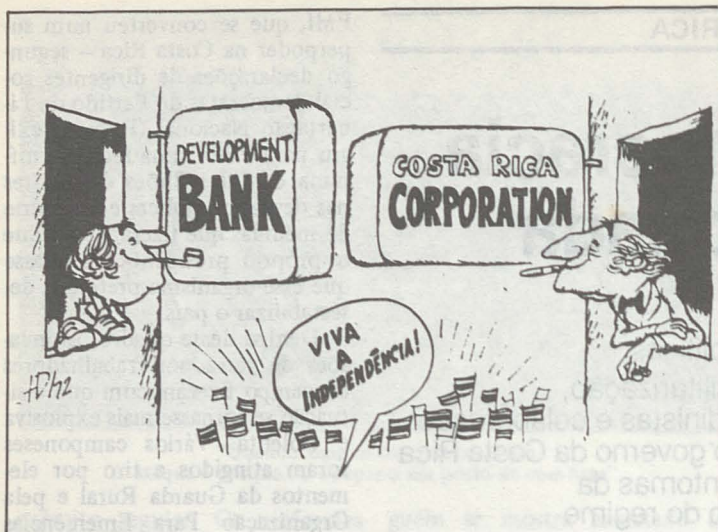
Dentro desse quadro, as invasões de terra por trabalhadores do campo fizeram com que a situação se tornasse mais explosiva e violenta. Vários camponeses foram atingidos a tiro por elementos da Guarda Rural e pela Organização Para Emergências Nacionais (OPEN). Foram incendiadas propriedades, colheitas, sementes e detidas centenas de pessoas. A expulsão violenta de mais de duas mil pessoas (400 famílias), ocorrida a 5 e 6 de Março último em Coto Brus, no sul do país, é um exemplo dessa irracional concentração de terras. As famílias que tinham invadido esse latifúndio de propriedade norte-americana, enfrentaram a Guarda Rural para evitar a sua expulsão. Houve um morto, vários feridos graves e crianças afectadas pelos gases lacrimogénios usados pela força policial.

A crise tem-se traduzido em maior desnutrição, abandono escolar, em 1983, de mais de 40% no ensino primário e secundário, e aumento do desemprego. A maior parte da população tenta subsistir, seja reduzindo o gasto com a alimentação ou aumentando as horas de trabalho dos membros da família, quer dos adultos, quer dos jovens ou das crianças.

Militarização e organizações paramilitares

A Costa Rica era um país que se orgulhava de ter "mais professores do que soldados". O exército como tal, foi proscrito como instituição permanente

terceiro mundo - 47



Extraído do jornal *Universidad*, Costa Rica

desde a Constituição de 1949 que aprovou unicamente o funcionamento das forças da polícia necessárias para a vigilância e manutenção da ordem pública.

O aumento das tensões fronteiriças entre os governos da Costa Rica e da Nicarágua e a generalização da crise económica nos últimos dois anos, levou o governo de Luis Monge a uma aliança com as forças contra-revolucionárias de Eden Pastora e com os Estados Unidos.

Assim, tenta justificar a criação de uma série de organizações paramilitares e o aumento acelerado de assessores e projectos de carácter estratégico em termos das exigências norte-americanas. Com efeito, nove países prestam ajuda militar à Costa Rica: Estados Unidos, Panamá, Venezuela, Coreia do Sul, Formosa, Israel, Japão, Argentina e Espanha. A ajuda militar consiste em armamento, equipamento, preparação do corpo policial e o envio de instrutores militares especializados na luta antiterrorista.

Por outro lado, a Organização Para Emergências Nacionais (OPEN), criada por decreto, exige no seu recrutamento "comprovado espírito democrático" e treina os seus quadros política e

militarmente. Os seus responsáveis estão relacionados com os grupos armados anti-sandinistas fornecendo-lhes apoio logístico e cobertura militar. São eles, os coronéis Rodrigo Paniagua e Oscar Montero. As forças de oposição afirmam que essa organização é um prolongamento do corpo militar do PLN. No total, as organizações paramilitares de direita e as forças regulares que o exército costarriquenho disfarçadamente possui (ver caixa).

Os orçamentos de segurança aumentaram consideravelmente nos últimos três anos e a assistência norte-americana não se fez esperar: 23 milhões em 1981; 52 milhões em 1982 e 161 milhões em 1983.

Corpos Paramilitares

Nº de Efectivos

OPEN	10.000
Reservistas do PLN	15.000*
Movimento Costa Rica Livre	(Informação não confirmada)
União Patriótica	2.500**
Grupo Fortín	(Informação não confirmada)
Acção Democrática	
Zona Norte	(Informação não confirmada)
Coyotepe 55	(Informação não confirmada)
Comando Tomás Guardia	(Informação não confirmada)
Comandos de Vigilância	(Informação não confirmada)
Mau Mau	(Informação não confirmada)
Brigada Simón Bolívar	(Informação não confirmada)
Boinas Azuis	(Informação não confirmada)
Grupos ABC	(Informação não confirmada)
Grupo Tridentes	(Informação não confirmada)

Forças Regulares

Guarda Civil e Rural	12.000
Organismo de	
Investigação Judicial	1.000
Agência de	
Segurança Nacional	100
Direcção de	
Informação e Segurança	(Informação não confirmada)
Brigada Antiterrorista	200
Comandos do Atlântico	278
Polícia Militar	250
Total Global	39.328

* Os reservistas do PLN são 25.000, mas acredita-se que 10.000 tenham passado a integrar a OPEN.

** A informação é aproximada.

Acampamentos anti-sandinistas

Os acampamentos anti-sandinistas tinham sido detectados na Costa Rica desde Janeiro de 1982 na província de Guanacaste, em Boca de Parismina, no Cerro del Cacao, no sopé do vulcão Orosí, e nas fazendas El Hacha, El Amo, El Pelón e Las Delicias.

Quando o ministro dos Negócios Estrangeiros Fernando Volio afirmou na Organização dos Estados Americanos (OEA) que a Nicarágua tinha atacado a Costa Rica em Peñas Blancas a 28 de Setembro de 1983 — facto desmentido por fontes jornalísticas e oficiais costarriquenhas — recebeu o apoio dos seus “aliados e amigos”: El Salvador, Guatemala, Honduras, Paraguai e, logicamente, dos Estados Unidos. Com essa posição, Volio procurou criar um pretexto para desmembrar e paralisar o Grupo de Contadora e impor junto dos seus aliados uma política mais agressiva contra a Nicarágua. Ao mesmo tempo, o delegado norte-americano na OEA assinalou que os 21 pontos do Documento de Objectivos de Contadora “não são obrigatórios” e que os Estados Unidos “não tolerarão mais nenhuma agressão contra a Costa Rica ou outros países vizinhos, para o que contamos com o apoio do TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca)”.

Nessa mesma semana, o chefe do Comando Sul dos Estados Unidos, general Paul Borman, visitou a Costa Rica e reuniu-se com o presidente Monge e Curtin Winsor (o embaixador norte-americano acusado de apadrinhar Pastora e os *contras*). Como resultado dessa reunião foi anunciado um projecto que determina o envio e treino de um contingente de oficiais norte-americanos, panamianos e colombianos para a Costa Rica, esclarecendo que “não serão de



Extraído do jornal *Universidad*, Costa Rica

carácter militar nem guerreiro” (sic).

Borman propôs, além disso, construir uma rede de estradas e pontes na região fronteiriça com a Nicarágua, apontando o aspecto “estratégico” do projecto. Com efeito, o “Projecto da Zona Norte”, como é denominado, procura isolar por terra a Nicarágua e fornecer logística e técnica militar aos anti-sandinistas, às forças do TIAR, do CONDECA (Conselho de Defesa Centro-Americano) ou uma força de intervenção norte-americano-costarriquenha.

Esta campanha procura colocar a Costa Rica contra a Nicarágua e criar condições para que os costarriquenhos assimilem a ajuda norte-americana quando forem “agredidos pelos sandinistas”. Com a mesma orientação — sem mencionar o estatuto de “neutralidade perpétua” que a Costa Rica proclamou a 17 de Novembro de 1983 — foi fundado num hotel costarriquenho um novo grupo anti-sandinista, denominado M-3, do qual 60% dos seus membros estão radicados nesse país. Essa organização

aliou-se à Aliança Revolucionária Democrática (ARDE) e estabeleceu num programa mínimo, a criação de uma Junta Coordenadora e um programa de governo provisório.

Curiosamente, o semanário britânico *The Sunday Times* informou a 4 de Novembro de 1983 que o presidente Reagan pretendia a formação de um “governo provisório” na Nicarágua antes de Janeiro de 1984. Segundo o plano, os países do CONDECA enviariam tropas para a Nicarágua para defender o “governo provisório” enquanto as forças dos Estados Unidos nas Honduras contribuiriam com o apoio logístico e interviriam em caso de necessidade. Entre os supostos “convidados” a formar esse governo, estão Alfonso Robelo e Leonel Poveda, residentes na Costa Rica.

Numerosas personalidades e organizações políticas foram acusadas de manter uma “campanha de desprestígio contra o governo de Luis Monge. Mas na realidade só há um responsável pelo desprestígio da Costa Rica: o próprio governo. ●

Uma manobra política

Realizadas como um requisito formal para melhorar a imagem internacional do regime, as eleições de Julho nada modificaram: o exército continua sendo o poder por detrás do trono

Otonial Martínez*

Os militares que derrubaram o general Lucas García, a 23 de Março de 1982, e colocaram no lugar o general Ríos Montt, prometeram "reconduzir a Guatemala no caminho da verdadeira democracia".

Um ano depois, Ríos Montt anunciava o início de uma "abertura democrática" e promulgava três leis que deviam regulamentá-la. Os políticos qualificaram essa abertura como "uma burla ao povo". Poucos dias antes, onze guatemaltecos haviam sido fuzilados, após terem sido condenados à pena máxima pelos Tribunais Especiais, que não observaram as mínimas garantias jurídicas.

A legislação feita por Ríos Montt permitia a formação de partidos políticos. Desde então, surgiram 48 agrupamentos cuja maioria representava cisões dos antigos partidos. Finalmente, 17 conseguiram a sua inscrição e participaram, a 1 de Julho de 1984, nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte: os restantes não atingiram as quatro mil assinaturas exigidas.

Mario Sandoval Alarcón, dirigente do Movimento de Libertação



Ríos Montt

ção Nacional, de direita, disse em Abril último: "Se analisarmos grupo por grupo, veremos que todos eles tiveram algum envolvimento político com qualquer um dos partidos tradicionais". E Haroldo Rodas Melgar, secretário-geral do Partido Socialista Democrático (na clandestinidade desde 1979), acrescentou que a proliferação de grupos políticos não se devia a divergências ideológicas mas a interesses pessoais dos seus dirigentes.

A democracia dos militares

A Comissão de Direitos Humanos da Guatemala afirmou no último mês de Fevereiro: "Não se praticam eleições livres no país desde 1954", pois os actos assim chamados foram simulacros eleitorais utilizados para justificar a dominação do exército. A condução política do Estado ficou nas mãos de altos chefes militares, e os 'presidentes da República' foram designados pelo exército". Os próprios executores do golpe de Março de 1982 reconheceram: "O povo da Guatemala tem sido objecto, diversas vezes, de manipulações eleitorais fraudulentas nos últimos tempos, o que provocou a perda de confiança dos guatemaltecos nas instituições democráticas".

O absolutismo militar na condução do Estado relegou os partidos políticos para o papel de simples elementos de cobertura legal à permanência da instituição armada no poder. Os dirigentes dos partidos ocuparam os ministérios ou as bancadas da Câmara dos Deputados, mas as decisões políticas sempre foram tomadas pelo alto-comando do exército. Para essa função "de fachada", a instituição militar escolheu os partidários da extrema-direita e aqueles que tinham aspirações mais pessoais do que políticas, e nunca permitiu o desenvolvimento das forças progressistas e democráticas. Em 1979 foram assassinados Manuel Colom Argueta e Alberto Fuentes Mohr, respectivamente, da Frente Unida da Revolução (FUR) e do Partido Revolucionário Autêntico (PRA). A partir daí dezenas de militantes tiveram o mesmo destino. Por outro lado, cerca de 400 dirigentes e activistas da Democracia Cristã foram assassinados ou sequestrados nos últimos cinco anos.

Tudo isso explica, de certa forma, a apatia dos guatemaltecos face ao processo eleitoral.

* Director da agência guatemalteca de notícias Enfroprensa.



Amadeo García, do grupo União Revolucionária Democrática, disse que apenas 3% dos cidadãos aceitavam inscrever-se em algum partido político, e apontou a indiferença e o medo como causas desse fenômeno.

Entre a fome e o terror

Gustavo Ansueto Vielman, empresário e político de direita, tem uma explicação a esse respeito: "Se os guatemaltecos estão preocupados por não terem o que comer — afirma — é óbvio que não vão ficar pensando em política".

De facto, a Guatemala ocupa os primeiros lugares do hemisfério em analfabetismo, insalubridade, desnutrição, mortalidade infantil, déficit habitacional, desemprego e subemprego, injustiça na distribuição do rendimento nacional e outros indicadores das condições de vida, que são agravados em cada ano.

Por outro lado, as eleições de Julho realizaram-se num contexto de violação dos direitos humanos, denunciado reiteradamente pelas Nações Unidas. Segundo os meios de imprensa e os organismos de solidariedade, 127 pessoas foram assassinadas no último mês de Maio, enquanto que 143 foram sequestradas-desapa-

1984 — Setembro — no. 69



A luta armada, iniciada pela oposição popular e revolucionária, atingiu ultimamente níveis significativos

recidas e 189 feridas, em operações atribuídas às forças de segurança (calcula-se que apenas 20 a 25% destes factos chegam ao conhecimento do público). Entre as 459 vítimas dessa violência oficial contabilizaram-se, no mínimo, 15 crianças e 55 mulheres.

A violência oficial atingiu particularmente os grupos políticos que participavam no processo eleitoral. Vinicio Cerezo, secretário-geral da Democracia Cristã, denunciou em Novembro de 1983, "uma crescente campanha de perseguição política". Entre Outubro daquele ano e Abril de 1984, foram assassinados ou sequestrados 57 dirigentes ou acti-

vistas de diversos grupos, maioritariamente de centro e de centro-esquerda. Vários grupos políticos denunciaram atentados contra os seus dirigentes, ameaças contra os militantes, confiscação de propaganda, proibição de comícios e sabotagens. A 29 de Maio, Ramón Zelada Carrillo, porta-voz oficial, reconheceu a responsabilidade nesses acontecimentos de "agentes menores do governo".

Nos planos de Washington

Poucos guatemaltecos acreditam que a Assembleia Nacional Constituinte possa contribuir para a democratização e a supe-

ração da crise política do país. Luis Arturo Archila, presidente da Associação dos Advogados, denunciou no fim de Maio que nos períodos em que a Constituição esteve em vigência, "não prevaleceu um regime de legalidade, já que os governantes não respeitam o ordenamento jurídico, mantendo-o só do ponto de vista formal e não material".

Além disso, o actual presidente, general Mejía Víctores, anulou os poderes que correspondem por definição a uma Assembleia Constituinte, dispondo que esta só terá como tarefa redigir a Constituição e outras leis afins. "O governo de facto continuará à frente do poder executivo e legislativo", disse Mejía, acrescentando que uma posição dos sectores políticos contrária a essa disposição poderia fazer o país desembocar numa nova ditadura.

Parece pouco viável que a vida política da Guatemala possa ser regida por uma Constituição, qualquer que seja seu cunho, enquanto o exército continuar como força hegemónica na condução do Estado. A maioria dos guatemaltecos pensa que, mesmo se houver eleições presidenciais, a instituição militar continuará "a governar por detrás do trono". A trajectória militar dos últimos 20 anos e a situação actual de insurreição no país parecem confirmar esta tese.

As habituais fraudes eleitorais

Para a maioria dos observadores, as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte são um "produto de exportação". Em vez de restituir a institucionalidade ao país, os militares tratariam de melhorar a deteriorada imagem internacional do regime, para vencer a resistência que os congressistas norte-americanos têm apresentado durante os últimos anos diante dos insistentes pedidos da administração Reagan para renovar a assistência

militar à Guatemala.

Em declarações no início deste ano, após ser conhecido o apoio da Casa Branca à promulgação de uma lei eleitoral na Guatemala, o coronel Pablo Nui-la Hub, porta-voz do governo, afirmou: "É maravilhoso que se esteja dando credibilidade no exterior ao processo eleitoral, ao contrário do que acontece no sector político minoritário do país".

A realização das eleições, embora não implique nenhuma mudança significativa na política interna, é um factor-chave na normalização das relações entre a Guatemala e os Estados Unidos. É bem provável que ela se traduza a curto prazo no restabelecimento da assistência militar e no realinhamento dos militares guatemaltecos aos planos de Washington.

Nas fraudes eleitorais dos últimos cinco anos, o exército comprometeu, de forma pouco discreta, importantes dependências estatais, tais como os Ministérios do Interior e das Comunicações, a Polícia Nacional e a Polícia Militar, a Empresa Nacional de Telecomunicações, a Força Aérea, o Tribunal Eleitoral e, inclusive, o parlamento. A duplicidade de documentação, as coacções aos funcionários públicos, a mudança de urnas, a falsificação dos resultados e outras práticas similares foram sempre prática corrente.

A Guatemala, com os seus oito milhões de habitantes, tem 3,5 milhões de pessoas em idade

¹Em 1977, o presidente James Carter suspendeu a assistência militar à Guatemala, por causa dos excessos oficiais na violação aos direitos humanos. Desde então, o exército guatemalteco não ocultou as suas discordâncias com Washington, facto que se manifestou nos últimos meses na recusa em participar nas manobras conjuntas dirigidas pelo exército norte-americano nas Honduras e na resistência em comprometer-se de maneira directa na estratégia de Washington para a região.

de votar. Entre elas, 2,6 milhões inscreveram-se no Registo de Cidadãos, para obter o cartão de eleitor. "Muitas pessoas inscrevem-se para evitarem represálias e sanções, e não com o desejo de participar nas eleições", afirmava um editorial do jornal *El Gráfico* nos dias anteriores ao acto eleitoral. E, de facto, foram amplamente divulgadas denúncias de pressões contra cidadãos (detenções, multa, demissões, etc) para os obrigar a inscreverem-se.

A abstenção em eleições anteriores atingiu cerca de 80% (1982). No entanto, em Julho último, a votação foi relativamente alta. Não votar, naquela ocasião, podia significar não só perder o emprego, mas o risco de perder a vida: o não votante podia ser qualificado como inimigo do regime militar.

Um estado de guerra

Por outro lado, a luta armada, iniciada pela oposição popular e revolucionária há mais de duas décadas, atingiu nos últimos anos níveis significativos. A ONU qualificou-a como "um conflito armado de carácter não internacional, que obedece a factores económicos, sociais e políticos de tipo estrutural".

No primeiro trimestre de 1984 houve no país 60 confrontos armados além de 45 acções não-militares dos grupos revolucionários. Como resultado dessas operações, as forças oficiais sofreram 318 baixas comprovadas (os relatórios não quantificam as baixas em vários confrontos). Os rebeldes apossaram-se de armas e munições.

Nesta situação, as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte realizadas fundamentalmente para fortalecer o poder militar, não se irão traduzir numa melhoria das condições de vida do povo, que certamente experimentará uma nova frustração.

Em tempo de mudanças

Duas décadas após a independência, a Tanzânia prepara-se para viver as mudanças políticas mais importantes da sua história

Carlos Castilho

Depois de comemorar os 20 anos da união entre a Tangânica e Zanzibar, a República da Tanzânia prepara-se agora para viver uma nova e crucial etapa da sua vida política, no momento em que Julius Nyerere deixar a chefia do governo, um cargo que exerce desde 1963. O homem que os tanzanianos se acostumaram a chamar de *mwalimu* (professor em língua *swahili*) deve deixar a presidência em 1985, conforme anunciou no começo deste ano, passando a exercer funções directamente ligadas ao partido *Chama Cha Mapinduzi* (CCM), o partido único do país, criado em 1965, como resultado da fusão entre a TANU (*Tangânica African National Union*) e o movimento *Afro-Shirazi*, da ilha de Zanzibar.

Nyerere, além da indiscutível liderança que consolidou ao longo de duas décadas no seu país, tem no resto da África e também no Movimento dos Países Não-Alinhados, uma posição única resultante dos esforços feitos desde a década de 60 a favor da união do Terceiro Mundo na luta por uma mudança nas relações económicas e políticas entre as ex-metrópoles europeias e as ex-colónias na África, Ásia e América Latina. O *mwalimu* foi também o ideólogo de uma experiência de socialização baseada em princípios comunitários que despertou enorme interesse em



Julius Nyerere

quase todos os países do mundo, embora os seus resultados concretos na Tanzânia ainda não tenham superado os entraves deixados pelo colonialismo, tanto no plano interno como nas relações comerciais com o exterior.

Até Abril, o sucessor natural de Nyerere era o primeiro-ministro Edward Sokoine, mas um acidente de viação entre Dodoma e Dar-es-Salam mudou radicalmente o panorama político da Tanzânia. Sokoine morreu em circunstâncias que tiveram versões desencontradas, e agora o mais provável herdeiro da chefia do governo é o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Salim Ahmed Salim, o primeiro político oriundo de Zanzibar a ter hipóteses reais de chegar à presidência da Tanzânia, desde a unificação da Tangânica com Zanzibar.

Edward Muringa Sokoine, 46

anos, estava no cargo de primeiro-ministro desde 1972 e apesar de ter sido escolhido por consenso, enfrentou numerosos problemas até à sua morte. O principal deles foi a oposição de sectores mais conservadores ligados ao ex-primeiro-ministro Cleopa Msuya. Msuya controla poderosos interesses económicos e foi directamente afectado pela campanha contra a corrupção em organismos oficiais desencadeada por Sokoine a partir de 1980. No começo deste ano Msuya foi mencionado por alguns jornais africanos como um dos envolvidos numa suposta tentativa de rebelião promovida por jovens oficiais das guarnições localizadas em Bukoba, com o apoio de políticos tradicionalistas das regiões de Arusha e Kilimanjaro.

A luta contra a corrupção

Mas se os sectores mais conservadores se inquietaram com a ofensiva anti-corrupção, os sectores de esquerda do partido CCM também revelaram insatisfação pelo facto de Sokoine ter prometido facilidades a investidores estrangeiros, ter autorizado o pagamento de indemnizações pelas propriedades da transnacional *Lonhro*, nacionalizadas na década de 70. O falecido primeiro-ministro foi também o responsável pela reaproximação com o Quênia, ao autorizar a de-

portação de oficiais da força aérea queniana, que fugiram para a Tanzânia depois de terem apoiado uma rebelião estudantil contra o governo conservador de Daniel Arap Moi em Nairóbi, em Agosto de 1982.

A existência destes grupos contrários a Sokoine fez com que imediatamente após a sua morte surgissem rumores de que o acidente não foi casual. No entanto, nenhuma prova concreta surgiu nas semanas seguintes ao desastre, nem o governo deu ouvidos às especulações, mas os boatos continuaram embora sem provocarem consequências políticas.

A ascensão de Salim Ahmed Salim ao cargo de primeiro-ministro coloca-o como a figura mais em evidência na sucessão de Nyerere. Salim é um jovem político que se tornou interna-

cionalmente conhecido como o único diplomata africano que teve hipóteses reais de ser eleito secretário-geral das Nações Unidas, quando se deu a substituição de Kurt Waldheim em Dezembro de 1981. Nascido em Zanzibar, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da Tanzânia é muito popular entre os estudantes e tem também uma forte penetração entre os velhos dirigentes de comunidades rurais do interior da Tanzânia.

A escolha de um ilhéu para a chefia do ministério poderá reduzir as tensões surgidas no começo deste ano entre políticos de Zanzibar e os do continente motivadas por questões económicas. A velha guarda do antigo *Afro-Shirazi*, pressionada pela pequena burguesia da ilha, mostrava-se descontente com a queda do nível de vida provocada

pela deterioração da economia tanzaniana especialmente nos cinco últimos anos. A população da ilha, na sua maioria de origem árabe, sempre teve um padrão de vida superior ao dos habitantes da parte continental, graças principalmente às actividades comerciais. Zanzibar sempre foi um próspero porto de trocas para navegadores árabes, que no passado chegaram a transformar a ilha numa possessão do sultanato de Oman. Com a independência da Tanganica e a mudança das rotas comerciais no oceano Índico, a ilha passou a ligar-se geopoliticamente ao continente, mas manteve o saudosismo dos bons tempos.

O principal responsável pela campanha de boicote à união com a parte continental é Wolfgang Dourado, ex-procurador geral de Zanzibar que esteve várias

SALIM, EMBAIXADOR AOS 19 ANOS

□ Salim Ahmed Salim tem um título inédito em todo o mundo. O de ter sido o mais jovem embaixador nomeado para um cargo importante no exterior. Aos 19 anos, Salim já era embaixador da Tanzânia em Cuba, iniciando uma carreira diplomática quase autodidacta que culminaria em 1981, quando, aos 39 anos, surgiu como o candidato dos países do Terceiro Mundo para o cargo de secretário-geral das Nações Unidas, na vaga de Kurt Waldheim. Dois anos antes, o actual primeiro-ministro da Tanzânia já havia sido eleito presidente da Assembleia Geral da ONU.

Salim Ahmed Salim nasceu em 1942 na ilha de Pemba, situada a pouco mais de 100 quilómetros de Dar-es-Salam, no arquipélago de Zanzibar. A sua meteórica carreira começou com uma militância activa na luta pela independência, quando ainda era adolescente. Dono de uma grande habilidade política, ele chegou às Nações Unidas em 1971 como delegado da Tanzânia, com apenas 29 anos. Nos dez anos em que esteve na sede da ONU em Nova Iorque, Salim conseguiu um grande prestígio entre os diplomatas de países do Terceiro Mundo, a ponto de em 1981 ter conseguido os votos de dois terços dos delegados nas eleições para a escolha do sucessor de



Salim: um político de prestígio

Kurt Waldheim. O embaixador tanzaniano só não ocupou o cargo de secretário-geral porque foi vetado pelos Estados Unidos. Em 1982, ele foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros da Tanzânia e em Abril passado assumiu o cargo de primeiro-ministro, acumulando também o ministério da Informação. Salim Ahmed Salim é o primeiro político de Zanzibar a assumir a chefia do gabinete de ministros desde a unificação política da ilha com a antiga colónia inglesa da Tanganica.

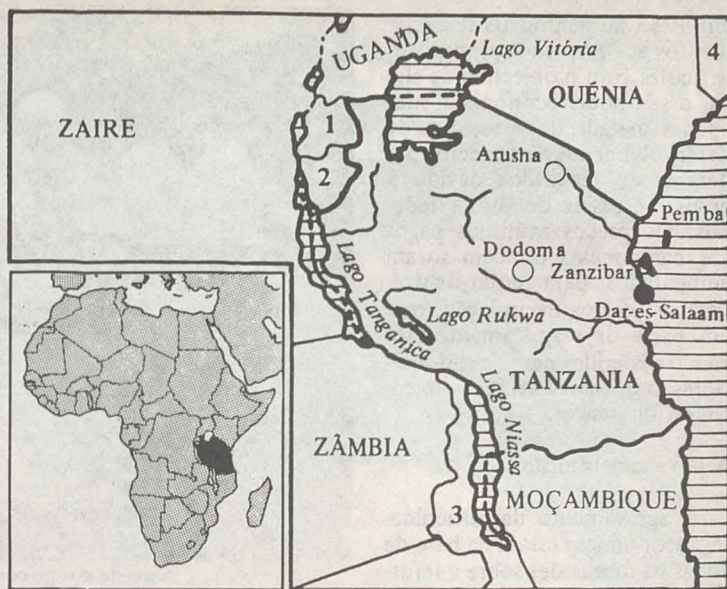
vezes na Europa no ano passado, tentando obter o apoio nomeadamente da Grã-Bretanha para o separatismo da ilha de 580 mil habitantes. Dourado esteve preso em Janeiro quando circulavam informações de que ele estaria também ligado à África do Sul, cujo governo sempre procurou desestabilizar a Tanzânia devido ao apoio de Nyerere aos movimentos anti-racistas da África Austral.

Em Abril, os habitantes da ilha elegeram o presidente do governo regional, que também é vice-presidente da administração central da Tanzânia. O candidato único eleito foi Ali Hassan Mwinyi, um ex-ministro da Administração Regional que substituiu o veterano Aboud Jumbe, que renunciou após o congresso do CCM em Janeiro deste ano. Jumbe governou durante 12 anos, mas nos últimos meses antes da sua renúncia foi acusado de corrupção e autoritarismo. Os erros cometidos durante o seu mandato aguçaram as tendências separatistas da burguesia de origem árabe e indiana em Zanzibar, criando um clima que potencialmente poderia reacender as velhas divergências entre os ilhéus e os 17,5 milhões de habitantes do continente.

A questão económica

Mwinyi adoptou já no mês de Maio uma política de diálogo com os sectores mais ligados ao separatismo, estimulando a manutenção das tradições e da cultura árabe ou indiana na ilha, mas ao mesmo tempo insistindo na necessidade imperiosa de fortalecer a ligação com o continente. Salim Ahmed Salim desempenhou um papel-chave no degelo da crise em formação, apoiando não só o reforço das instituições regionais, libertando a administração e promovendo a retirada gradual dos quase 4 mil soldados do continente que estavam sediados na ilha. Tanto Mwinyi como

1984 - Setembro - no. 69



1Ruanda 2Burundi 3Malawi 4Somália

Salim defendem intransigentemente, no entanto, que os políticos de Zanzibar se mantenham fiéis e estreitamente ligados ao CCM.

As mudanças ocorridas desde a posse de Ali Hassan Mwinyi em Maio mostram que o embrião do separatismo foi neutralizado no plano político e que as ameaças de fracionamento da união alcançada há 20 anos foram afastadas. Mas resta o problema económico cuja gravidade é reconhecida tanto pela equipa de Nyerere como pelo seu possível sucessor. Entre 1983 e 1984, o governo tanzaniano tem que pagar, apenas a título de amortização e juros da sua dívida externa, a quantia de 882 milhões de dólares, enquanto no mesmo período as receitas com a exportação não deverão ultrapassar os 445 milhões de dólares. A difícil situação criada pela queda constante dos preços das matérias-primas exportadas pela Tanzânia (pétreo, castanha de caju, algodão e sisal) bem como a redução da produtividade agrícola como resultado do esgotamento das terras férteis e das modificações

verificadas na estrutura agrária do país, tornam impossível o pagamento dos débitos externos acumulados actualmente em 2,5 mil milhões de dólares. Como consequência, Nyerere teve que enfrentar quase quatro anos uma "enervante guerrilha" com os funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI), tentando renegociar a dívida externa e ao mesmo tempo manter intacto o projecto económico socialista. (Ver *cadernos*, nº 47).

No final de Junho, a Tanzânia teve que desvalorizar em 26% o shilling, moeda nacional, depois de adiar sucessivamente esta medida que provocará um aumento dos preços internos. Alguns dirigentes de Zanzibar protestaram na época pela desvalorização, alegando não terem sido consultados sobre a medida. Mas o primeiro-ministro Salim Ahmed Salim conseguiu contornar os atritos prometendo elevar o orçamento da ilha, que no momento está fixado em 88 milhões de dólares, enquanto o governo central tem recursos da ordem de 1,5 mil milhões.

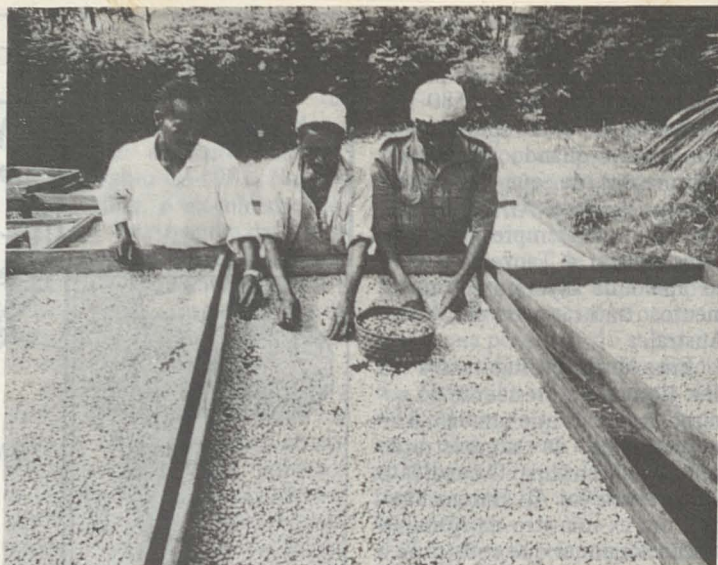
O plano estrutural adoptado

em 1983 aumentou os financiamentos aos pequenos produtores agrícolas com o objectivo de elevar o seu poder económico, mas apenas metade dos projectos de desenvolvimento neste sector puderam ser realizados devido à crónica escassez de verbas federais. Os preços mínimos pagos aos camponeses também foram aumentados, para tentar neutralizar os efeitos da inflação, mas em parte os reajustamentos foram transferidos para os consumidores, o que novamente realimentou as diferenças.

A nova constituição

O agravamento das dificuldades económicas estará na base de todas as discussões sobre a reforma constitucional que antecederá a substituição de Julius Nyerere. Esta reforma, cujo debate a nível popular já teve início, reintroduz o sistema de dois vice-presidentes, um dos quais deverá ser o presidente eleito pelos habitantes de Zanzibar e o outro o chefe do ministério, com o cargo de primeiro-ministro. Se o presidente nacional for de Zanzibar, o primeiro e o segundo vice devem ser do continente. Em caso contrário, o primeiro vice, que é o sucessor natural, será da ilha, e o segundo, escolhido pelo presidente nacional.

A outra modificação importante no texto constitucional é a proibição de duas reeleições consecutivas. A aprovação desta resolução significará quase que o imediato impedimento de Julius Nyerere, o que abrirá a vaga presidencial para Ali Hassan Mwinyi, que segundo alguns observadores mencionados pela *newsletter Africa News*, deve ceder o cargo a Salim Ahmed Salim, para manter o cargo de segundo vice-presidente, e portanto o de chefe do ministério. Se isto acontecer, pela primeira vez nos 20 anos de existência de união entre continentais e ilhéus, caberá a representantes de Zanzibar o controlo



A queda dos preços das matérias-primas agrava a crise gerada pelo endividamento do país

dos dois postos mais importantes da República.

Mas segundo políticos tanzanianos, as mudanças mais importantes já estão em curso. Trata-se da intensa discussão nacional provocada a todos os níveis da população pelas novas normas constitucionais. A direcção do CCM estimulou todos os seus quadros a promover o debate mais amplo possível sobre os temas agendados, o que teve como consequência imediata um maior questionamento também dos problemas económicos.

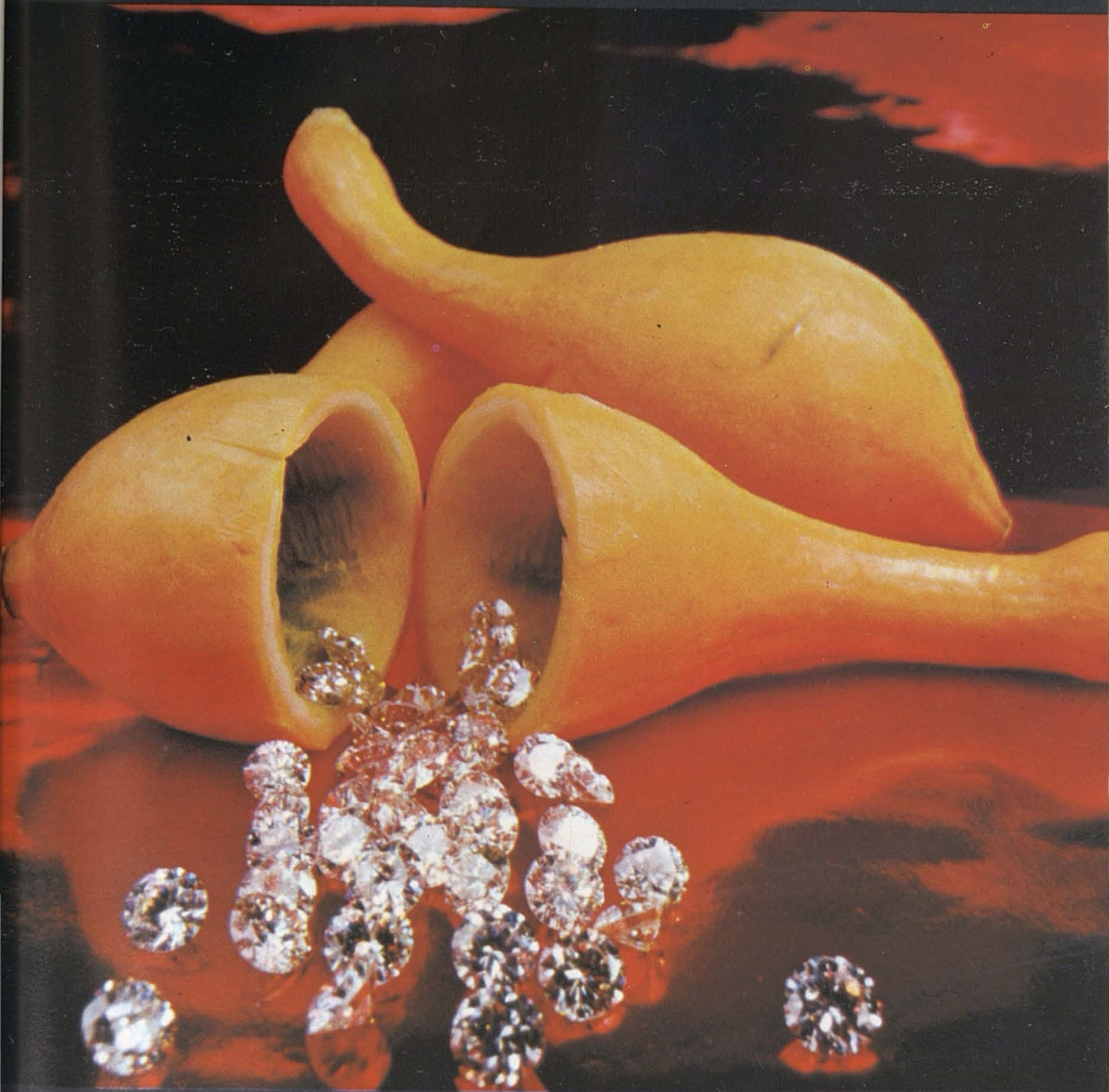
Por isto é esperado que no momento em que forem anunciadas novas eleições em consequência da aprovação do novo texto constitucional, ocorra uma grande renovação dos membros do parlamento nacional que é quem fiscalizará as actividades do novo presidente e dos dois vice-presidentes. Outra mudança importante será a da valorização do papel da mulher. Segundo o projecto da nova constituição, pelo menos 15 vagas do congresso nacional devem ser ocupadas por mulheres. Actualmente há 12 deputadas no poder legislativo, entre as quais se encontram

duas com cargos ministeriais. Cálculos feitos por alguns observadores prevêem que no futuro congresso nacional a participação feminina chegará facilmente a 25 ou 30 lugares num total de 205 membros.

Além disso, o novo texto prevê garantias extras para que os deputados do parlamento nacional disponham de todas as garantias para poderem criticar e se opor às medidas determinadas pelo poder executivo. O segundo vice-presidente é responsável pelo expediente diário do governo e deverá prestar contas de todos os seus actos perante o parlamento, o mesmo acontecendo com o primeiro vice-presidente, que se deve submeter às decisões da Câmara Legislativa da ilha de Zanzibar, da qual ele será o presidente, uma vez eleito por sufrágio directo.

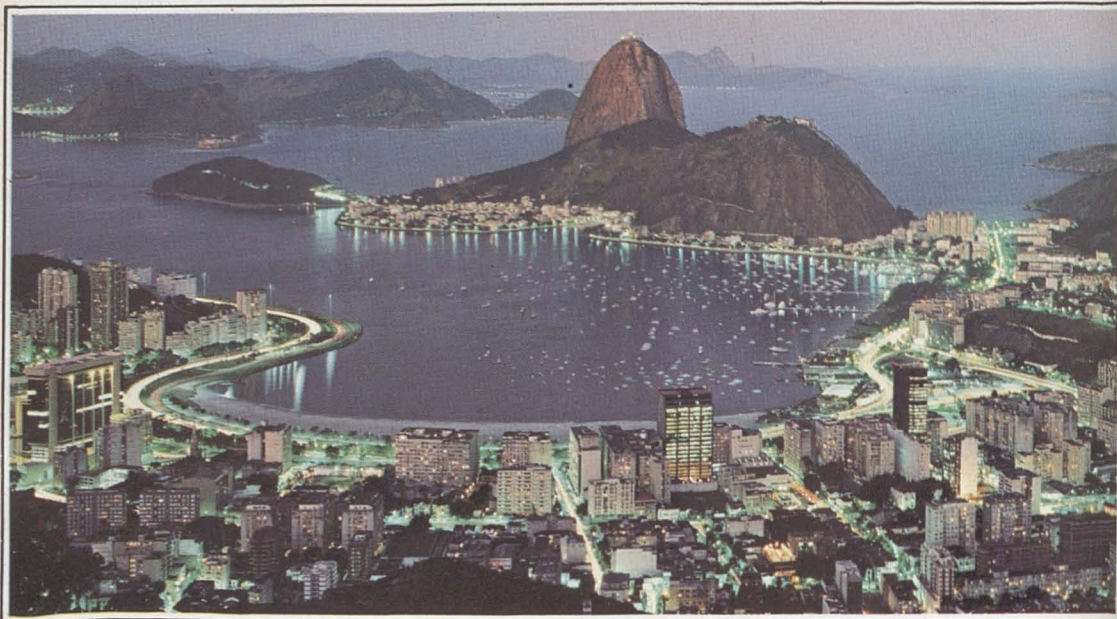
Decisões cruciais como a declaração do estado de guerra continuarão como uma iniciativa exclusiva do presidente da República que deverá no entanto submeter esta decisão a uma sessão conjunta do parlamento e do comité central do partido *Chama Cha Mapinduzi*.

Não existe nada mais precioso para um povo do que a sua liberdade.



Diamantes de Angola
Ao Serviço da Reconstrução Nacional

O Rio de Janeiro é muito mais que um cartão postal do Brasil.



O Estado do Rio de Janeiro não é só feito de belezas naturais. É, acima de tudo, uma grande oficina de trabalho. Por isso, somos o segundo pólo de desenvolvimento e o maior centro financeiro do Brasil.

Nossas empresas produzem, em escala de exportação, alimentos e bebidas, peles e manufaturas de couro, papel, produtos químicos, plásticos e têxteis, borracha natural e sintética, aparelhos elétricos, produtos metalúrgicos e muito mais. E, além de concentrar o maior número de empresas de consultoria de engenharia, o Rio de Janeiro tem o principal aeroporto e o segundo maior porto do Brasil.

O BD-Rio, como agência financeira de fomento, tem a função de trabalhar pelo desenvolvimento do Estado. Por isso,

o BD-Rio deseja ser o laço entre nossas empresas exportadoras e os importadores em potencial de nossos produtos. Laço que há de unir povos amigos. Use o BD-Rio para fazer contatos com as empresas do Rio de Janeiro. O BD-Rio terá sempre a solução adequada para a sua expectativa.

GOVERNO DO
ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
- BRASIL

ABRINDO NOVOS CAMINHOS

BD-Rio

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO S.A.

Praia do Flamengo, 200 - 23º, 24º e 25º andares

Rio de Janeiro - Brasil - CEP. 22210

Tel.: 205.5152 (PABX) - Telex (021) 22318

Filiado à Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento - ABDE

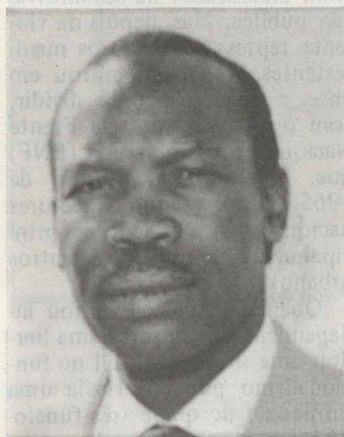
No centro da tempestade

Situada no coração da África Austral, a pequena república do Botswana realiza em Outubro eleições que preocupam todos os países vizinhos.

Desde a sua independência, a Dex-colônia inglesa da Bechuanalândia — hoje Botswana — serve de refúgio para os perseguidos pelo racismo. Até 1980, quem tivesse que entrar no país para escapar da repressão do regime de minoria branca, não tinha por onde sair, salvo por uma faixa de terra mínima ao norte onde o território de Zâmbia, “toca” o do Botswana, na região de Kazangulo. Todas as outras fronteiras do país estavam vigiadas por forças policiais racistas instaladas na Namíbia, África do Sul e na antiga Rodésia. O Botswana viveu a maior parte da sua história como nação independente virtualmente cercada por governos brancos hostis. Só depois da independência do Zimbábue (antiga Rodésia) é que o cerco diminuiu, mas a pressão econômica, militar e política ainda continua.

A localização geográfica foi determinante no tipo de política que o governo do Botswana adotou após a independência. As relações econômicas herdadas da época colonial também forçaram o falecido *sir* Seretse Khama a “andar no arame” na tentativa de preservar uma independência que tinha todos os indícios de se tornar fictícia, depois de que os ingleses arriaram a *Union Jack*¹

¹*Union Jack* — denominação popular da bandeira inglesa.



Seretse Khama



Quett Masire

em Gaborone em Setembro de 1966. Ao longo dos últimos 18 anos, o país conseguiu sobreviver à sombra do poderio econômico e militar da África do Sul,

graças a um razoavelmente bem sucedido malabarismo diplomático. Hoje, no entanto, as pressões aumentaram e o Botswana passou a ser um ponto crítico na luta contra o *apartheid*. Em Outubro próximo, todos os países da África Austral estarão a acompanhar muito de perto a primeira eleição geral desde a independência, sem a presença carismática de *sir* Seretse Khama.

Do tamanho da França (cerca de 600 mil km²), o Botswana, com menos de um milhão de habitantes, é um dos países com menor densidade demográfica do mundo (1,4 habitantes por km²). A sua população está muito mal dividida. No lado ocidental, o prolongamento do deserto de Kalahari tornou praticamente inabitável quase 50% do país. Oitenta por cento da população está concentrada do lado oriental, numa faixa de 20% do território nacional, perto das fronteiras do Zimbábue e da África do Sul. Esta região é ocupada desde o século XVIII pelo grupo étnico dos tswana, os quais criaram uma série de reinos ao longo do vale dos rios Limpopo e Shashe, tendo-se dedicado basicamente à pecuária. O reino que mais cresceu foi o bamangwato sobre o qual mais tarde, no século XIX, viria a ser estabelecido o protectorado britânico da Bechuanalândia.

Quando os primeiros colonos brancos chegaram à região encontraram um vasto rebanho de gado administrado em bases comunais pelos tswanas que haviam criado um sofisticado sistema de uso colectivo das pastagens. O esquema foi no entanto destruído gradualmente com a introdução de plantações de milho por fazendeiros brancos, que logo em seguida financiaram a construção de uma linha ferroviária ligando o norte do Zimbábue aos portos sul-africanos, passando pelo Botswana. A terra já escassa para os africanos, ficou ainda mais difícil quando vieram

os exploradores de ouro, diamantes e metais. Surgiu também a contratação de trabalhadores migrantes para as minas do Transvaal, o que levou para fora do país quase 30% da população masculina.

O crime matrimonial

Dentro da pecuária, ganhou força uma pequena elite de criadores negros que se associaram aos compradores brancos e que, por sua vez, compraram novas terras. Com isso, todo o sistema comunal tradicional entrou em colapso, gerando a fome e a miséria num país, onde há menos de 150 anos, havia comida para todos. Um dos chefes tribais que estimulou o crescimento dos fazendeiros negros foi Seretse Khama que, em 1940, era o chefe do reino Bamangwato. Mas Seretse cometeu em 1950 a ousadia de se casar com uma professora branca inglesa, facto que levou o regime colonial a puni-lo, por violar a separação de raças, com um exílio forçado de seis anos. A punição reaproximou Seretse dos camponeses que haviam perdido as terras, o gado e o seu chefe. Assim, em 1956, a pressão popular chegou a um tal ponto que o governo inglês permitiu o regresso do chefe dos tswanas, que passou a dirigir a campanha pela independência.

Na década de 60, os ingleses já haviam esquecido o "crime" matrimonial de Seretse e passaram a dar-lhe prestígio como forma de evitar uma ruptura violenta na situação colonial. É que, além de ser admirado pelas camadas mais pobres da população por ter sido punido, Seretse servia também aos interesses económicos da burguesia negra em ascensão e era tido como confiável pelos grandes grupos estrangeiros.

Em Janeiro de 1962, Khama fundou o Partido Democrático do Botswana (BDP) tendo como principal base política os campo-

neses pobres do interior que ainda permaneciam fiéis à figura do chefe tribal dos tswanas. Dois anos antes havia sido criado o Partido Popular do Botswana (BPP), sob a liderança de um veterano dirigente nacionalista, K. T. Motsete, que possuía um prestígio enorme entre os intelectuais, funcionários públicos urbanos e trabalhadores industriais. O BPP foi o organizador de importantes manifestações contra a preferência dada pelo governo aos funcionários brancos estrangeiros, que na época eram maioritários na administração pública. Mas, depois da violenta repressão contra os manifestantes, o partido entrou em crise e acabou por se dividir, com o aparecimento da Frente Nacional do Botswana (BNF) que, a partir de Outubro de 1965, passou a reunir os sectores nacionalistas mais radicais, principalmente nos grandes centros urbanos.

Quando o país se tornou independente, Seretse Khama herdou uma situação difícil no funcionalismo público. Havia uma proporção de quase três funcionários brancos para cada negro, como resultado da política colonial de impedir a formação de quadros africanos para os cargos-chaves da economia. O acesso à independência despertou na população negra o desejo natural de subir no escalão salarial, mas a realidade foi bem diferente. Seretse Khama, fiel ao seu princípio de que o fim da dominação britânica não deveria levar ao afastamento dos europeus, manteve a estrutura anterior, com algumas modificações. Tentou melhorar o sistema educacional, pois na época da independência havia apenas uma escola secundária e nenhum curso superior. Mas a rapidez das transformações foi menor do que a expectativa dos tswanas.

O novo governo enfrentou também o problema das companhias particulares, especialmente

as sul-africanas que já estavam instaladas, desde a época colonial, principalmente no sector mineiro. Para satisfazer os seus empregados brancos, estas empresas transplantaram para o Botswana muitos dos hábitos da matriz, o que significou a adopção de formas pouco disfarçadas de racismo, como por exemplo criar sanitários separados, moradias só para brancos e facilidades de alimentação ou divertimento que não eram concedidas aos negros. Isto provocou fortes reacções, principalmente nas cidades, o que obrigou o governo a forçar as empresas a eliminar as práticas discriminatórias, no que obteve um êxito apenas parcial.

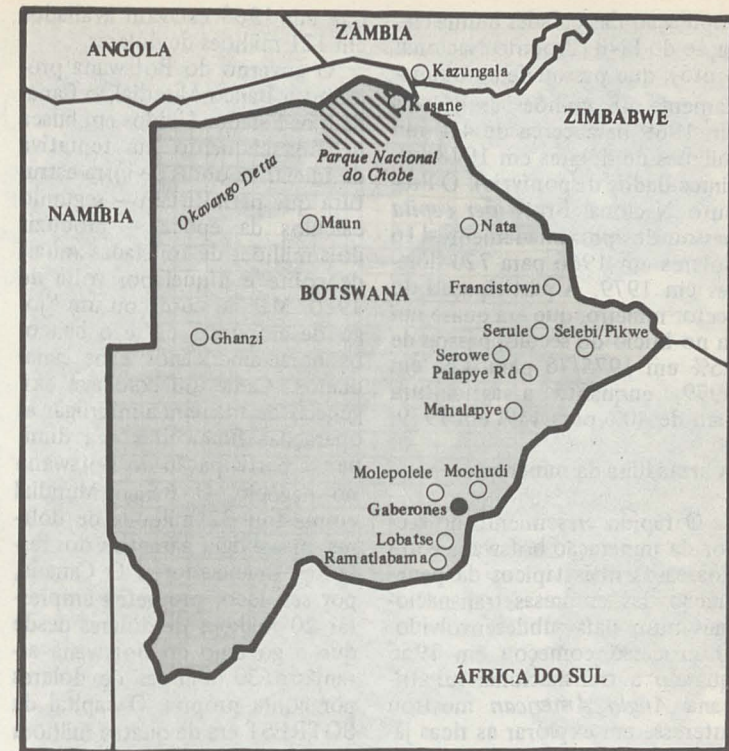
Uma sucessão de tragédias

Mas apesar de todos estes problemas, a forte base rural e étnica do BDP garantiram a Seretse Khama 28 dos 31 lugares no parlamento eleito no ano anterior à independência. Parte deste êxito foi devido ao extraordinário crescimento da pecuária no interior que, em menos de sete anos, passou de um milhão de cabeças para quase 2,5 milhões, o que gerou uma receita que aumentou mais de 38% no mesmo período. Na época, a Inglaterra comprava 64% da carne produzida no Botswana, enquanto 30% iam para a África do Sul e o resto era consumido internamente. Foi a época da expansão das grandes fazendas e ranchos que passaram a ocupar terras antes destinadas aos pequenos criadores ou aos rebanhos comunais. Como as exportações cresciam ano após ano, havia dinheiro para todos, embora em proporções desiguais. Mas o período das "vacas gordas" acabou quando a Inglaterra entrou para o mercado comum europeu (CEE) e a carne do Botswana teve as suas vendas na Europa drasticamente reduzidas. Após demoradas negociações, o governo conseguiu recuperar algumas vantagens, mas não mais

poderia fazer planos a longo prazo porque os acordos com a CEE teriam que ser rediscutidos anualmente.

Em 1977 vieram outras desgraças. Centenas de camponeses negros da antiga Rodésia começaram a cruzar a fronteira para escapar da guerra entre os movimentos nacionalistas e o governo racista de Ian Smith. Na fuga, trouxeram o seu gado e com ele doenças que não existiam no Botswana. No mesmo ano surgiu uma epidemia de febre aftosa que obrigou o governo de Gaborones a paralisar o abate durante mais de seis meses. As exportações foram suspensas porque os europeus se negaram a comprar carne sob suspeita de infecção aftosa. E para completar a sucessão de tragédias, veio a seca de 1979, quando surgiam os primeiros sinais de que a epidemia havia sido dominada. A situação tornou-se dramática para os camponeses mais pobres e que formam 45% da população do interior. Apenas uma pequena parcela de fazendeiros (7% da população rural) conseguiu sobreviver economicamente, e a consequência foi que, sem gado, os camponeses pobres passaram para a agricultura, mas a terra já estava gasta pelo uso intensivo das pastagens. O resultado foi a fome e a fuga para as cidades que, entre 1967 e 1975, tiveram a sua população quintuplicada. Houve também uma procura em massa de emprego nas minas e um aumento acelerado dos que foram para a África do Sul como trabalhadores migrantes.

Finda a seca de 1979, o governo anunciou um ambicioso plano de recuperação da pecuária, através da ampliação das medidas já adoptadas em 1975 e que previam o aumento da área de pastagens. Mas isso acabou por favorecer os grandes rancheiros que conseguiram créditos para ampliar as suas propriedades e passaram a ocupar a maior parte das terras antes dedicadas à agri-



O PAÍS EM NÚMEROS

Área: 600.372 km²

População: 936.600 hab.

Capital: Gaborones (60 mil hab.)

Língua: 90% da população fala a língua tswana

Inflação: 10,5% ao ano

Dívida externa: 273 milhões de dólares

Analfabetismo: 38,9%

Mortalidade infantil: 8,7%

Saúde: Um médico para cada 8.750 hab.

Esperança de vida: 46,6 anos (homens)

cultura comunal. Nos anos 80 a situação na pecuária melhorou, mas as perspectivas ainda são inseguras a ponto de ter o governo adiado indefinidamente a construção de um segundo matadouro. Além das incertezas sobre as vendas de carne para a Europa, existe a ameaça de uma catástrofe ecológica provocada pelo esgotamento das pastagens, principalmente na área próxima ao deserto de Kalahari. Esta possibilidade tornou-se mais presente de-

pois de que o Botswana, a exemplo dos restantes países da África Austral, passou a enfrentar um novo período de seca prolongada a partir de 1982 e cujos efeitos se fazem sentir até hoje.

Mas se a agricultura continua a ser a espinha dorsal da economia do país, as maiores transformações surgidas desde a independência correm por conta da mineração. A exploração de minas de cobre e diamantes provocou um acentuado crescimento da

população das cidades e uma elevação do PNB (Produto Nacional Bruto), que passou de aproximadamente 48 milhões de dólares em 1969 para cerca de 410 mil milhões de dólares em 1978 (últimos dados disponíveis). O Produto Nacional Bruto *per capita* passou de aproximadamente 116 dólares em 1966 para 720 dólares em 1979. A participação do sector mineiro, que era quase nula no início do século, passou de 25% em 1975/76 para 32% em 1979, enquanto a agricultura caiu de 40% para 11% em 1979.

A armadilha da mineração

O rápido crescimento do sector da mineração botswana é um dos casos mais típicos da penetração das empresas transnacionais num país subdesenvolvido. O processo começou em 1956 quando a transnacional sul-africana *Anglo American* mostrou interesse em explorar as ricas jazidas de cobre e níquel na região de Selebi-Pikwe, próxima à fronteira do Botswana com a antiga Rodésia (hoje Zimbábue). A mina estava localizada numa reserva da tribo dos *bamangwato*, cujos dirigentes, entre eles Seretse Khama, ficaram desconfiados das intenções sul-africanas e resolveram fazer um acordo com os ingleses da Rodésia, para criar a *Bamangwato Concessions Limited (BCL)* onde a *Rhodesia Selection Trust (RST)* passou a deter 61% das acções. Em 1963, os estudos de prospecção indicaram a existência de reservas com grande viabilidade económica para exploração, mas a BCL não tinha os recursos suficientes. A companhia decidiu então procurar novos accionistas, o que levou os norte-americanos a investirem fortemente na compra de acções, passando a dominar até 71% do capital da empresa, que passou a chamar-se BOTREST. Mesmo assim, manteve-se a necessidade de novos recursos financeiros para cobrir os custos

que em 1968 estavam avaliados em 121 milhões de dólares.

O governo do Botswana procurou o Banco Mundial, o Canadá e os Estados Unidos em busca de financiamento, na tentativa de iniciar as obras de infra-estrutura que permitiriam — segundo cálculos da época — produzir dois milhões de toneladas anuais de cobre e níquel por volta de 1980. Mas, aí começou um “jogo de empurra” entre o banco, os norte-americanos e os canadianos. Cada um colocava exigências de maneira a interligar as operações financeiras e a diminuir a participação do Botswana no negócio. O Banco Mundial emprestou 32 milhões de dólares, mas exigiu garantias dos restantes financiadores. O Canadá, por seu lado, prometeu emprestar 20 milhões de dólares desde que o governo do Botswana arranjasse 30 milhões de dólares por conta própria. O capital da BOTREST era de quatro milhões de dólares, insuficiente para satisfazer as garantias exigidas pelo Banco Mundial. Assim, a BOTREST teve que conseguir um comprador que garantisse a aquisição das exportações de níquel e cobre de Selebi-Pikwe por um prazo longo. A empresa alemã *Metalgesellschaft* prometeu comprar toda a produção durante 15 anos se recebesse um desconto de 3% nos preços. Com esta garantia, a empresa do Botswana procurou um consórcio de bancos alemães que prometeu 60 milhões de dólares desde que recebesse garantias das demais empresas envolvidas no projecto, entre elas a gigantesca transnacional norte-americana *AMAX* e a inglesa *Mineral Separation*. Esta última acabou por desistir da sua participação e com isso a sul-africana *Anglo American* voltou a entrar no negócio. Mas colocou como exigência que a sua participação na BOTREST deveria passar de 16% das acções para quase 40%, igual à percentagem de acções nas mãos da *AMAX*.

Quando finalmente, em 1970, todo o dinheiro foi reunido, as obras começaram e, em 1973, teve início a produção. Mas no ano seguinte, os preços do cobre no mercado mundial caíram e a BOTREST teve que pedir mais dinheiro emprestado. As transnacionais resolveram financiar a diferença, desde que o Botswana ganhasse menos *royalties* sobre o minério exportado. Como a opção era a paralisação da mina, o governo de Seretse Khama acabou por aceitar as condições impostas. Em 1972, antes do início dos trabalhos, a previsão era que para a mina ser integralmente paga, ela deveria apresentar uma facturação anual de mil milhões e meio de dólares até 1995.

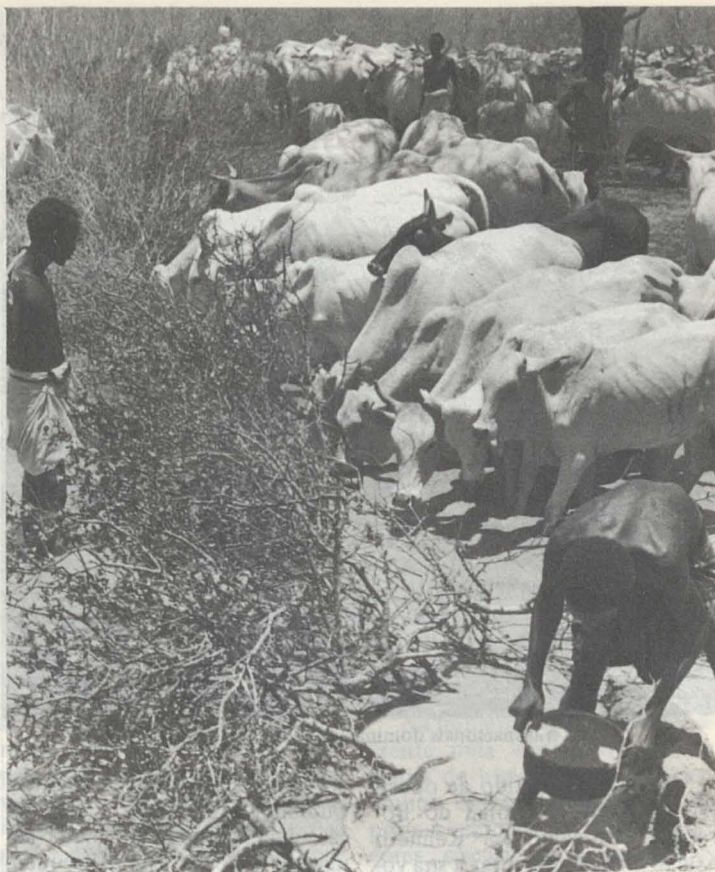
Hoje o esquema de funcionamento do projecto Selebi-Pikwe é uma obra-prima do maquiavelismo económico das transnacionais mineiras. O níquel e o cobre extraídos do Botswana são financiados por norte-americanos, ingleses e sul-africanos. A mina é administrada pela sul-africana *Anglo-American*. Técnicos e maquinaria finlandesa realizam a fundição no Botswana. O minério é então transportado para uma fábrica de processamento na Louisiana (Estados Unidos) e dali embarcado para a *Metalgesellschaft*, na Alemanha Federal. Para o Botswana, os resultados são mínimos, à excepção de um aumento nos impostos recolhidos pelo governo. Todo o complexo mineiro emprega apenas 2.600 homens. As empresas não compram nada no local porque todo o equipamento é importado. As transnacionais só começaram a pagar impostos dez anos depois da entrada em funcionamento da mina. Teoricamente, os rendimentos do governo com taxas e impostos sobre a exploração do minério deveriam alcançar 13 milhões de dólares, numa estimativa feita em 1973, mas na verdade isso depende do lucro declarado pelas empresas.

O facto concreto é que o cres-

cimento excepcional do PNB nas últimas duas décadas não chegou a reflectir-se em benefícios para a população, porque mais de metade do valor bruto das exportações fica na Europa para pagamento dos empréstimos da BOTREST. A economia do Botswana passou a ficar dependente do mercado internacional porque, enquanto as dívidas não forem pagas, não há possibilidade de novos empréstimos para investimentos noutros sectores agrícolas, industriais ou de serviços. E principalmente, o poder de decisão passou a ficar com os executivos da AMAX e da *Anglo-American* que controlam os preços e consequentemente os lucros, podendo com isso controlar o orçamento do Botswana e a política do governo.

A outra grande fonte de recursos minerais do Botswana são os diamantes, explorados em conjunto com a *Anglo-American* nas minas de Orapa e Lethakane. Em 1980, o país fornecia 15% da produção mundial de diamantes, mas em 1981 o sector sofreu uma crise provocando uma queda de 42% na arrecadação do governo, cujo orçamento já dependia em quase 50% das exportações de pedras preciosas. Os planos de expansão que previam uma meta de 10 milhões de quilates, tiveram que ser reduzidos e hoje estão em torno dos sete milhões de quilates. Em Maio de 1982, a crise obrigou o governo a desvalorizar a moeda nacional, o pula ("chuva" na língua tswana) em 10,3% na primeira medida do género adoptada desde a independência, quando a moeda do Botswana foi cotada em paridade com o rand sul-africano.

A economia do país continua dependente da África do Sul, país com o qual o Botswana está associado no Acordo Aduaneiro, mas um esforço para romper esta dominação surgiu quando da criação da SADCC (Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral)



Redução das cotas de exportação, epidemias e seca, reduziram drasticamente uma das principais riquezas do país

formada por Angola, Moçambique, Zimbabwe, Zâmbia, Lesoto, Suazilândia, Tanzania e Malawi, à qual se juntou o Botswana. Esta dupla associação do país submeteu a sua economia a tensões, já que dois padrões de relacionamento económico passaram a vigorar localmente. Mas o simples facto do governo estar a tentar reduzir a sua dependência em relação à África do Sul indica um esforço para se ligar aos demais países vizinhos que enfrentam problemas comuns e que optaram por uma via política também comum.

A eleição de Outubro

Em Outubro, os 930 mil habitantes do Botswana irão às ur-

nas para eleger um novo parlamento, pela primeira vez desde a morte de Seretse Khama em Julho de 1980, vítima de cancro no estômago. Será também o primeiro grande teste eleitoral do novo primeiro-ministro, Quett Masire, um político veterano do BDP que sempre esteve ao lado de Seretse. Seis partidos concorrerão às eleições, onde o governo — segundo se prevê — deverá continuar com a maioria dos votos. No momento, o BDP controla 27 dos 32 lugares do parlamento. A grande dúvida será o índice de abstenção, já que nas eleições de 1969, 1974 e 1979 houve uma queda acentuada no número de votantes. Na última eleição, a abstenção chegou a 74%.



As transnacionais dominam a exploração mineira

O principal partido de oposição, a Frente Nacional do Botswana, dirigida por Kenneth Koma, deverá aumentar a sua votação nos grandes centros urbanos, principalmente em Gaborone graças à insatisfação dos estudantes, funcionários públicos, trabalhadores e mineiros. Mas é pouco provável que o governo venha a perder a maioria no parlamento, porque as bases rurais do BDP ainda são fortes. Há também um outro elemento poderoso que trabalha a favor do governo. É que quase 60% dos empregos existentes no país dependem do Estado, e são poucos os funcionários que, apesar de descontentes com a falta de oportunidades e com o empobrecimento, se arriscarão a anunciar o seu apoio à oposição, o que significará a perda do emprego num país em que as alternativas são escassas.

Um ponto que contará a favor do BNF é o facto do Botswana apesar de exportar carne, ser

obrigado a importar alimentos. Quarenta por cento da população depende hoje de ajuda alimentar externa em consequência da seca e da deterioração das terras agrícolas. Quett Masire enfrenta resistências dentro do seu próprio partido, principalmente de sectores mais à esquerda, que exigem mudanças mais profundas para satisfazer as reclamações da população, principalmente a rural, que se sente prejudicada pelo acelerado avanço das grandes fazendas sobre as terras comunais.

Factores externos devem também exercer uma influência importante no resultado das eleições. Em primeiro lugar, a pressão sul-africana para que o Botswana assine um tratado de não-agressão, cujo objectivo principal é acabar com a protecção dada pelo governo de Quett Masire aos exilados do Congresso Nacional Africano (ANC), a principal organização antirracista da África do Sul. Até agora, o go-

verno resistiu, apesar dos atentados e ataques clandestinos promovidos por agentes secretos sul-africanos no Botswana. O caso mais conhecido ocorreu no final do ano passado, quando dois carros com placa sul-africana foram capturados na fronteira do Botswana com o Zimbabwe, depois que os seus ocupantes se envolveram num tiroteio com a polícia.

Segundo as autoridades de Gaborone, os dois carros faziam parte de um esquema de provocações organizado pelo serviço secreto da África do Sul visando lançar a polícia do Zimbabwe contra a do Botswana.

É que na fronteira se concentraram grupos armados fiéis a Joshua Nkomo e que tentam desestabilizar o governo do primeiro-ministro Robert Mugabe do Zimbabwe (ver *cadernos* nº 67).

Quando atacados por forças do exército zimbabueano, os rebeldes fogem para o Botswana cruzando uma fronteira cujos limites não são claros. Já ocorreram vários incidentes em que tropas do Zimbabwe passaram a fronteira na perseguição aos terroristas, o que chegou a provocar um clima de tensão entre os dois governos. Mas o problema foi resolvido após encontros diplomáticos de alto nível. Os moradores do Botswana ao longo da fronteira com o Zimbabwe pertencem ao mesmo grupo étnico dos rebeldes, o que levou alguns fazendeiros e políticos de direita da região a exigir uma repressão maior às forças do governo de Mugabe. Existem hoje 4.300 refugiados zimbabueanos a viver no Botswana. Na maioria são adeptos de Joshua Nkomo, o que cria potencialmente uma área de atrito que pode ter consequências diplomáticas importantes, principalmente depois de ter ficado claro, como no caso dos carros apreendidos, que o serviço secreto sul-africano está a tentar manipular a questão. (C. C.)

Ubaldo Ceballos

Uma nova concepção da Banda Desenhada

O desenhista cubano explica sua visão dessa técnica de comunicação popular e relata a sua experiência como cooperante em Moçambique

Etevaldo Hipólito

Ubaldo Ceballos López é um cubano natural da província de Cienfuegos e hoje autor famoso de histórias de banda desenhada. Nascido em 1938 no seio de uma família de trabalhadores, cedo demonstrou grande interesse pelo desenho. Na adolescência estudou com o pintor e escultor Mateo Torriente Bequer, também da mesma província. Uma vez em Havana, frequentou os primeiros anos da Escola Nacional de Belas Artes mas interrompeu os estudos por razões económicas.

Trabalhou em agências de publicidade e como desenhista de móveis, além de decorador em centros comerciais e de turismo. Durante 14 anos foi director artístico da publicação infantil *Pionero*, onde fez histórias em banda desenhada e ilustrações. Os seus trabalhos apareceram em revistas de grande popularidade como *Mella*, *Juventud Rebelde*, *Bohemia*, *Mujeres*, *Juventud Técnica*, e outras mais.

Algumas das suas pranchas: "A invasão", "A segunda frente", "26 de Julho", "Juan Montes", "O Zorro", "Guilherme Tell", "Tito e os seus amigos", e outros relatos históricos, contos tradicionais, vida de heróis, etc.

Participou como jurado internacional de publicações no X Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Berlim. As suas ilustrações para o livro "Dias de ar" foram premiadas com a Primeira Menção e seleccionadas pela Unesco-CERLAL para participar na Exposição Itinerante Latino-Americana de Ilustrações para Crianças e Jovens, cujo conjunto original foi levado à Feira de Bolonha, Itália.

Ceballos tem a licenciatura em História da Arte pela Univer-

sidade de Havana. Trabalhou como cooperante internacionalista na República Popular de Moçambique durante um ano. Actualmente é desenhista-editor da editora *Gente Nueva*.

Qual o motivo que o levou a dedicar-se à banda desenhada?

— Antes de 1959, Cuba era um país que sofria uma penetração económica e cultural dos Estados Unidos, cada vez mais forte. Dali nos chegavam costumes, gostos e modos de vida. Os meios de comunicação constituíam óptimos mecanismos para a conformação e deformação ideológica das massas populares, e a historieta, a tira cómica, ou enfim "los muñequitos", como eram popularmente chamados, invadiram a Ilha e passaram a formar parte do dia-a-dia de centenas de milhares de crianças e jovens, fundamentalmente.

Na imprensa apareciam diariamente uma vintena de páginas cheias de historietas em quadradinhos. Cerca de uma centena de páginas diferentes, impressas a cores, circulavam semanalmente como suplementos dos jornais nacionais e aproximadamente meio milhar de títulos chegavam-nos mensalmente, em gran-



Ceballos: "A banda desenhada não é válvula de escape"

des quantidades. Mais de quatrocentos "heróis de papel" arrastavam atrás de si as fantasias e ilusões de leitores dos "oitenta anos". Eu não constituí uma excepção naquele meio e também fui um leitor ávido de todas as histórias em quadrinhos que caíram nas minhas mãos.

Havia um aspecto que me diferenciava do comum dos "consumidores de sonhos": desde muito cedo pratiquei o desenho e procurava com igual ou mais avidez as reproduções de arte, gravuras e ilustrações sugestivas ou tecnicamente boas, de modo que me atraía mais a qualidade do desenho — nos quais podia encontrar modelos a seguir — que as personagens ou a história em si. Para mim, então era mais importante a forma que o conteúdo. A minha maior aspiração era poder chegar a desenhar como aqueles "mestres do traço".

Depois de 1959, com o triunfo da Revolução e a imediata agressividade do vizinho do norte contra nós — nosso povo e nossa revolução — acelerou-se o desaparecimento de muitos males neocoloniais, e entre eles os "heróis de papel".

Desde os primeiros momentos da nova era revolucionária, a revista *Mella*, da Juventude Socialista, mais tarde União de Jovens Comunistas, e *Pionero*, da União de Pioneiros de Cuba, prestaram uma particular atenção à produção de historietas, dando-lhes um novo conteúdo, uma nova dimensão social. Mas existia um problema: não havia ninguém, nem desenhistas nem roteiristas, com experiência e conhecimentos neste campo. De modo que um grupo de jovens, armados apenas com desejos e boa intenção, começou a trabalhar com entusiasmo. Integrei-me neste grupo desde o seu início, com igual entusiasmo e inexperiência, e nesta grande escola que é o trabalho quotidiano,

com a satisfação de nos sabermos úteis à sociedade, chegamos a experiência e o necessário domínio técnico.

Passaram aqueles primeiros anos de buscas e tateios profissionais e hoje podemos afirmar que contamos com criadores de historietas de altíssima qualidade, muitos dos quais foram os próprios iniciadores.

Posteriormente foram muitos os criadores em geral que se integraram neste tipo de comunicação social, o que se avalia objectivamente nas convocatórias bienais da União de Jornalistas de Cuba (UJC), onde se apresenta a concurso e exposição o melhor da produção realizada.

Um veículo social

Como está a ser utilizada a banda desenhada no seu país?

— A historieta cubana não é via de escape nem alentadora de sonhos inalcançáveis. É um veículo social, esteticamente elaborado em função do desenvolvimento cultural, económico e educacional de todo o povo, sem que isto signifique que tenha abandonado o carácter necessariamente recreativo indispensável a toda boa historieta. Pode-se afirmar que Cuba foi pioneira na criação de historietas desmistificadas, libertadas das tendências manipuladoras e deformantes que caracterizaram este género desde o seu início. As personagens das nossas historietas não são "heróis de papel", são homens, mulheres e crianças surgidos da vida real, do trabalho, da luta contra o imperialismo e da sua sequela de subdesenvolvimento, são trabalhadores, guerrilheiros, estudantes, heróis da luta contra a tirania. Heróis e mártires da nossa história latino-americana e de qualquer parte do mundo onde se ergueu a dignidade. Personagens, enfim, que não surgem de uma mente venal com fins de lucro ou manipulação ideológica, mas da maravi-

lhosa fonte inesgotável que é o povo.

Com esta óptica de profunda identificação com os processos progressistas em geral e com a nossa Revolução em particular, a historieta cubana tomou parte activa em diferentes aspectos relacionados com necessidades sociais diversas no campo da divulgação ou informação, a orientação em sectores tão variados como a economia, a educação, a defesa etc., sem que possamos quantificar os resultados de eficácia alcançados. Juntou-se e contribuiu na medida das suas possibilidades para a solução de determinadas exigências do desenvolvimento social, em grande medida, como gesto de resposta dos criadores. Em campanhas preparadas com este objectivo, realizaram-se trabalhos significativos tais como "O ladrão de açúcar", sobre os aspectos que provocam a redução da produtividade, ou "Matilda", que trata da inseminação artificial e o incremento do efectivo bovino, e outros mais. Neste caso, ainda que não se possa falar de determinados índices de eficácia da campanha, é possível ter uma ideia muito positiva e optimista quando se tem em conta a enorme popularidade alcançada.

A identificação com o real

Do ponto de vista político, que pensa do potencial existente na utilização das histórias em quadrinhos?

— A historieta, como toda forma de expressão artística, está sujeita aos condicionamentos sociais. Não pode eludir a realidade e, se pretende fazê-lo, não fará mais que assumir uma atitude inevitavelmente política, neste caso de sentido negativo. O grau de politização nesta forma de expressão não está dado pelo número de vezes que se repita a palavra "revolução" ou "comunismo", mas pela forma que se aproxima, identifica e participa nas circunstâncias so-

ciais em seu redor e na projecção local ou universal desse meio-ambiente. Na medida em que esta aproximação, esta identificação e esta participação sejam directas e conscientes e a sua projecção mais ampla, maior será o seu potencial político.

Em si mesma, vista como um meio de expressão, a historieta tem grandes possibilidades dadas pela possibilidade técnica de realizar grandes tiragens, a sua vigência material, que torna possível que uma mesma página possa ser lida por muitos simultaneamente durante um lapso indefinido ou relativamente largo antes da sua total deterioração. De modo que a capacidade de informar, orientar, educar, mobilizar, formar e entreter se desenvolve em progresso, conferindo a este meio uma enorme potencialidade política, se bem que seja certo que não faz da historieta um elemento determinante nas soluções dos problemas sociais, d'alhe, no entanto, possibilidade de oferecer uma cooperação nada desprezível neste sentido.

Que motivo o levou a vir para a África?

— O nosso país, a nossa Revolução tem compromissos históricos com os povos do mundo, dívidas de gratidão de todo cubano consciente está disposto a pagar com gosto. Revolucionários de muitos países nos incentivaram e apoiaram ao longo da nossa história e de todos estes anos de construção do socialismo. Da Revolução de Outubro até agora, quanto não devemos a todos estes homens e mulheres que se imolaram na luta pela paz, pela dignidade nacional, pela felicidade dos povos, pela igualdade social, pela liberdade plena do homem!

É por isto que Cuba oferece, dentro das suas modestas possibilidades, toda a colaboração que é capaz de dar àqueles povos que a solicitam. Para cada cubano constitui uma honra e um



motivo de grande satisfação ser seleccionado para cumprir uma tarefa internacionalista, pois somente uma ínfima parte dos que aspiram a essa honra alcança a oportunidade. Para cada lugar disponível há milhares de pessoas interessadas. Será, por acaso, porque vão receber um prémio especial, alguma recompensa material? Não, apenas sacrifícios, trabalho intenso, solidão, saudade da sua pátria, da sua família, dos seus amigos. Mas, também, recebem uma enorme alegria, uma enorme recompensa: a satisfação do dever cumprido, o orgulho de saber que contribuiu com os seus conhecimentos e tenacidade para saldar uma pequena, minúscula mas importante parte da nossa dívida para com a humanidade.

É por isso que estou na África, na República Popular de Moçambique, como um internacionalista cubano que, como mui-

tos outros, vim dar o máximo de apoio a este povo digno e heróico do Cone Sul da África.

Eu, especificamente, não vim como autor de banda desenhada, mas como especialista em ilustrações de livros infantis, que é a minha actividade actual em Cuba, e produziu-se a feliz coincidência de que aqui se publicasse uma historieta minha realizada há já alguns anos. Foi um reencontro com algo muito querido, muito perto e sempre recordado, revitalizado pelo tipo de trabalho que desempenhei neste país, pois, além de outras actividades, fiz as ilustrações de um livro de educação cívica com soluções formais que partem justamente da minha identificação com a técnica e a linguagem da banda desenhada, neste caso o mais adequado, dado o objectivo didáctico-formativo colocado.

Pensar que historietas são apenas estes relatos ilustrados

em quadros sucessivos, sobre heróis ideais em situações e soluções extremas, truculentas, absurdas e aberrantes, é simplesmente ver com olhos míopes as possibilidades narrativas e ilustrativas deste meio. É amarrá-lo e negar-lhe um amplo horizonte temático e formal que pode ser, e realmente é, muito mais rico, útil e perene nos seus efeitos do que aquele que até agora lhe foi conferido. Por isto quando utilizamos os elementos próprios da historieta para comunicar às crianças quais são os seus deveres numa sociedade livre e democrática, que constrói o seu próprio destino, não fazemos mais que proporcionar uma maior aproximação, uma mais fácil e amena comunicação entre o tema e o seu objectivo: a criança.

Consumidores de sonhos

De acordo com o seu ponto de vista, como deve ser abordada a questão dos chamados "temas de êxito"?

— O tema foi tradicionalmente o meio utilizado para a obtenção de determinados objectivos comerciais, fundamentalmente na produção de historietas desde o seu início, em fins do século passado. Este factor foi fortemente acentuado a partir do momento em que a criança foi descoberta como mercado, fonte segura de lucro e elemento maleável sobre o qual se deveria actuar ideologicamente.

Isto trouxe como consequência uma corrida desenfreada, uma feroz competição para ganhar a preferência dos potenciais consumidores de sonhos. Sem limites nem regras foi formada uma infinita galeria de tipos "super". Tudo foi explorado, desde o sadismo até ao sexo, passando pelo obscurantismo, a mentira histórica, a idealização do mais abjecto e miserável, enfim, não existiram fronteiras nem escrúpulos na selecção de temas chamados "de êxito".

Da existência deste mal não

se pode culpar o meio utilizado, seja o cinema, a rádio, a televisão ou a historieta. É por isto que quando pensamos em êxito não podemos fazê-lo com aquela visão, pois o nosso conceito de êxito difere radicalmente daquele. Se o tema de uma historieta, além de agradar e entreter, consegue transmitir princípios éticos e estéticos realmente válidos, deve ser justamente valorado como um tema de êxito em toda a magnitude e extensão do conceito.

Analisando-se os conteúdos temáticos com esta óptica, pode-se afirmar que é ilimitada a variedade de temas com possibilidade de êxito. Somente se excluem aqueles que podem causar danos, deformar ou simplesmente estafar o leitor. O herói nacional cubano José Martí disse que a magia mais bela está na vida real, porque é magia de verdade. É, portanto, na realidade, na natureza e na sociedade onde se encontram os temas de êxito, e dali vão ser extraídos, elaborados artisticamente e servidos com a mais bela apresentação.

Cada país, cada região, cultura ou camada social requer os seus próprios temas, a sua própria linguagem gráfica e literária, ainda que se possa indicar que existem problemas e necessidades comuns a muitos povos, particularmente aqueles que sofreram a mais indiscriminada exploração durante séculos por parte da metrópole de ocasião, estes que foram condenados ao subdesenvolvimento no chamado Terceiro Mundo. Para estes povos é necessário afirmar a sua própria cultura, a sua própria nacionalidade, ganhar uma concepção sem preconceitos do homem e dos demais povos, desenvolver a sua consciência produtiva, a sua própria potencialidade e riqueza criadora.

Os processos produtivos industriais e agrícolas, a participação do homem nestes processos, os diversos campos das ciências

da natureza e a sociedade, as manifestações culturais e seus protagonistas, os acontecimentos e personagens históricos mais relevantes etc., podem ser fonte inesgotável de temas. O tratamento de cada tema é também particularmente extenso, tanto pelas soluções gráficas como na forma de narrar, pois podem abarcar desde a pura fantasia, transbordante de imaginação, sentido poético e humorístico, até ao mais estrito rigor científico.

Que factores influenciam na feitura de uma banda desenhada e quais as limitações que esta produção pode encontrar?

— Independentemente de considerações de ordem ética e ideológica, há dois factores que pesam de forma determinante no grau de êxito possível na produção de historietas. Em primeiro lugar estão os artistas que criam e realizam roteiros, desenhos, o que num primeiro momento não é mais que uma acção plástica, um gesto artístico. Em segundo lugar está o equipamento técnico e industrial com que se conta. Este factor faz com que o gesto plástico, individual se converta num produto de consumo maciço. Sem a existência de criadores não há historietas, mas se não se conta com meios gráficos de reprodução em grande escala tão-pouco é possível a existência de historietas. A união destes factores torna possível e válido o princípio de que uma boa historieta deve ser, além de um facto esteticamente elaborado, um produto industrial adequadamente acabado, bem apresentado, enfim, belo.

Em países de baixo nível de desenvolvimento, conseguir a conjugação destes factores é particularmente difícil. A imperiosa necessidade de dar solução inadiável a problemas de grande envergadura tais como a alimentação, o vestuário, a educação ou a

BANDA DESENHADA

29

Dois fragmentos de banda desenhada de Ceballos realizada em Moçambique: "Juan Montes, o guerrilheiro"

Juan Montes
O GUERRILHEIRO

UMA PATRULHA DO CORONEL JONES
DESCOBRIR A PISTA DO GRUPO
CONTANDO DO FOG. LUÍS...



ESTE É JONES, CORONEL DO EXERCITO, E ESTE É JUAN MONTES, CHEFE GUERRILHEIRO. JONES TEM UM EXERCITO PODEROSO, JUAN SO TEM SEIS HOMENS, QUATRO ARMAS E QUASE NENHUNS VIVERES. APESAR DA LUTA DESIGUAL JONES SABE QUE UM TANQUE SE AVISTA A UM QUILOMETRO DE DISTANCIA. E QUATRO HOMENS? ISTO SABE JONES... E TAMBÉM O SABE JUAN...

CONTINUA

saúde, além dos imperativos que se colocam quando se pretende seguir um caminho de desenvolvimento socio-económico, fazem com que se dificulte o necessário apoio, compreensão e ajuda humana e material a alguns aspectos da superestrutura, entre os que se encontram os meios de comunicação de massas, nos quais se coloca a banda desenhada.

Dos dois factores fundamen-

tais que intervêm na produção da banda desenhada, o mais importante é o artista que a cria e realiza. A formação deste profissional é difícil e complexa, pois difícil e complexa é a obra que realiza. E um especialista polivalente no qual se devem reunir aptidões e habilidades diversas estreitamente vinculadas com todas as formas de artes visuais — teatro, cinema, televisão, cartazes, ilustração gráfica etc —,

além de outros requisitos importantes, dos quais, para apenas mencionar alguns, podemos dizer que deve dominar perfeitamente as técnicas de desenho e reprodução gráfica, ter uma ampla cultura geral, ser um observador sensível e agudo, possuir uma memória gráfica bem treinada e, acima de tudo, gostar e gozar de um trabalho que exige dedicação e esforço. Não se trata de um ser excepcional, mas de um trabalhador numa especialidade que tem de vencer muitas dificuldades e escolhos objectivos e subjectivos que dificultam o seu desenvolvimento.

O alto nível de especialização profissional que é necessário diante dos factores que se antepõem, fazem com que, com frequência, o autor de historietas abandone este campo e se dedique a outras actividades ligadas aos seus conhecimentos, melhor consideradas ou mais lucrativas e que, também exigem menos esforço e dedicação.

Pelo que disse, torna-se extraordinariamente difícil estabelecer critérios de vaticínios ou prognósticos sérios quanto ao possível desenvolvimento da produção da banda desenhada neste ou naquele país pois, ainda que o artista criador seja factor primordial, não é ele quem determina o futuro da sua obra. O material humano com todas as suas aptidões necessárias aí está, no meio do povo, talvez do nosso lado, fazendo um trabalho que nada tem que ver com a arte, o talvez desempregado e faminto, com esta fome dupla que nasce no estômago e se retorçe no espírito. Se se criam as condições adequadas para o desenvolvimento socio-cultural, se são eliminados os factores que impedem ou dificultam o avanço da arte em geral e da banda desenhada em particular, haverá uma massa receptiva e um volume de actividade infinitamente maior em qualidade, quantidade e variedade.

QUANDO EDITAMOS, PENSAMOS EM SI

Por isso lhe apresentamos obras que vão do livro prático ao didáctico, passando pela ficção científica, pelo policial, pelas grandes obras de literatura e pelos livros infanto-juvenis.

Escolha o seu entre os lançamentos do último semestre

LIVROS PRÁTICOS

- 1 - Doenças de Cães e Gatos Transmissíveis a Crianças 350\$
Prof. Silva Leitão
- 2 - Como Tratar o Seu Filho com a Simples Pressão de Um Dedo 495\$
Dr. Tan Poh Choon
- 3 - A Contracepção em 10 Lições 420\$
Jacqueline Kahn-Nathan

MEDICINA E SAÚDE

- 4 - Anestesia, Reanimação e Cuidados Intensivos 560\$
D. Campbell e Alastair A. Spence
- 5 - Manual de Farmacologia 670\$
Eduardo M. P. Gomes
- 6 - As Doenças Venéreas 380\$
Prof. Paul Laugier
- 7 - O Cancro 380\$
Prof. Gustave Riotton
- 8 - Manual Médico da Família 530\$
David Kellett Carding

CIÊNCIA E TÉCNICA

- 9 - A Microelectrónica 295\$
John Shelley
- 10 - O Audiovisual 260\$
Jean-Jacques Matras
- 11 - História da Geografia 295\$
René Clozier

- 12 - O Sono e o Sonho 260\$
Charles Kayser
- 13 - História do Teatro 260\$
Robert Pignarre
- 14 - Os Direitos do Homem 260\$
Jacques Mourgeon

GRANDES OBRAS

- 15 - O Silmarillion 590\$
J. R. R. Tolkien
- 16 - O Despir da Névoa 460\$
José Manuel Mendes
- 17 - O Pacto - I 890\$
- 18 - O Pacto - II 890\$
James A. Michener
- 19 - Ventos de Guerra - I 415\$
- 20 - Ventos de Guerra - II 415\$
Herman Wouk
- 21 - Caetés 260\$
Graciliano Ramos
- 21 - Um Perigoso Entardecer 390\$
James Jones

ROMANCES POLICIAIS

- 23 - Castigo Adiado 200\$
C. S. Forester
- 24 - Um Estudo em Escarlate 190\$
Sir Arthur Conan Doyle
- 25 - Receita Diabólica 230\$
Ellery Queen

FICÇÃO CIENTÍFICA

- 26 - Robot Completo - I 590\$
- 27 - Robot Completo - II 600\$
Isaac Asimov

- 28 - 2010, Segunda Odisseia 570\$
Arthur C. Clarke
- 29 - O Dia depois de Amanhã 235\$
Robert A. Heinlein

TEMPOS LIVRES

- 30 - A Horta em 10 Lições 390\$
Louis Giordano e Daniele Puiboube
- 31 - A Pesca em 10 Lições 350\$
Pierre Beaumel
- 32 - O Andebol 490\$
Karl Martini
- 33 - O Voleibol 420\$
Barrie McGregor

DICIONÁRIOS

- 34 - Dicionário Inglês-Português de Economia 620\$
F. Nogueira dos Santos
- 35 - Dicionário Português-Inglês de Máquinas e Ferramentas 1200\$
Joaquim Alves Martins

LIVROS INFANTIS

- 36 - A Trepadeira Que Quer Ver o Céu Azul 320\$
Maria Eugénia Neto
- 37 - Os Filhos dos Outros 320\$
Pedro Alvim
- 38 - A Criança e a Vida 375\$
Maria Rosa Colaço

Recorte este cupão e envie-o directamente ao editor

Desejo que me enviem, contra reembolso, os livros indicados com

- | | | | | | | | |
|------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| <input type="checkbox"/> - 1 | <input type="checkbox"/> - 6 | <input type="checkbox"/> - 11 | <input type="checkbox"/> - 16 | <input type="checkbox"/> - 21 | <input type="checkbox"/> - 26 | <input type="checkbox"/> - 31 | <input type="checkbox"/> - 36 |
| <input type="checkbox"/> - 2 | <input type="checkbox"/> - 7 | <input type="checkbox"/> - 12 | <input type="checkbox"/> - 17 | <input type="checkbox"/> - 22 | <input type="checkbox"/> - 27 | <input type="checkbox"/> - 32 | <input type="checkbox"/> - 37 |
| <input type="checkbox"/> - 3 | <input type="checkbox"/> - 8 | <input type="checkbox"/> - 13 | <input type="checkbox"/> - 18 | <input type="checkbox"/> - 23 | <input type="checkbox"/> - 28 | <input type="checkbox"/> - 33 | <input type="checkbox"/> - 38 |
| <input type="checkbox"/> - 4 | <input type="checkbox"/> - 9 | <input type="checkbox"/> - 14 | <input type="checkbox"/> - 19 | <input type="checkbox"/> - 24 | <input type="checkbox"/> - 29 | <input type="checkbox"/> - 34 | |
| <input type="checkbox"/> - 5 | <input type="checkbox"/> - 10 | <input type="checkbox"/> - 15 | <input type="checkbox"/> - 20 | <input type="checkbox"/> - 25 | <input type="checkbox"/> - 30 | <input type="checkbox"/> - 35 | |

NOME _____

PROFISSÃO _____

MORADA _____

C. POSTAL _____

LOCALIDADE _____

PAÍS _____



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
 Apartado 8 - 2726 MEM MARTINS CODEX

CTM

Nas antigas colónias portuguesas, o cinema era objecto de luxo, inicialmente reservado à população branca, estendido depois aos "assimilados". Só em meados dos anos 50 foi construído nos subúrbios da antiga Lourenço Marques um cinema exclusivamente

para negros (o "Império"). Uma situação extensiva a quase toda a África do período colonial. Desse passado e do actual momento de "arranque" das cinematografias dos seus respectivos países, falamos dois dos mais representativos cineastas de Moçambique e Angola.

Manuel Freire

José Cardoso

Prioridade para a mensagem

Filho de portugueses, José Cardoso foi para Moçambique aos 8 anos de idade e só voltou a Portugal depois de 1980 para participar em Festivais de Cinema. *"Quando foi a altura da independência e se pôs a opção, nem hesitei: Moçambique é a minha terra, foi aqui que eu cresci, este é o meu povo".*

Na Beira, onde passou a viver desde os 14 anos, e exerceu a profissão de técnico de farmácia durante 32, fundou um cine-clube, um teatro experimental, e um clube de xadrês. *"Fiz um pouco de tudo - pintura, escultura, desenho, fotografia, poesia - tive muita dispersão, tinha necessidade de comunicar, e então tentei essas vias, porque oralmente tenho dificuldade".*

Acabou por fixar-se no cinema. *"Penso que sou capaz de transmitir melhor o que pretendo e o que se passa pela imagem*

cinematográfica. O curioso é que eu não teria visto muito cinema nessa altura. Mas o cinema seduziu-me. O neo-realismo, e especialmente Vittorio de Sica ('Ladrão de Bicicletas'), marcou-me não só naquela época, mas para

todos os problemas. Sou bastante sensível ao sofrimento humano, à necessidade de se resolverem urgentemente esses problemas. Influenciou-me também particularmente o 'Couraçado Potemkin', de Eisenstein, e o próprio Charlie Chaplin".

O seu interesse pelo cinema vem da escola primária, pela projecção de sombras chinesas em sessões privadas para os colegas: um lençol, uma vela por trás, bonecos recortados de papel e passar no meio. Começa, como toda a gente daquele tempo, com o super 8, e em 1966 é o primeiro filme, "O Anúncio", influenciado precisamente pelo neo-realismo, à mistura com Chaplin. *"É do filme que mais gosto, porque é ficção e trata de um tema que eu escolhi, e talvez também porque fui eu que o interpretei".* Esse filme é premiado, em Aveiro (onde voltaria agora a passar extra-concurso no festival de Maio último). Em 1968, "Raízes", e em 1969, "Pesadelo", também premiados, são *"experiências à procura de novas formas de expressão"*. Passa a 16mm, inicia alguns trabalhos, mas que não conclui: acontece a independência, e algumas das personagens que entravam nos filmes saem de Moçambique. Não importa: a independência é o salto.



José Cardoso: uma linguagem que vá de encontro ao público

“Deram-me finalmente oportunidade de trabalhar naquilo que gostava. Como não havia cinematografia em Moçambique, apenas um ou outro realizador português que fazia jornais de actualidades, é criado em 1976 no âmbito do Ministério da Informação, o Instituto Nacional de Cinema. Fui encarregado de estruturar a sua delegação na cidade da Beira, onde então residia, e a actividade do I. N. C. nas províncias do centro. Em 1977, sou transferido para Maputo, onde durante um certo tempo chefi o sector de produção”. Nota-se uma certa frustração quando fala desse tempo, restringido a funções burocráticas que o limitam na criação artística.

“É o período de arranque da cinematografia moçambicana, praticamente do zero, já que com a independência os poucos amadores ligados ao trabalho de jornal de actualidades voltam para Portugal. Apenas alguns amadores, como eu, integram inicialmente o I. N. C.. A grande maioria são elementos jovens recrutados noutros ministérios, com escolaridade mínima, alguns com experiência fotográfica. Mas quase ninguém tinha pegado numa máquina. E foi a partir desse grupo de jovens que nós começámos a formar os nossos técnicos, com a contribuição de cooperantes estrangeiros que espontaneamente se ofereceram para trabalhar connosco (canadianos, italianos, ingleses, brasileiros, etc.) e uma equipa técnica cubana – realizador, montador, engenheiro de som, director de fotografia – com quem trabalhamos mais intimamente, com muito espírito de equipa”.

Função didáctica

“Kuxa Kanema” (o cinema está a nascer, em língua bantu), jornal cinematográfico, foi a principal preocupação dos primeiros realizadores moçambicanos. É a necessidade informativa

e didáctica de registar os primeiros passos da independência, comunicar com um povo que tinha 98% de analfabetos. Os Ministérios pedem ao I. N. C. a realização de curtas e médias metragens dentro desse domínio.

“A preocupação agora era deitar rapidamente para fora, sem se importar com a técnica – o povo ainda não é capaz de saber distinguir de bom ou mau tecnicamente – o que interessa é a mensagem. Procurámos, por isso, uma linguagem que fosse compreendida pelo nosso público. O I. N. C. encarrega então os realizadores dos diversos filmes pedidos. É um trabalho que tem servido para nos consolidar, sobretudo, como técnicos. E o ‘Kuxa Kanema’ tem sido uma escola de disciplina e regularidade de produção. Todos os realizadores passam por lá”.

A produção cinematográfica moçambicana restringe-se assim nestes primeiros anos ao documentário. E algum de boa qualidade. “Nós somos uns privilegiados. Temos o melhor material a preto e branco que existe. Se não fazemos melhor é porque não queremos ou não sabemos. O realizador atingiu o topo de escala, mas preferimos considerar-nos ainda como assistentes de realização. Temos de estudar muito. A nossa preocupação é que o nosso montador ou realizador seja montador ou realizador em qualquer parte do mundo e não só no Terceiro Mundo”.

Além das produções de encomenda, os realizadores moçambicanos começam progressivamente a trabalhar nos seus próprios projectos, preparando a passagem ao domínio da ficção. “Não entrámos ainda na ficção devido a essa preocupação de defesa de qualidade da nossa cinematografia. Mas, ainda este ano, vamos iniciar um filme de ficção, em pequenas séries”.

O próprio José Cardoso tem já um projecto ficcional em fase adiantada de elaboração. Trata-

se de três contos passados, respectivamente, no tempo colonial, durante a luta armada de libertação nacional e na actualidade. Será depois discutido, num estilo de trabalho que o cineasta considera de muito importante para os vários realizadores. “Frutos da Nossa Colheita” é o título provisório (quando se apresenta um guião, o filme tem que ter um título, embora provisório). Além deste projecto, está ainda dentro de outro, de que já estão filmados 15 minutos, uma longa metragem de animação, por episódios, sobre o processo moçambicano (foi criado recentemente um departamento de cinema infantil – CICRI).

Desde a independência, José Cardoso realizou uma longa metragem “Canta, Meu Irmão, Ajuda-me a Cantar” (estrela mundial no último Festival de Aveiro) e duas curtas metragens de registo de actualidade social e política, “Buzi, as Duas Margens de um Rio” e “Que Venham”. É sobretudo nestes filmes que se nota um estilo de narração lento. “É um pouco espelho daquilo que sou. Não sou um indivíduo enérgico, embora seja muito nervoso. Tudo o que faço tem de merecer momentos de grande concentração, nunca entrando num trabalho acelerado. E actualmente é também a necessidade dos nossos filmes não terem um ritmo muito rápido, para não dificultarem o contacto com o nosso público. Sobretudo no campo, notámos que se houver um ritmo mais rápido, as pessoas ficam confundidas”.

O Instituto Nacional de Cinema

Em Moçambique é o Instituto Nacional de Cinema que coordena a produção, distribuição e exibição, concentração que se deve fundamentalmente à falta de quadros, embora hoje se discuta a separação por empresas estatais. A exibição é predomi-

nantemente estatal, mas entre as cerca de sete dezenas de salas de cinema (15 em Maputo), existem várias privadas, e ainda algumas salas de 16 mm, cine-clubes ou clubes ferroviários.

É também a este organismo que compete a importação de filmes, o que faz com certa dificuldade, provenientes, segundo um critério de diferenciação de amplo leque, de países tanto do Leste como ocidentais e também africanos e do Terceiro Mundo em geral.

A identificação do público com o cinema moçambicano é já notória: ao sábado, dia de exibição do "Kuxa Kanema", as salas enchem-se. O curta metragem passa antes do início do filme em cartaz.

O I. N. C. promove ainda a actividade do cinema móvel, que percorre as várias províncias do país, sobretudo nas aldeias comunais. Há cerca de dois anos, iniciaram-se emissões experimentais de televisão, apenas ao domingo.

mou-se, em Paris, em antropologia, preparando neste momento o doutoramento).

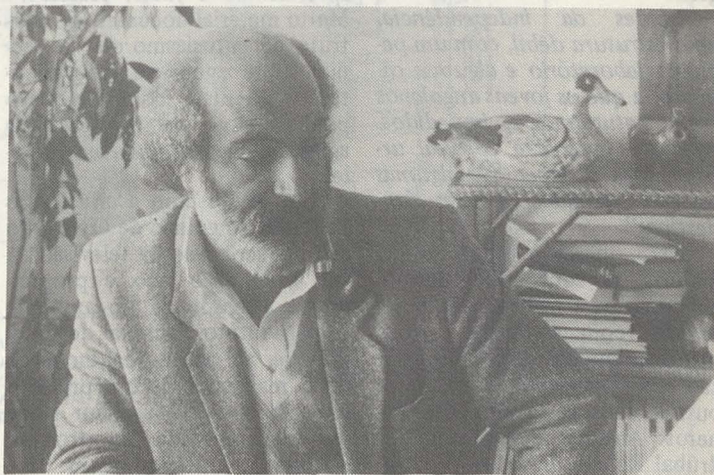
"Desde sempre, mesmo antes de ter encarado a antropologia como um projecto de vida, eu recorria a obras de antropologia para adquirir a noção dos sistemas de representação de grupos e de pessoas que faziam parte do meu quotidiano. (Ruy passou parte da sua vida na província de Huíla, onde tomou contacto com a comunidade mumuíla.) Para me inscrever na sua própria realidade, eu já recorria a essas fontes de conhecimento. E portanto, a partir da prática do cinema, isso transformou-se numa necessidade operatória; mas antes disso, correspondia a uma necessidade de entendimento, de aferição da minha razão e do meu imaginário à visão do mundo das pessoas que me cercavam. A partir de determinada altura, tornou-se-me muito evidente que não só a minha experiência de poeta me dispensava para um acesso mais rápido e mais natural aos materiais de antropologia, como os materiais de antropologia vinham ao encontro de um desenvolvimento da minha aptidão e da minha necessidade de encontrar uma explicação do mundo — que se haveria de manifestar através da minha criativi-

Ruy Duarte

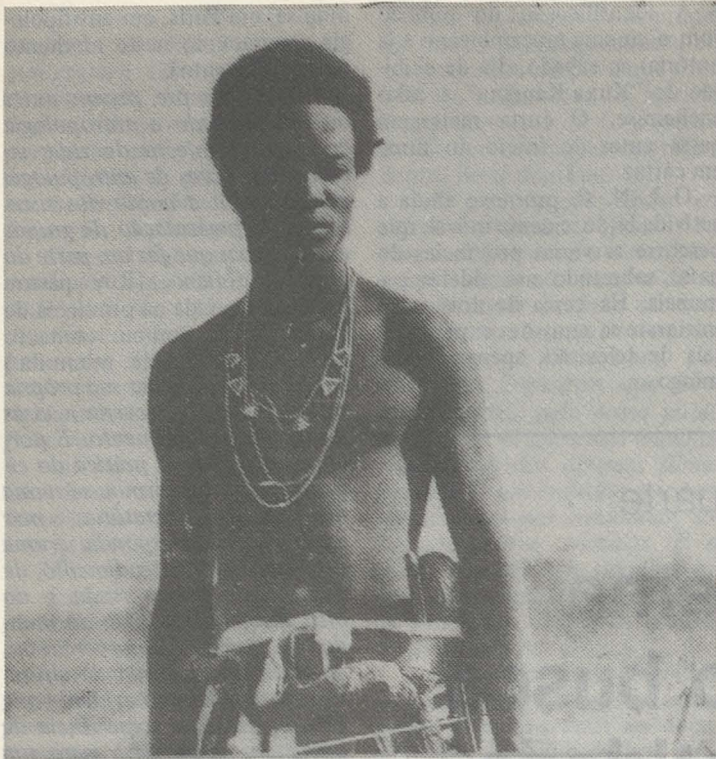
O cinema angolano busca sua identidade

Ruy Duarte de Carvalho, de 41 anos, nasceu em Portugal mas passou a infância e a adolescência em Moçâmedes, sul de Angola. Após ter concluído o curso de regente agrícola em 1960, trabalhou em Angola na cafeicultura, em extensão rural e na pecuária. Em 1971 foi para Moçambique para exercer funções de técnico de fabricação de cerveja. Em Londres fez um estágio de classificação de peles de caracau e frequentou um curso de realização de cinema e televisão após o que regressou a Angola e à actividade de regente agrícola. Com o nascimento da RPA escolheu, naturalmente, a cidadania angolana. Convidado nesse ano de 1975 a trabalhar na Televisão Popular, não hesitou. Em 1978 passou para os quadros do Instituto Angolano de Cinema.

Ruy Duarte resume o seu percurso cultural, nesta fórmula triangular: "a poesia conduziu-me ao cinema, o cinema conduziu-me à antropologia" (diploma).



Ruy Duarte: fazer o levantamento da cultura nacional



"Nelisita" de Ruy Duarte foi premiada no Festival de Aveiro

dade artística – que recorresse a um discurso globalizante, que é o discurso da poesia, efectivamente."

Mas voltando, concretamente, ao cinema. Que cinema em Angola?

"Antes da independência, uma estrutura débil, com um pequeno laboratório e algumas câmaras, a que os jovens angolanos eram, naturalmente, impedidos. Apenas a guerrilha cultural urbana com o super 8 e algumas cassettes passadas em salas clandestinas".

1975, marca o início da sua história. À convocação de um concurso para realizadores da televisão (com estrutura parcialmente montada pela administração colonial) responderam, entre outros, artistas de diferentes géneros: António Ole, pintor, Asdrúbal Rebelo, desenhador, Ruy Duarte, poeta. *"Com uma série*

de material de 16 mm existente na televisão e com a presença de uma equipa francesa de cinema directo começámos imediatamente a filmar. Em termos de experiência, o cinema angolano partia absolutamente do zero e nós aprendemos a fazer, fazendo." Muito material documental, mais fruto de entusiasmo que de técnica sobre a guerra e a movimentação popular, com objectivo predominante de divulgação e agitação, algum ainda na prateleira.

Em 1978, com a criação do Instituto Angolano de Cinema, o cinema separa-se da televisão. A sua orientação não é propriamente a mesma de Moçambique (é o Instituto Nacional de Cinema que, até agora, tem incumbido o realizador de um projecto pré-estabelecido, a maior parte das vezes a pedido de outros ministérios). Embora hajam também encomendas de ministérios,

distribuídos normalmente por determinados elementos (alguns cooperantes), cada um dos cineastas ocupa-se preferencialmente dos seus próprios projectos, propondo-os ao I. A. C., que normalmente os aceita. Esta é uma das características do cinema angolano: a de dar oportunidade aos cineastas de trabalharem sobre a matéria que efectivamente lhes interessa, em vez de serem canalizados para zonas que interessassem ao Estado.

O projecto de Ruy Duarte foi dos que mais depressa se afirmou. A sua visão global do mundo, passado-presente-devir, permite-lhe intervir na história, lançando hipóteses. *"O cinema é um meio de chamar a atenção para a cultura tradicional, que pode ser extremamente enriquecedora, de procurar a cultura que há-de ser a de uma Angola como entidade política moderna, constituída como Estado, e que corresponderá a uma cultura com padrões de uma sociedade industrial, da influência portuguesa através dos valores introduzidos pela colonização e do tradicional que não foi destruído nem dissolvido pelas experiências que aconteceram até ao momento."*

Preocupação visível na série documental de 10 episódios, "Presente Angolano/Tempo Muçula" e no sucedâneo ensaio de ficção "Nelisita", ou ainda "O Balanço do Tempo na Cena de Angola".

A medida que intervém com o seu cinema na cena angolana, a exigência vai-se desenvolvendo. O que hoje se questiona é a continuidade do cinema. *"Pretende-se passar à ficção mas o cinema é uma máquina complexa. Não temos meios humanos, nem ao nível da criatividade da realização e de execução técnica nem ao nível da produção que uma administração possa articular convenientemente. E não existe tradição de cinema, não temos actores profissionais, nem ama-*

dores, o que nos obriga a improvisar também nesse domínio. Além disso, estamos sujeitos a contingências de vária ordem, inclusive militar, o que limita a capacidade de deslocação. Somos um país que está em guerra há 24 anos, os problemas do cinema angolano são os mesmos da sociedade angolana.”

A falta de meios levou a que os existentes, tanto da televisão como do cinema, estejam concentrados. O Instituto Angolano de Cinema é a entidade coordenadora, o Laboratório Nacional de Cinema a produtora e a EDCINE a importadora.

Existem mais de uma centena de salas de cinema, que o público frequenta assiduamente com preferência para os filmes angolanos (exemplo recente é a passagem de “Nelisita”, muito bem acolhido) e brasileiros, embora a exibição das duas cinematografias seja escassa. Ruy Duarte

te diz que “o público urbano angolano consome o mesmo que os outros públicos em qualquer parte do mundo. Ou seja, também os filmes ocidentais, tipo ‘hollywood’, ‘kung-fu’; passam ainda filmes provenientes do Leste, alguns do Terceiro Mundo, com predominância para os africanos e cubanos.”

Há também o cinema móvel, que depara com bastantes dificuldades, militares, geográficas e de meios materiais. Por exemplo, quando um carro se avaria no meio do caminho — isso acontece frequentemente — pode ser preciso ficar dias à espera.

Ainda, segundo Ruy Duarte, “o público do campo que nunca viu um filme, descobre-o plano por plano, raramente articulado, antes se fixando em detalhes ou em si próprios, e especialmente. Esse público, às vezes ele próprio participante nos filmes, tem uma aptidão natural

para representar. O que determina o tipo de cinema que podemos fazer. ‘Nelisita’ é uma ficção dentro daquilo que me é possível, com pessoas que já tinham intervindo ao longo dos documentários do ‘Tempo Mumuíla’.”

Entre os seus projectos, Ruy Duarte pretende fazer outro ensaio de ficção. “Neste momento faço uma tese sobre os pescadores da faixa costeira de Luanda. Além de me permitir uma abordagem científica desta população, fornece-me material para poesia e ficção e ainda material para filmes. A mesma realidade pode ser tratada através de diferentes vias e merecerá tratamentos diferentes.”

Ruy Duarte continua o seu trabalho de levantamento cultural sobre uma realidade que vê globalmente e ao mesmo tempo particularmente, nessa busca comum da identidade nacional. ●

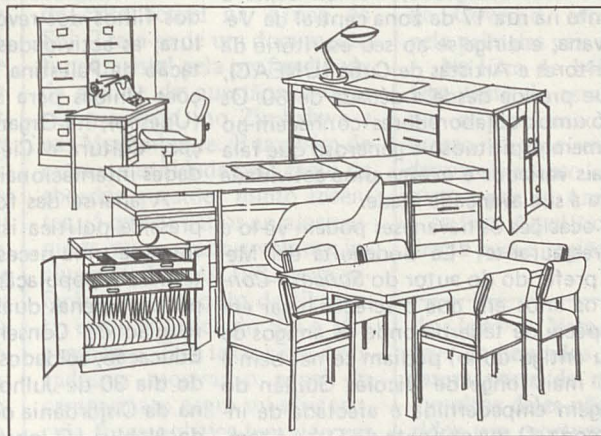


FÁBRICA JERÓNIMO
OSÓRIO DE CASTRO
(HERD.) LDA.
INDÚSTRIA
DE MOBILIÁRIO

SERVIÇOS COMERCIAIS:
R. D. ESTEFÂNIA, 177 A/C
APART. 1412
☎ 53 88 81 TELEX. 12892
1012 LISBOA CODEX

FILIAL NO NORTE:
R. DO BONJARDIM, 506
☎ 31 17 46/31 17 80/31 16 40
31 14 01 - TELEX 22422
4000 PORTO

Presente na REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA



LELLO **FOC**

SOCIEDADE FABRIL DE MOBILIÁRIO
E EQUIPAMENTO DE ANGOLA, SARL

FÁBRICA
CAIXA POSTAL 178 - VIANA
CONTACTOS COMERCIAIS
CAIXA POSTAL 1300 - LUANDA
REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

**Mobiliário para Escritórios
Escolas, Fabricas, Hotéis e Hospitais**

Mobiliário Domestico

Costa Rica: Simpósio de literatura

Mais de 200 escritores de todos os países da América Latina participaram em San José das jornadas no II Simpósio Internacional de Literatura. Dedicado a avaliar a literatura feminina daquela região do continente, o simpósio contou também com a presença de críticos, catedráticos, especialistas e pesquisadores.

A primeira jornada académica analisou 21 palestras programadas em torno de três grandes tópicos: Literatura e História, Literatura da América Latina e Sexo, e Literatura: Mito ou Realidade. De acordo com os organizadores, o objectivo era examinar quanto e de que modo contribuíram as escritoras da América do Sul para engrandecer as letras hispano-americanas, examinar os estilos e as tendências estéticas, as coincidências e confluências, dentro de um repertório variado que incluía a literatura feminina de outras latitudes.

Cuba: Nicolás Guillén, 82 anos de poesia e bom humor

Aos 82 anos de idade, o poeta cubano Nicolás Guillén continua a ser um dos autores mais publicados no mundo e uma das principais vozes da literatura hispano-americana, sem nunca ter perdido o sentido do humor.

Todas as manhãs bem cedo, Guillén deixa o seu apartamento na rua 17 da zona central de Vedade, em Havana, e dirige-se ao seu escritório da União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), instituição que preside desde a década de 60. Os seus mais próximos colaboradores conhecem-no como um homem espirituoso e generoso que fala dos temas mais variados e exerce uma actividade incomum para a sua avançada idade.

Em várias ocasiões os havaneses podem vê-lo a almoçar no restaurante "La Bodeguita del Medio", o lugar preferido do autor do *Songoro Congo* desde os anos em que o selecto lugar era ainda uma espécie de taberna onde os amigos de Martínez (seu antigo dono) podiam comer bem e barato. Nada mais longe de Nicolás Guillén do que essa imagem empedernida e afectada de intelectual da moda. O maior poeta de Cuba é também um dos seus cidadãos mais representativos. É talvez por isso que, herdeiro do humor, do lirismo e da esperança que constituem a idiossincrasia do homem caraiibiano, ele tenha sabido expressar como ninguém o universo musical antilhano.

Guillén completou no dia 12 de Julho, 82 anos. Este aniversário é uma data que toda Cuba celebra, para além do merecido protocolo oficial. Não é fácil nem gratuito que um poeta seja reconhecido pelas crianças na rua.

Na quinta-feira anterior ao seu aniversário, numa das habituais reuniões que têm lugar semanalmente na UNEAC e das quais Guillén, autor intelectual, é um fervoroso partidário, outro grande artista cubano, Silvio Rodríguez, rendeu-lhe homenagem. "Para mim é uma honra", disse Silvio, sem retórica, "juntar-me com o meu trabalho à homenagem a Nicolás, pois a sua obra sempre influenciou as minhas canções". (*Marilyn Bobes*)

Os palestinos e a educação

A XII sessão do Conselho Nacional Palestino para a Educação, Cultura e Ciências teve início a 17 de Julho último em Aman onde analisou temas referentes ao ensino superior e geral nos territórios ocupados.

A reunião, que durou dois dias, tratou também do desenvolvimento dos centros educativos e das universidades nessas áreas, sob dominação das forças israelitas. Recentemente, as autoridades de Israel proibiram a continuação dos trabalhos de ampliação da universidade islâmica de Gaza e a realização de exames para os estudantes.

Foi analisada também a situação da educação dos filhos dos revolucionários que tomaram na luta, as actividades da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), na Organização Islâmica para a Educação, Cultura e Ciências (IESCO) e noutras entidades internacionais.

A análise das formas de como enfrentar a repressiva política israelita no campo educacional torna-se uma necessidade cada vez mais premente para a população palestina dos territórios ocupados. Apenas duas semanas após a realização da reunião do Conselho Nacional Palestino para a Educação, soldados israelitas invadiram, no passado dia 30 de Julho, a maior universidade palestina da Cisjordânia ocupada, a *An-Najah*, na cidade de Nablus. O objectivo teria sido impedir uma exposição de manuais de guerrilha, manejo de armas e fabricação de bombas montadas por grupos favoráveis à Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Segundo informou a *Rádio Jerusalém*, três estudantes foram presos e a universidade ficará fechada por quatro meses.

TELEMÁTICA – A AMÉRICA LATINA NA ENCRUZILHADA

Armand Mattelart e Héctor Schmucler – Folios Ediciones – México – 1983.

Considerado como um dos principais especialistas latino-americanos em comunicação electrónica, Armand Mattelart dedica o seu último livro a uma análise em profundidade do fenómeno da penetração dos capitais transnacionais no campo da transmissão de informações na América Latina. Junto com Héctor Schmucler, Mattelart viajou por vários países do continente latino-americano como parte de um projecto de estudo financiado pelo Centro de Investigações Internacionais para o Desenvolvimento, com sede em Ottawa, Canadá. Mattelart e Schmucler afirmam que a América Latina está perante uma encruzilhada que deve a curto prazo moldar todo o processo de desenvolvimento da região. Se for adoptada a alternativa da abertura irrestrita ao capital estrangeiro, as grandes firmas norte-americanas como a IBM, ATT, General Data e Burroughs vão dominar integralmente todo o circuito de informações, também conhecido como Telemática. O poderio económico das transnacionais sufocará os esforços nacionais fazendo com que, num espaço de pouco mais de 30 anos, todas as informações chaves da América Latina passem a ficar armazenadas em cérebros electrónicos nos EUA, que passarão também a controlar o tráfego e o preço dos dados contidos nos grandes computadores. Mas, se os países latino-americanos escolherem a via do desenvolvimento próprio, eles irão enfrentar inicialmente enormes pressões e um determinado grau de atraso tec-

nológico, para mais tarde poderem não só controlar os seus próprios bancos de dados, como fixar os preços de acordo com as suas possibilidades internas. Segundo Mattelart e Schmucler, trata-se de uma opção entre a dependência ou a independência. Noutras palavras: a da ampliação do subdesenvolvimento ou de uma tentativa – talvez a última – de escapar a um controlo cada vez mais amplo pelas empresas transnacionais.

RESISTANCE & RESETTLEMENT IN SOUTHERN AFRICA (RESISTÊNCIA E REMOÇÕES NA ÁFRICA AUSTRAL)

Review of African Political Economy nº 29, Julho de 84. Sheffield, Inglaterra.

O exemplar mais recente desta revista dedicada às questões africanas é integralmente dirigido à discussão das origens da crise actual na África do Sul. Trata-se de um documento fundamental pela profundidade da análise da questão da terra no *apartheid*, no Zimbabwe e em Moçambique. É também de extrema utilidade pelo facto de abordar questões muito recentes, já que os vários ensaios reunidos num mesmo volume incluem dados até 1983 com referências ao acordo de Nkomati, entre a África do Sul e Moçambique. Três textos são dedicados a mostrar o papel do campesinato negro sul-africano, cuja força política tem sido em geral pouco estudada pelos pesquisadores, quase sempre mais atraídos pelo problema da mão-de-obra urbana. Além de investigar a situação dos quase três milhões de negros levados à força para os bantustões, o

número 29 da *Roape* mostra o potencial político e a capacidade de resistência dos deslocados e as implicações regionais à estratégia racista de manter a força de trabalho rural totalmente subjugada. É dada ênfase especial para o tipo de influência que o modelo de exploração agrária imposto pelos *boers* tem em países vizinhos como Moçambique e Zimbabwe.

EL ACERO DE GUERRA O EL OLIVO DE PAZ

Daniel Ortega Saavedra. Editorial Nueva Nicaragua, Manágua, 1983. 143 p.

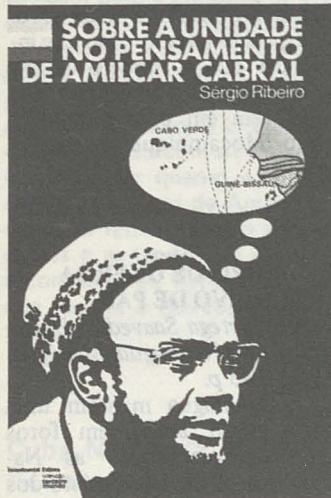
A Nicarágua mantém uma participação activa em foros internacionais como as Nações Unidas e o Movimento dos Países Não-Alinhados.

Sete discursos sobre a política externa nicaraguense, pronunciados perante esses foros pelo comandante Daniel Ortega, coordenador da Junta de Governo, são compilados pela primeira vez.

No livro de 143 páginas Ortega trata de assuntos tais como o problema do endividamento dos países em vias de desenvolvimento, propostas para a paz na América Central e críticas à política norte-americana para a região.

Aos leitores: Nem todos os livros comentados nesta secção fazem parte da nossa Estante e muitos deles não estão traduzidos em português. O nosso objectivo é, na medida do possível, fornecer aos leitores interessados em questões do Terceiro Mundo indicações do que está sendo publicado sobre a América Latina, África e Ásia, noutros países.

colecção
**terceiro
mundo**



**SOBRE A UNIDADE
DO PENSAMENTO
DE AMÍLCAR CABRAL**

de *Sérgio Ribeiro*

O autor, conhecedor das realidades de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, analisa um dos aspectos fundamentais do pensamento do grande teórico africano.

Prefácio
de Vasco Cabral e
Alfredo Moura
2.^a edição
Lisboa 1984 — 170\$00

Desconto especial de 20% para
assinantes de **CADERNOS DO
TERCEIRO MUNDO**

**EL SALVADOR
O caminho dos
guerrilheiros**

Carlos Gil



**EL SALVADOR,
O CAMINHO
DOS GUERRILHEIROS**

de *Carlos Gil*

Uma longa reportagem escrita e fotográfica nas montanhas do "pulgarcito de América" com os guerrilheiros da Frente Farabundo Martí.

Perfácio
de José Cardoso Pires
Lisboa 1983 — 450\$00

Pedidos directamente à

Tricontinental Editora, Lda.
Calçada do Combro, 10-1.º
Telef. 320650/320751
1200 LISBOA



**A MONTANHA
É ALGO MAIS DO QUE
UMA IMENSA
ESTEPE VERDE**

de *Omar Cabezas Lacayo*

Uma original reportagem sobre a guerrilha sandinista na Nicarágua. Hino e louvor à luta revolucionária na América Latina.

Prémio da Casa de las Américas, 1982
Prefácio de Fanor Herrera Pérez (embaixador da Nicarágua)
Lisboa 1984 — 580\$00

Distribuição
CDL — Central Distribuidora
Livreira, SARL

Açúcar: o preço amargo da crise

Pensando apenas nos seus interesses económicos, os países ricos provocam a pior crise em 50 anos no comércio mundial do açúcar, causando enormes prejuízos ao Terceiro Mundo

Na segunda semana de Julho, uma tonelada de açúcar bruto custava menos do que uma tonelada de areia lavada na boisa de mercadorias de Nova Iorque. Enquanto o açúcar custava 99 dólares a tonelada, o caulim estava cotado a 102 dólares a tonelada. Foi o ponto mais baixo da vertiginosa queda das cotações do açúcar iniciada há mais ou menos três anos e que marcou a pior crise dos últimos 50 anos no comércio do produto, que representa uma fonte básica de divisas para numerosos países do Terceiro Mundo.

A queda dos preços foi provocada pela existência de enormes stocks de açúcar de beterraba na Europa (segundo algumas informações são quase oito milhões de toneladas) que os países exportadores do Velho Mundo querem colocar rapidamente no mercado para aliviar os gastos com os elevados subsídios pagos aos plantadores. A Austrália também está com stocks muito altos e nega-se a reter parte da sua produção para reequilibrar a oferta no mercado mundial, enquanto os Estados Unidos e o Japão deixaram de comprar milhões de toneladas de açúcar devido à ampliação do uso dos adoçantes artificiais.

De um modo geral, a produção açucareira passou de 80 para 100 milhões de toneladas nos últimos quatro anos, período no qual o mercado consumidor diminuiu proporcionalmente giran-

do hoje em torno dos 93 milhões. Isso fez com que os stocks acumulados em todo o mundo atingissem a marca dos 34 milhões de toneladas sem perspectivas de escoamento a curto prazo e sem possibilidade de que os preços aumentem no mesmo período. Assim, o Brasil, o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, vende por 100 dólares em Nova Iorque, o açúcar que internamente custa por tonelada cerca de 260 dólares. Surge assim um défice de 160 dólares que é subsidiado pelo governo com um prejuízo médio de 32 milhões de dólares por mês. Outros países do Terceiro Mundo sofrem prejuízos ainda maiores na venda de cada tonelada, porque os custos internos no Brasil são os mais baixos do mercado.

O conflito de interesses entre os produtores ricos e pobres provocou o fracasso das negociações para a renovação do Acordo In-



O preço internacional do açúcar alcançou este ano o ponto mais baixo na sua vertiginosa queda

Vendas de
açúcar nas receitas externas
(em %)

Cuba	80	a	90
Suazilândia	59	a	60
Rep. Dominicana	43		
Guiana	27	a	33
Panamá	8,20	a	19,91
Malawi	8,11	a	26,32
Moçambique	5,45	a	19
Jamaica	4,72	a	9,01
Filipinas	4,61	a	10,44
Nicarágua	3,11	a	3,64
Austrália	2,75	a	6,26
Brasil	2,39	a	6,40
Bolívia	2,39	a	5,03
Tailândia	2,23	a	6,38
Costa Rica	1,89	a	4,66
El Salvador	1,45	a	3,01
África do Sul	1,04	a	1,94
Argentina	0,83	a	3,88
Colômbia	0,65	a	4,11
Índia	0,64	a	2,13
CEE	0,24	a	0,50

Fonte: Organização Internacional do Açúcar - período 1978/81.

ternacional do Açúcar, que cresce no final deste ano. E o impasse já precipitou uma guerra de preços que ameaça levar para o abismo econômico pelo menos sete países exportadores do Terceiro Mundo. Não existem cálculos precisos, mas alguns especialistas chegam a afirmar que os países pobres perderam nos últimos dois anos o equivalente a quase 1,5 mil milhões de dólares só com a queda dos preços internacionais do açúcar, prejuízo este que se torna catastrófico num momento em que as nações exportadoras não-industrializadas vivem um período de acentuado endividamento e queda das receitas externas em divisas.

Desequilíbrio

As exportações de açúcar do Brasil representam entre 2,39 a 78 - terceiro mundo

6,40% das suas receitas em divisas. Mas Cuba depende em 85% das vendas de açúcar, enquanto a República Dominicana obtém 43% das suas receitas em dólares das exportações de derivados da cana. A pequena ilha de Maurício, no oceano Índico, depende em 66% e a Suazilândia, um reino africano enclavado entre Moçambique e África do Sul, tem o seu orçamento dependente em 40% e a Guiana em 21%. Em compensação, os países da Comunidade Económica Europeia (CEE) dependem em apenas 0,24% das vendas de açúcar da beterraba e a Austrália menos de 3%. Os números reflectem o flagrante desequilíbrio existente entre o peso do açúcar na economia dos países do Terceiro Mundo e na das nações ricas. A lógica fria dos negócios nas bolsas de Londres e Nova Iorque não levou em conta a dramática situação dos produtores do Terceiro Mundo.

Na sua maioria, eles terão que subsidiar a crescente diferença entre os preços externos e os custos internos para evitar uma catástrofe económica e o caos social resultante da paralisação de fábricas, destilarias e a desactivação de enormes áreas plantadas com cana. O subsídio vai pesar em orçamentos nacionais já profundamente desequilibrados pelo endividamento, aumentando a necessidade de recorrer a créditos em dólar, libra, franco e marcos para financiar importações essenciais, cujos preços não mostram nenhum sinal de queda.

A degradação dos termos de troca nos países dependentes das exportações de açúcar pode ser medido pelo caso cubano. Em 1973, Cuba comprava 44 barris de petróleo com uma tonelada de açúcar. Hoje, compra apenas quatro. Situação mais ou menos parecida ocorre com quase todos os restantes países que não puderam escapar à monocultura da cana.

Em compensação, em apenas

17 anos os europeus deixaram de ser importadores, para exportarem açúcar de beterraba, numa política destinada basicamente a assegurar empregos para os seus próprios agricultores e impedir a dependência de fornecimentos de países do Terceiro Mundo. Já os Estados Unidos e o Japão partiram para um campo novo, o dos adoçantes, inicialmente tirados do milho. A produção do xarope à base de frutose nos EUA registou um aumento de consumo da ordem de 14,7 milhões de toneladas, enquanto o uso do açúcar caiu em 4,1 milhões de toneladas só nos últimos 12 meses. Os norte-americanos e japoneses também já estão a usar em larga escala o adoçante químico chamado *Aspartame*, com base na *phenil-alanine* que é 200 vezes mais doce que o açúcar e já é empregue em escala industrial no fabrico de refrigerantes como a *Coca-Cola* e *Pepsi-Cola*.

Se o mercado mundial do açúcar continuar a ser controlado de forma hegemónica pelos consumidores, a queda dos preços tornará antieconómica a produção de açúcar na escala actual, levando a maioria dos países exportadores a terem que optar, muito possivelmente, pela produção de álcool combustível. A alternativa é viável em termos tecnológicos, mas vai exigir novos investimentos em países cujos orçamentos já estão sobrecarregados por dívidas impossíveis de ser pagas e pela redução acentuada das receitas decorrentes da exportação de açúcar.

É quase impossível abandonar os cultivos de cana porque a reconversão das lavouras para outra espécie seria extremamente antieconómica. A escolha do álcool evitaria o risco dessa alteração radical, mas exigiria, por seu lado, investimentos não só na instalação de destilarias como também em alterações dos motores de automóveis e camiões para utilização do novo combustível.

As transnacionais e o "apartheid"

Assustadas com as pressões contra o "apartheid", as grandes empresas dos EUA procuram defender os seus interesses na África do Sul

Os defensores de sanções contra firmas norte-americanas instaladas na África do Sul enfrentam uma nova batalha parlamentar no Congresso dos Estados Unidos. Trata-se de um projecto prevendo multas que poderão ir até um milhão de dólares para as empresas que não tomarem uma posição clara contra a discriminação racial nas suas subsidiárias sul-africanas. A nova legislação, se aprovada, afectará a grande maioria das 350 empresas norte-americanas responsáveis pela maior parte dos 2,5 mil milhões de dólares investidos directamente na África do Sul.

A proposta apresentada pelos democratas Stephen Solarz e William Gray III enfrenta uma forte oposição do presidente Ronald Reagan, e revela a força das pressões exercidas pelos sectores contrários ao racismo, que hoje já conseguiram impor leis anti-*apartheid* em 19 estados norte-americanos, incluindo a Califórnia e Nova Iorque, onde estão instaladas mais de 70% das firmas com subsidiárias na África do Sul.

O movimento de boicote contra o envolvimento de empresas norte-americanas com o *apartheid* vem desde 1977, quando o pastor protestante Leon Sullivan, que também é um dos directores da *General Motors*, elaborou um código de conduta para

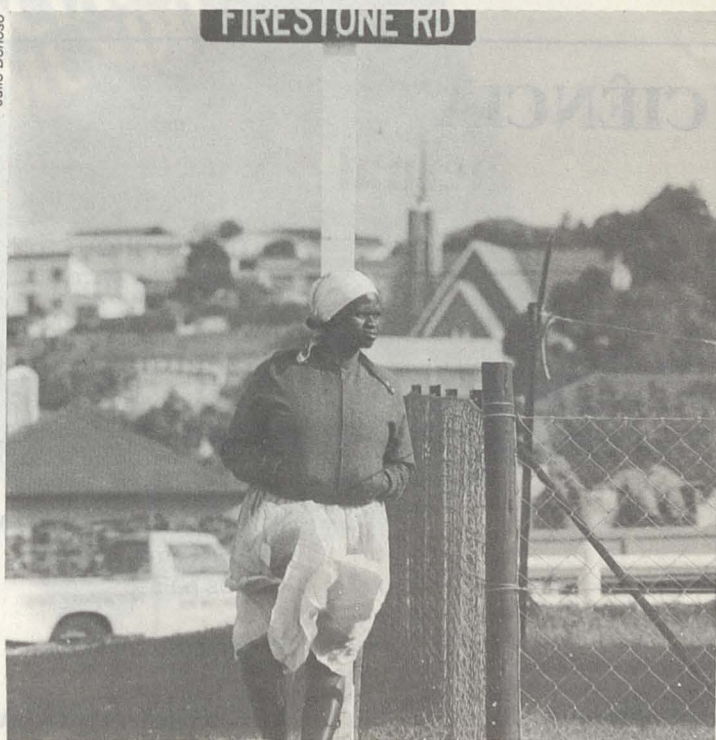
firmas dos EUA, prevendo entre outras coisas o fim da segregação entre os empregados nas subsidiárias sul-africanas, o aumento de número de negros na administração das filiais e a elevação das verbas destinadas à educação ou formação profissional das vítimas do *apartheid*.

Cerca de 125 empresas subcreveram o chamado Código Sullivan, entre elas, a *Exxon*, *Mobil*, *IBM*, o *City Bank* e o laboratório *Merck*. Elas reúnem cerca de 70% dos 100 mil sul-africanos (brancos e negros) empregados em subsidiárias norte-americanas na África do Sul. O Código Sullivan não prevê sanções financeiras, mas estabelece um julgamento das actividades das filiais com base em dados recolhidos duas vezes por ano. Em 1983, firmas como a *Firestone*, *W. R. Grace* e *Carnation*, bem como 34 outras empresas tiveram uma conduta considerada insuficiente em relação aos esforços de eliminação da segregação racial.

"Um exame escolar"

O responsável pela colecta dos dados das transnacionais

Julio Donoso



Muitas em presas com subsidiárias sul-africanas, como a *Firestone*, não respeitam o Código Sullivan

norte-americanas na África do Sul é um advogado, Reid Weedon, vice-presidente de uma firma de consultadoria em Cambridge, no estado de Massachussetts. No ano passado, ele submeteu às transnacionais norte-americanas um questionário de 55 páginas com 116 perguntas sobre investimentos, política salarial, eliminação de barreiras raciais, financiamento de casas, escolas e instalações médicas.

Durante sete anos, esse sistema funcionou sem maiores reclamações das grandes empresas porque elas achavam que poderiam continuar actuando na terra do *apartheid* sem maiores problemas. Mas agora, diante do crescimento das pressões contra a política de envolvimento económico com o racismo sul-africano, surgiram exigências dentro do grupo do pastor Leon Sullivan para que as transnacionais manifestem pública e expressa-

mente a sua rejeição do *apartheid* para poderem ser aprovadas no Código. Isso desencadeou reacções em série de vários gigantes da indústria norte-americana que, sem irem directamente contra os princípios de Sullivan, lançaram uma campanha de descrédito, alegando que o questionário se transformou num "improdutivo exame escolar".

Em 1983, 27 firmas signatárias do Código Sullivan deixaram de dar apoio à campanha do reverendo baptista enquanto apenas cinco aderiram à lista no mesmo período. A *Coca-Cola* e a *Mobil Oil* passaram também a desenvolver uma campanha de desestabilização interna usando um dos signatários do Código, Sal Marzullo, para desafiar a orientação tanto de Sullivan como de Reid Weedon. As grandes empresas parecem interessadas em evitar que o Código sirva

para que os grupos anti-*apartheid* nos EUA continuem a aumentar de número e influência. Esse fenómeno pode ser medido pelo facto de que 19 estados norte-americanos estão proibidos de investir recursos de fundos de previdência, num total de 26 mil milhões de dólares, em empresas que não contem com a aprovação do Código Sullivan.

Segundo dados recolhidos pela revista *Fortune*, a *Ford Motor Co.* e 23 outras empresas, todas signatárias do Código Sullivan, estão a efectuar uma acção secreta para neutralizar a campanha dos grupos anti-*apartheid*. O grande objectivo das firmas é não perder o controlo das relações económicas com as suas filiais sul-africanas, e evitar retaliações de governos municipais e estaduais nos Estados Unidos, onde as pressões da opinião pública contra o *apartheid* se exercem de forma mais directa. ●

CIÊNCIA actual

Para o professor
Para o aluno
Para toda a gente

Distribuidora:
ELECTROLIBER

Uma publicação portuguesa
de divulgação e informação científica

Assinaturas (1 ano — 6 números)

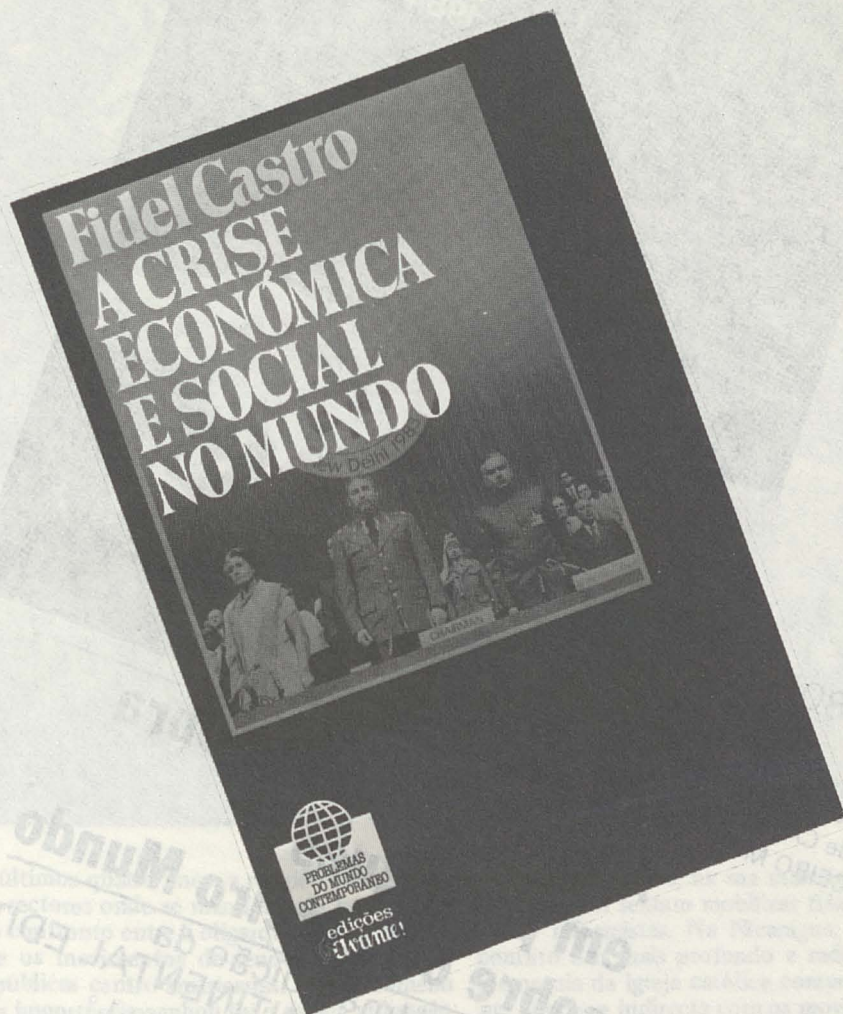
Continente e ilhas	550\$00
Espanha (via aérea)	690\$00
Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Europa	US\$7.50
Outros países	US\$9.50

Pagamento adiantado

CIÊNCIA ACTUAL
R. Carlos Pereira, 3-4.º D. 1500 LISBOA

«A CRISE ECONÓMICA E SOCIAL NO MUNDO»

«Livro muito importante cujas informações e lições são de grande actualidade.»



edições
Avante!

dis

po
efe
an
há

dc
de
da
ve
ra
b:
n:
an
A
se
d
o
g
c
l
r
c
c

Acaba de sair

**Guia do
terceiro
mundo**
1984-85

Economia
História
Geografia
Política

Mapas
Fotografias
Dados Estatísticos
de Todos os Países
do Mundo

Esc. 580\$00

Desconto especial
de 20% para
assinantes de CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO

**A mais completa obra
em português
sobre o Terceiro Mundo**

Uma Edição da
TRICONTINENTAL EDITORA

Calçada do Combro, 10-1.º
Telef. 320650/320751
1200 Lisboa

Distribuição
CDL

A questão religiosa na América Central



Nos últimos quatro anos, a religião passou a ser um dos sectores onde se manifesta de forma mais aguda o confronto entre a oligarquia política tradicional e os movimentos de renovação social nas sete repúblicas centro-americanas. É o fenómeno que mais importância ganhou foi o da sua utilização pelos sectores conservadores de todos os credos, seitas e correntes religiosas como forma de tentar bloquear a crescente identificação de parte do clero renovador, com os camponeses, operários e com a população mais pobre da região. Quase 100 mo-

vimentos religiosos, na sua maioria de origem norte-americana tentam mobilizar fiéis contra os projectos reformistas. Na Nicarágua, em especial, o conflito é o mais profundo e radical, com a alta hierarquia da igreja católica comprometida de forma directa e indirecta com os movimentos de oposição ao sandinismo. E por estranha coincidência, o Vaticano tem-se manifestado sobre a polémica interna na Nicarágua segundo um "calendário" que coincide com o adoptado pela Casa Branca e pelo Departamento de Estado dos EUA.

Nicarágua

A política da igreja

O padre Xabier Gorostiaga, radicado há cinco anos na Nicarágua, analisa as relações Igreja-Estado e denuncia a manipulação política da questão religiosa

Ninguém ignora o facto de que as eleições na Nicarágua — marcadas para o próximo dia 4 de Novembro — representam para a actual administração norte-americana um dos mais sérios desafios à hegemonia da superpotência na região centro-americana e, por extensão, em todo o continente. E é bastante claro não interessar a Reagan que elas se realizem, principalmente se tivermos em conta que o sufrágio na Nicarágua dar-se-á antes das eleições para a presidência dos Estados Unidos, marcadas para 12 dias depois (16/11/84).

A recente decisão da Coordenadora Democrática da Nicarágua (CDN) — coligação de partidos e sindicatos que fazem oposição ao sandinismo — de não participar nas eleições, só vem reforçar a opinião acima exposta. Significa isso que todos os esforços estão sendo feitos para tirar a legitimidade ao regime instalado após a queda de Somoza.

Nesse contexto, destaca-se a acção da hierarquia eclesiástica católica, que tomou uma dimensão política altamente identificada com os sectores de oposição ao regime sandinista.

Xabier Gorostiaga é um padre jesuíta, director do Instituto Nicaraguense de Pesquisas Económi-

cas e Sociais, que esteve recentemente no Brasil participando na reunião anual da Sociedade Brasileira de Protecção à Ciência (SBPC). Ele concedeu a *cadernos* uma entrevista, na qual analisa as relações Igreja-Estado na Nicarágua. Destacamos a seguir alguns trechos da sua entrevista:

“Existem como que três fases na história recente da igreja na Nicarágua. Até aos anos 70, a igreja como instituição deu todo apoio a Somoza. Depois da reunião dos bispos em Medellín (1968), houve um grupo que tomou uma posição claramente favorável à Frente Sandinista, entre eles, Fernando Cardenal e Uriel Molina. Era um grupo minoritário. Mas em 76/77, com o Movimento de Igrejas a apoiar a FSLN, esse grupo era já maioritário.

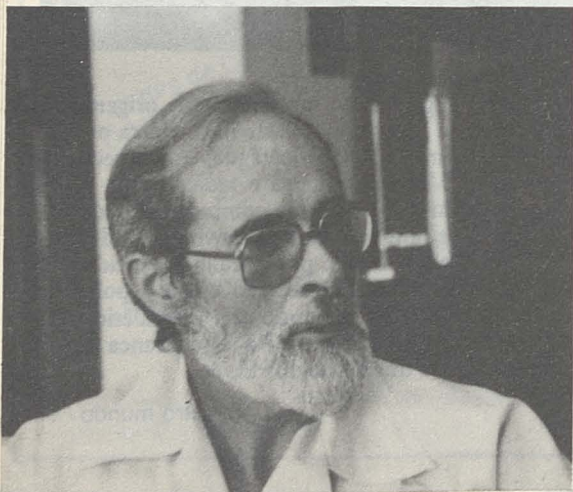
“Na segunda fase — fins de 77, início de 78 —, a confrontação de Somoza com os bispos já era total. É quando os bispos lançam a famosa Pastoral legitimando a guerra contra Somoza. É um caso único na história da igreja. Eles não preparam a necessidade de uma guerra. O que eles fizeram foi defender uma guerra que já existia de facto. Isso fez com que os bispos tivessem nos sandinistas uma imagem muito favorável, o que não era correcto. Eles eram contra Somoza, mas favoráveis a um modelo democrata-cristão.

“Em Novembro de 1979, os bispos lançam outra Carta Pastoral na qual declaram: *‘nós acreditamos que um socialismo que respeite os direitos humanos, que respeite o direito do povo à religião, coincide com a proposta da igreja’*. Essa pastoral marcou também um fenómeno novo, isto é, na Nicarágua não houve contradição entre a igreja e a revolução, entre o cristianismo e a revolução. Essa carta teve um grande impacto nacional e internacional.”

O primeiro conflito

“A meados de 1980, Alfonso Robelo e Violeta Chamorro, que representavam o sector mais burguês, decidem sair da Junta de Governo e, aí, os bispos pedem aos sacerdotes que também deixem

Xabier Gorostiaga: “O problema não é religioso, é político”



o governo. Esse foi o primeiro conflito entre a igreja e o Estado nicaraguense. É então que começa a que eu chamo de terceira fase.

“Nesta, os bispos começam a pressionar o governo, mas as relações ainda são relativamente boas, a colaboração da maioria com a revolução é fluida, com frutos positivos. Mas as coisas complicam-se em 82, com o problema dos misquitos (ver *cadernos* nº 64), quando os bispos divulgam uma carta contra o governo. E complicam-se muito mais com a visita do papa João Paulo II, em Março de 1983.

“O papa, na minha opinião, chegou muito mal informado sobre a Nicarágua. Ele achava que era uma outra Polónia, principalmente quando viu 700 mil pessoas na praça, gritando entusiasticamente ‘*Viva o papa*’. Mas não era outra Polónia. Primeiro, ele negou-se a rezar pelos milicianos sandinistas que tinham sido enterrados no dia anterior à sua chegada. Na primeira fileira da missa papal, estavam as mães dos mortos com os seus retratos. Elas pediram uma oração para seus filhos. Não houve resposta. Então, uma delas pegou o microfone e pediu mais alto: ‘*Queremos uma oração pelos nossos mortos*’. Foi aí que a multidão começou a gritar ‘*queremos paz*’ e o papa pediu silêncio.

“O filme que documentou essa missa mostra claramente como o povo foi mudando de atitude. A imprensa internacional disse que o povo estava contra o papa. Mas não foi isso que aconteceu. Ao contrário, no começo todos aplaudiram e reverenciaram João Paulo II. Foi depois desse incidente que a multidão passou a gritar e a interromper o discurso do papa. Isso criou uma tensão muito grande nas relações já frágeis entre a hierarquia eclesiástica e o governo da Nicarágua.”

A quarta fase

“A fase actual é marcada pela divulgação das duas últimas cartas pastorais dos bispos, já este ano. A primeira carta ataca o serviço militar patriótico, que se baseia no princípio de que com o agravamento da agressão externa já não se pode manter a defesa apenas com as milícias voluntárias inorgânicas. Daí a necessidade de se criar um serviço militar obrigatório, por um ano, para todo o nicaraguense menor de 28 anos.

“Os bispos dizem, na carta, que o governo não tem o direito de convocar para o serviço militar obrigatório ‘*porque não é um governo legítimo já que é dirigido por um partido*’. Isso criou uma indignação interna muito forte. Houve resposta imediata (inclusive do clero internacional), dizendo que não são os bispos que legitimam um governo. A legitimidade de um governo é dada pelo seu próprio povo e pela comunidade internacional. E a Nicarágua acabava de ser aceite no Conselho de Se-

1984 — Setembro — no. 69



“A visita do papa criou uma tensão muito forte nas já frágeis relações da igreja com o sandinismo”

gurança das Nações Unidas com 104 votos. Quem dá a legitimidade a um governo são os factos e não os bispos. Daí a pastoral ter criado um grande conflito.

“Mas a última carta criou um conflito ainda maior. Nela, os bispos pedem reconciliação, isto é, reconciliação com os somozistas, com os contra-revolucionários. O que é que se pretende com isso? Aí, respondemos: ‘*Muito bem, de acordo com a reconciliação. Então, que deponham as armas, que se incorporem no processo nicaraguense*’. Mas é muito difícil a reconciliação com os somozistas, que são criminosos, que têm à sua responsabilidade mais de 50 mil mortos e mais de 100 mil feridos. Principalmente porque os somozistas são ajudados directamente pela CIA, financiados e dirigidos militarmente pelos Estados Unidos. Como pode haver reconciliação?”

Um problema político

“O que pedimos é que o diálogo e a reconciliação se dêem primeiro dentro da igreja para que esta possa ter legitimidade de pedir diálogo e reconciliação no país. E dentro da igreja isso não existe. Depois dessa carta pastoral, as duas princi-

terceiro mundo - 85



“A revolução nicaraguense fez-se com o apoio não só dos católicos como da maioria dos protestantes”

país igrejas da Nicarágua — os jesuítas e os dominicanos — de forma unânime, fizeram uma carta protestando contra os bispos. Consideraram a pastoral dos bispos como uma espécie de escândalo para a fé do povo.

“Isso passou-se em Maio e a imprensa internacional quase não divulgou o facto. Por isso, pedimos reiteradamente ao episcopado brasileiro, ao norte-americano, canadiano, europeu etc., que se mobilizem para evitar um problema que é absolutamente artificial para nós. Na Nicarágua não há problema religioso, o que existe é um problema político, no qual um sector da igreja tomou parte.

“Pedimos à comunidade episcopal que envie uma delegação de bispos à Nicarágua para ver *in loco* o que está a ocorrer lá, no sentido de esclarecer se realmente existe um problema religioso ou se é um problema colocado por um sector da hierarquia que se converteu no principal grupo opositor político do país, já que a oposição não tem líderes. Assim, monsenhor Obando y Bravo, arcebispo de Manágua, manipulou a situação e tentou tornar-se a principal figura política de oposição no país.

“O caso do padre Amado Peña é muito claro. Numa conferência de imprensa, o governo apresentou um filme onde se vê esse sacerdote conversando com o principal dirigente da frente interna dos *contras* e este está entregando-lhe umas bombas, armas, papéis de propaganda e uma bandeira da FDN (Frente Democrática Nicaraguense, organização contra-revolucionária). No dia seguinte, monsenhor Obando disse que tudo não passou de um truque sandinista, que é um filme montado e deu apoio ao padre.

“Depois, o ministro do Interior, Tomás Borge, convocou outra conferência de imprensa internacional, forneceu mais dados e mostrou outros filmes em que o padre, semanas antes, recebia outras armas. Entregou seguidamente a película aos jornalistas

para que comprovassem que não era nenhum truque. Então, Borge anunciou que o padre seria levado diante de um tribunal para julgamento e que o governo o tinha proibido de celebrar missas públicas, ou seja, ter actividades públicas.

“Obando, então, juntamente com o bispo auxiliar e mais 30 padres (o que é muito pouco significativo, porque no país existem mais de 300 padres e só em Manágua, 170) marcou uma manifestação de apoio ao padre e contra o governo. Essa manifestação foi um acto claramente político e o arcebispo foi avisado de que não a realizasse porque ia ser tomada como uma provocação.

“A manifestação realizou-se e o governo sandinista respondeu com a expulsão de 10 padres estrangeiros, o que me parece lógico. Mas também me parece que a Frente Sandinista criou, com a expulsão, uma imagem desfavorável a nível internacional sem necessidade, já que esses 10 padres não representavam grande perigo interno. Acho que a Frente caiu na provocação e não tem a capacidade internacional da igreja em mobilizar a opinião pública, principalmente quando sabemos que existe uma quantidade enorme de agências de notícias controladas pelos Estados Unidos.

“Os dados objectivos, portanto, indicam que existe uma clara manipulação política dos factos relatados que, procura no fundo eliminar a possibilidade de eleições em Novembro próximo. Há uma campanha internacional no sentido de criar uma problemática religiosa na Nicarágua, dado que é um fenómeno muito raro ter-se conseguido fazer uma revolução com o apoio da igreja não só católica mas também com a maioria da igreja protestante.

“Três relatórios internacionais (um do Conselho Mundial de Igrejas, outro da Organização Mundial da Igreja Católica e outro da Comissão Pax do Vaticano) foram extraordinariamente positivos sobre a igreja na Nicarágua e todos criticam fortemente o monsenhor Obando.

“No Diálogo Interamericano da 2ª Comissão Linowitz (conferência internacional para promover o diálogo entre os EUA e a América Central), pudemos entrevistar-nos com alguns generais do Pentágono e eles disseram-nos que o maior problema que estão a encontrar na América Latina é a Teologia da Libertação porque *‘legítima as organizações e as lutas populares’*. Quer dizer, não citaram nem Cuba, nem a guerrilha...

“Um dado bastante esclarecedor é que, enquanto na Guatemala foram assassinados 16 padres e um número igual de freiras, em El Salvador 15 padres, nas Honduras acabam de matar o padre Guadalupe Carmen — que é norte-americano —, acusam justamente a Nicarágua, onde nunca houve nenhum padre assassinado. Pura manipulação política.”

Os "profetas" do anticomunismo na América Central

Quase uma centena de seitas, cultos e igrejas, na sua maioria com sede nos EUA, despejaram milhares de pregadores abastecidos por milhões de dólares para mover uma "guerra santa" em defesa das velhas oligarquias

Debora Huntington*

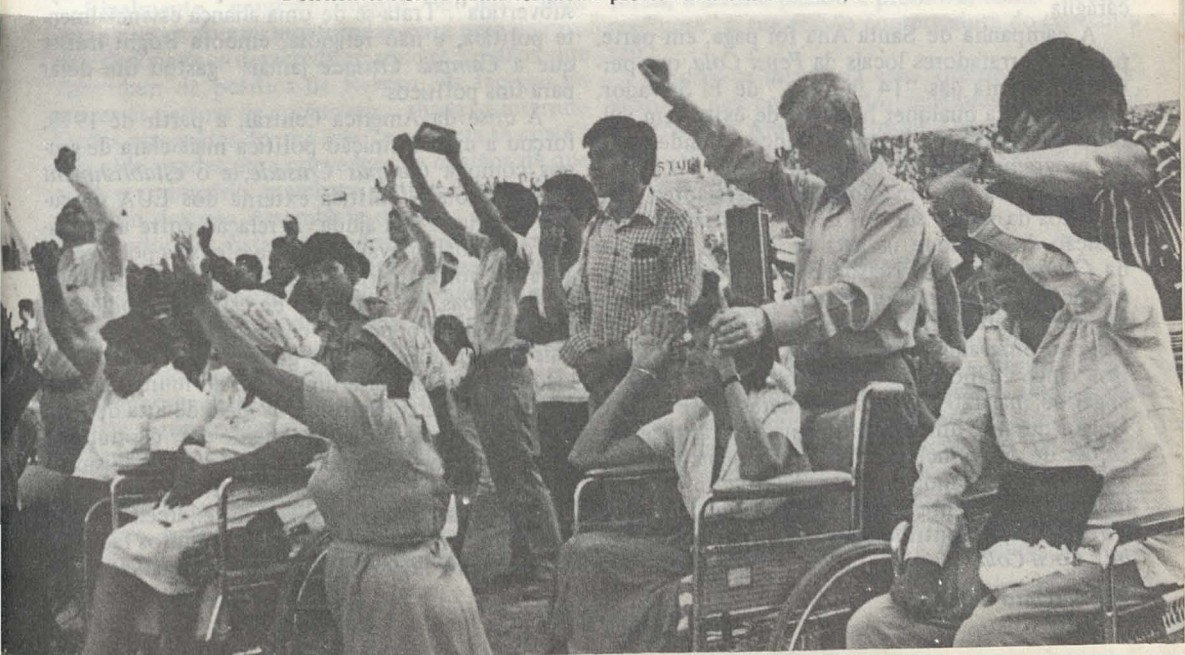
Santa Ana, a segunda cidade de El Salvador, é o reduto da ultra-conservadora oligarquia cafeeira do país; entre os pobres, a religião predominante é a pentecostal. Em 1980, forças guerrilheiras da FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional) surpreenderam a oligarquia ao manterem a cidade em seu poder, por um

breve período, contra o exército salvadoreño. A demonstração do profundo apoio que a oposição havia granjeado durante anos de organização discreta e silenciosa chocou tanto a comunidade evangélica quanto os empresários do sector privado. Na verdade, pouco antes da rebelião, estes haviam realizado uma "campanha de saturação", sob a direcção da *Campus Crusade for Christ*,¹ como parte daquilo que a organização chama de "batalha espiritual pela conquista de El Salvador".

* Artigo publicado por gentileza da revista norte-americana *Nacla - North American Congress on Latin America* -, exemplar de Janeiro/Fevereiro 1984. A autora frequentou cursilhos da *United Methodist Church* na República Dominicana, como interna, em 1978-79.

¹A *Campus Crusade* é uma organização religiosa ultraconservadora, com sede na Califórnia (EUA), fundada por Bill Bright.

Deficientes físicos numa cerimónia protestante. San Salvador, 1982



“Ouvi, mundo: esta é a vida”

A cidade de Santa Ana tem desempenhado um papel vital na campanha local “Esta é a vida”, organizada pela *Campus Crusade*. A sucursal salvadorenha desse movimento mundial começou a funcionar em 1978. Nos dois anos seguintes, a organização alega ter aliciado 120 mil cristãos em 120 cidades para “evangelização pessoal” porta-a-porta e “evangelização em massa” nas esquinas, onde grupos de jovens usam megafones para divulgar coisas acerca de Jesus. Houve uma ocasião em que a cidade foi inundada por 21 mil cartazes coloridos com o slogan da campanha: “*Ya lo encontré!*” Apenas num fim de semana, registaram-se 800 novas “opções” por Cristo. Com dois anos de campanha, a *Campus Crusade* alegava ter feito 64 mil conversões em todo o país.

O escritório de El Salvador, como todos os outros, tem-se concentrado ultimamente na exibição do filme “Jesus”, da *Campus Crusade*, que esta organização norte-americana pretende mostrar a “dois ou três mil milhões de pessoas nesta década”. No primeiro semestre de 1983, a *Campus Crusade* exibiu o filme para mais de 100 mil espectadores centro-americanos.

Missão evangelizadora?

Actualmente, a *Campus Crusade* gasta 90 milhões de dólares em todo o mundo — o dobro do que gastava há seis anos — para cumprir a sua “missão evangelizadora”. Mais da metade do orçamento para operações na América Latina é financiada a partir dos Estados Unidos, sendo essa proporção ainda mais alta em países como El Salvador e Nicarágua.

A campanha de Santa Ana foi paga, em parte, pelos engarrafadores locais da *Pepsi Cola*, que pertencem a uma das “14 famílias” de El Salvador, mas não teria qualquer hipótese de êxito sem vultosos subsídios dos Estados Unidos. Grande parte do programa mundial intitulado “Esta é a vida”, foi financiada por um grupo de comerciantes, quase todos da região sul dos EUA, cujos nomes têm posição de destaque na lista de 200 mil doadores da *Campus Crusade*. Nelson Bunker Hunt, comerciante texano e arquiconservador, que actua no ramo das matérias-primas, investiu 10 milhões de dólares no programa “Esta é a vida” em 1978-79, outros cinco milhões de dólares no filme “Jesus” e angariou mais 20 milhões de dólares entre os seus amigos durante um fim de semana. Outras manifestações de apoio incluem doações de quatro a cinco algarismos do fundador da cadeia de hotéis *Holiday Inn*, do ex-presidente da *McDonnell Douglas Aircraft*, e de contribuições de firmas como *Mobil*, *Coca-Cola*, *Adolph Coors* e *Pepsi Cola*. Até

mesmo o director de informações das forças armadas dos Estados Unidos desempenhou um papel activo no escritório de Washington de “Esta é a vida”. No início da campanha, em 1977, um angariador de fundos observou que “recebemos promessas de presidentes de várias companhias internacionais, dizendo-se dispostos a colaborar com a campanha desde que a verba fosse dirigida para países específicos”.

Esses sectores têm em Bill Bright (fundador da organização) e na *Campus Crusade* um instrumento para promoção dos seus interesses políticos. “Esta é a vida” surgiu em decorrência do plano de Bright de “voltar o nosso país para Deus”, dada “a possibilidade muito real de que uma potência estrangeira venha a dominá-lo e provocar o colapso da nossa economia”. Bright, um leigo presbiteriano de 61 anos de idade, acredita que a sua *Campus Crusade* é um veículo através do qual o plano de Deus pode vir a realizar-se. De facto, Bright tem “planos que podem mudar o governo, mudar a educação e mudar o mundo inteiro”, como ele próprio explicou ao lançar a campanha em meados da década de 1970. Em termos práticos, o plano de Bright é um ambicioso programa que visa vender Jesus Cristo — e o estilo de vida norte-americano — a todo o planeta. Na América Latina, isso “pode significar a transformação dos valores latino-americanos”.

Alianças Políticas

Os homens de negócios apoiam o trabalho da organização, com a sua linguagem de “salvação nacional” e de “preservar a grandeza da América”, porque sabem que ela impedirá que a Bíblia “seja subvertida”. Trata-se de uma aliança essencialmente política, e não religiosa, embora Bright insista que a *Campus Crusade* jamais “gastou um dólar para fins políticos”.

A crise da América Central, a partir de 1979, forçou a uma definição política mais clara de grupos como a *Campus Crusade*, e o *establishment* que controla a política externa dos EUA procurou angariar a sua ajuda. A relação entre a expansão do trabalho evangélico e a ofensiva política do governo norte-americano é demonstrada pelo fluxo de verbas, pelo traçado de estratégias organizativas e pela produção e comercialização de materiais doutrinários. O que gerou esse vínculo foi a ideologia, a história e uma visão do mundo coincidente, e não a conspiração. A ideia da luta do bem contra o mal traduz-se facilmente em “capitalismo ao estilo norte-americano versus comunismo”, construindo assim um consenso estratégico.

A atracção que os evangelistas exercem sobre a direita centro-americana deve-se a muitos factores. Em primeiro lugar, eles financiam organizações e

missões que promovem uma ideologia destinada a *desmobilizar* a população, organizando-a num "bloco apático"; certos grupos combatem activamente "a ideia de que a igreja deva ser usada para a libertação das pessoas e não para a salvação das almas".

Em segundo lugar, defendendo as profecias bíblicas e a acção divina, esses grupos minimizam a responsabilidade humana pelo violento conflito político da região, mesmo quando atribuem todos os seus horrores ao pecado. "Acreditamos que a inquietante situação moral, económica, social e religiosa que o nosso país e o mundo atravessam é precisamente o cumprimento da profecia quanto aos últimos dias da humanidade, e o Evangelho deve ser pregado a todas as nações antes da segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo", escreveram os líderes da *Campus Crusade* da Guatemala. A sucursal de El Salvador acrescentou que "ninguém deve preocupar-se com horóscopos ou notícias jornalísticas; todo o nosso interesse deve ser estar perto de Jesus Cristo".

Em terceiro lugar, a *Campus Crusade*, as Assembleias de Deus e outras organizações sediadas nos EUA e actuaes na América Central reforçam as percepções esquemáticas e simplistas da administração Reagan entre o seu eleitorado norte-americano, mobilizando assim o apoio dos cidadãos à política do governo dos EUA. No seu "perfil de países", destinado a explicar o trabalho de campo da organização, a *Campus Crusade* fala assim de El Salvador: "Em última análise, instalou-se ali uma luta pela liberdade e democracia do povo, contra o domínio tirânico do comunismo, como ocorreu em Cuba, na União Soviética e no leste europeu".

Finalmente, conscientemente ou não, essas organizações foram mobilizadas para uma campanha destinada a desacreditar aqueles cristãos que discordam da política de Reagan. As tácticas de acusar as pessoas de comunismo, aliadas a interpretações arrogantes do que seja "a correcta fé cristã", têm sido usadas para convencer os cristãos de que a fé e o império marcham juntos. James Watt, membro de uma Assembleia de Deus e secretário do Interior dos Estados Unidos na ocasião, desenvolveu a sua tese durante a 40ª Convenção Geral da sua seita no verão de 1983: "Já não nos podemos dar ao luxo de ceder a arena política à esquerda religiosa. (...) Devemos defender corajosamente os princípios que constituem a América".

O fenómeno não é novo. Afinal, há uma tradição de recomendações políticas para uma ofensiva a ser lançada contra a teologia de libertação latino-americana. Um exemplo foi o Relatório Rockefeller sobre a América Latina de 1969 e, mais recentemente, o documento de Santa Fé, de 1980. Ultimamente, a Casa Branca tem procurado o apoio



Os devotos contribuem com dinheiro para ajudar a financiar as seitas

evangélico para a sua política sobre a América Central, a fim de anular a dissidência liberal protestante.

A religião tornou-se um instrumento político — um "campo de batalha para a luta política", na opinião da direita. Dado o surgimento de um sector evangélico na região que apoia mudanças estruturais, a direita passou a promover como "neutra" ou "pura" a sua versão conservadora do cristianismo.

E como se manifesta essa "ofensiva neoconservadora" nas comunidades religiosas dos Estados Unidos e da América Central? Com grande flexibilidade doutrinária — é o que revela a reacção da religião a situações nacionais tão diversas quanto as da Guatemala e da Nicarágua.

"Guerra Santa" na Guatemala

Na Guatemala, as multidões acorreram às igrejas evangélicas após o devastador terremoto de 1976. Organizações evangelistas e missões religiosas enviaram milhões de dólares em ajuda e uma legião de missionários para distribuí-los. E trouxeram também uma mensagem para os sobreviventes: o terremoto tinha sido uma advertência de Deus e a Guatemala devia arrepende-se dos seus pecados. Em 1976, o número de devotos dessas igrejas aumentou em 14%, e continuou a crescer

durante os cinco anos seguintes. Em 1982, essa taxa saltou para 18%. Actualmente, 22% da população — um e meio milhão de pessoas — pertencem a igrejas evangélicas.

Em 1982, a perspectiva de uma iminente vitória dos guerrilheiros assustou os chefes evangélicos. Através da iniciativa de dois pastores norte-americanos, centenas de congregações “intercederam junto de Cristo”, rezando para que as eleições de Março trouxessem um milagre capaz de “salvar a Guatemala das garras do Diabo”.

A fraude eleitoral não fez nenhum milagre, mas um golpe militar, dezesseis dias depois, conseguiu-o. Para deleite dos evangelistas, o exército nomeou para chefiar uma junta de três homens o general Efraín Ríos Montt, dedicado cristão reconvertido e membro da Igreja do Verbo, uma missão da *Gospel Outreach*, da Califórnia. Ríos Montt rapidamente nomeou alguns membros idosos da igreja para o cargo de assessores do governo. Um dos patrocinadores da campanha de orações, o pastor Hap Brooks, da Flórida, aclamou o golpe como “o maior milagre do século XX, operado no céu antes que fosse operado na terra”.

A frenética campanha de contra-insurreição que se seguiu à tomada do poder por Ríos Montt não poupou nem mesmo os protestantes. Num cruel incidente, tropas helitransportadas pousaram na vila de Tuchabuc e trucidaram 30 membros de uma congregação pentecostal na própria igreja em que rezavam. Os evangelistas, porém, não emitiram uma palavra sequer de protesto; todos isentaram Ríos Montt de qualquer responsabilidade pelos excessos dos seus soldados. O objectivo do *Plan Victoria 82*, do exército, era destruir o movimento de guerrilhas destruindo a sua base de apoio nos planaltos povoados pelos índios. Mas os estratégias militares reconheciam que só poderiam obter uma vantagem duradoura se instituísem formas de controlo permanente sobre a população rural. E era sob esse aspecto que os evangelistas, tão ansiosos por entrarem em conluio com os militares, se tornavam valiosos aliados destes últimos.

O derrube de Ríos Montt em 8 de Agosto de 1983 não prejudicou a ampla influência ideológica dos evangelistas da Guatemala, nem diminuiu a sua utilidade para os grupos dirigentes. Mas pôs fim à noção de que eles pudessem vir a ser uma força política activa. Retornaram simplesmente à sua posição “apolítica” tradicional.

Polémica na Nicarágua

Se a ênfase da liderança evangelista na Guatemala de Ríos Montt era no sentido de aproveitar o momento para participar da política, o oposto ocorria na Nicarágua sandinista, onde os líderes evangélicos conservadores declaravam que a tarefa



Anúncios das Igrejas Evangélicas em Huehuetenango (Guatemala)

de todo o cristão era levar o país para mais perto de Cristo. Davam a entender que a revolução tinha colocado no poder o Diabo — ou, pelo menos, os seus aliados. Chamavam os Comitês de Defesa Sandinistas (CDS) de “ouvidos do Grande Irmão” e criaram programas sociais nas áreas rurais para competir com as organizações administradas pelos sandinistas.

O uso da religião como arena política é especialmente intenso na Nicarágua, onde um considerável sector da comunidade evangélica apoia a revolução. Um compromisso definitivo com a justiça social foi propalado em 1976 por 50 pastores evangelistas, membros leigos e seminaristas que se reuniram para analisar o papel da igreja na sociedade e a ética cristã. O documento contendo as conclusões exigia que se pusesse fim ao conflito entre classes e aos privilégios, à subnutrição e ao analfabetismo.

Quatro meses após o derrube de Somoza em 1979, 500 pastores e chefes evangélicos emitiram uma declaração apoiando o governo da FSLN e estimulando a participação de cristãos nos CDS e na cruzada de alfabetização. “Com firmeza cristã”, declararam eles, “condenamos toda e qualquer acção contra-revolucionária”. Em Março de 1980, a Assembleia Geral do Comité Evangélico para Ajuda e Desenvolvimento (CEPAD) divulgou uma carta pastoral que dizia:

“Como pastores do povo de Deus, conscientes das enormes e graves implicações do actual processo histórico para o nosso país, partilhamos da felicidade, esperanças e esforço do nosso povo na sua luta contra a pobreza, a ignorância e a exploração.



Em Dezembro de 1982, os crentes celebraram 100 anos de protestantismo em El Salvador

Vemos sinais do Reino de Deus nos esforços do povo da Nicarágua para construir uma sociedade onde a vida seja digna e humana...”

Em Março de 1982, a Assembleia Geral do CEPAD enviou uma carta aos cristãos nos Estados Unidos exortando-os a interceder contra “as atitudes intolerantes e arrogantes dos Estados Unidos em relação à Nicarágua (...), a fim de evitar maiores sofrimentos, desolação e destruição”. O CEPAD tem especial importância como organização, uma vez que congrega 37 ritos evangélicos, incluindo todas as principais igrejas pentecostais.

A medida que progredia a revolução, exemplos do apoio evangélico eram claramente visíveis:

- Na cidade sulina de Rivas, 25 pastores locais organizaram uma brigada de voluntários para a colheita de cana-de-açúcar em 1982.

- Na primavera do mesmo ano, o CEPAD lançou um programa destinado a criar comités de defesa ao nível da congregação, coordenados com os CDS. Esses comités fizeram um levantamento dos profissionais e dos recursos que os cristãos poderiam oferecer numa emergência, caso não desejassem empunhar armas: médicos, enfermeiras, cozinheiras, carpinteiros, acesso a veículos, telefones e rádios. Mais tarde, os doze directores regionais do CEPAD para esse Plano de Emergência Nacional foram ameaçados de morte pelos *contras*.

- No distrito sulino e rural de Juigalpa, todas as igrejas locais, inclusive as Assembleias de Deus, Jesus o Bom Pastor e Fé Apostólica, lançaram uma “Convocação à Defesa” exortando os cristãos a unirem-se às milícias.

Naturalmente, nem todos os líderes evangélicos estavam satisfeitos com a revolução. Mas a liderança protestante conservadora havia ficado um tanto desfalcada após a vitória sandinista. Por exemplo, cinco membros da directoria da Sociedade Bíblica — baluarte do protestantismo fundamentalista — fugiram para Miami depois que as suas grandes empresas e latifúndios foram confiscados em virtude de conexões com a família Somoza; o secretário geral da Sociedade — general da Guarda Nacional — foi preso. Vários membros da mais antiga congregação de Manágua da Igreja Centro-Americana foram também detidos por crimes cometidos enquanto membros da Guarda Nacional. Quase todos os ritos protestantes norte-americanos retiraram os seus missionários — no mínimo calculados em 101 em 1979. O director da *Campus Crusade* foi para as Honduras “por motivos políticos” e o *Evangelism in Depth* (IINDEF) transferiu os seus escritórios para a Costa Rica.

O pronunciamento do governo, em Outubro de 1980, garantindo liberdade de religião, não conseguiu dissipar os temores dos conservadores. Nesse pronunciamento, o governo considerava bem-vindo um papel activo de todas as igrejas que desejassem lidar com questões sociais, mas aconselhava aqueles grupos cristãos, interessados apenas no “reino do outro mundo”, a limitarem as suas actividades a locais privados. Os evangelistas conservadores registaram de várias maneiras a sua oposição à FSLN:

- Um programa de rádio de pastores pró-sandinistas, intitulado “A Voz do Evangelho na Revolução”, foi cancelado pela estação evangélica local,

propriedade da secção nicaraguense da *Campus Crusade for Christ*, da Sociedade Bíblica e de várias igrejas locais.

● As Assembleias de Deus, o maior rito evangélico da Nicarágua, com 500 pastores, 350 igrejas e 60 mil membros, lançou um programa agrícola em 1980 nos departamentos de Matagalpa, Jinotega e Nueva Segovia, onde alegam representar 60% da população. Os pastores aconselhavam os fiéis a não venderem os seus produtos ao governo aos preços tabelados. O secretário para a América Latina nos Estados Unidos financiou esse programa, que concorria directamente com os programas apoiados pelo governo. Um pastor das Assembleias de Deus, que condenou o programa pela sua natureza "destabilizadora", foi proibido de pregar em templos das Assembleias nos EUA durante uma *tournee* de conferências em 1983.

● Após as devastadoras enchentes de 1982, houve rumores de que alguns pastores andavam a pregar que as enchentes eram a maneira de Deus desaprovar "os rumos comunistas" que o governo vinha a seguir.

Desde a revolução, houve um tremendo desenvolvimento de pequenas seitas religiosas compostas de evangelistas (muitas vezes, hispano-americanos) provenientes do México, Porto Rico, Panamá e dos estados do sul dos EUA. Alguns são missionários de igrejas autónomas da América Central que, através de uma série de cismas e divisões, acabaram ligadas as seitas norte-americanas.

Na Nicarágua, muitos gritam: "CIA!" Não é uma acusação leviana. A CIA utilizou missionários não apenas como informadores, mas também como agentes, no Chile, na Bolívia e no Brasil nos anos 50 e 60. Com efeito, toda uma campanha da CIA em Cuba promovia o iminente regresso de Cristo, com terríveis consequências para Fidel Castro.

Dólares e bíblias de contrabando

Qualquer que seja a origem do seu dinheiro e a verdadeira natureza da sua estratégia, muitos grupos evangelistas têm procurado destabilizar o governo da Nicarágua. As actividades desses grupos incluem a canalização de verbas não reveladas para pastores nicaraguenses conservadores e para a produção de material educativo destinado a disseminar o medo anticomunista. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Cruzada Cristã Anticomunista e a Evangelização das Terras Comunistas estão a recolher fundos para a realização de seminários "destinados a ensinar, a nós, os pastores, como demonstrar aos nossos fiéis, usando a Bíblia, que o comunismo está errado".

Nos primeiros dias de cada mês, o director executivo do IINDEF na Costa Rica recebe um cheque de cinco mil dólares, em seu nome, enviado

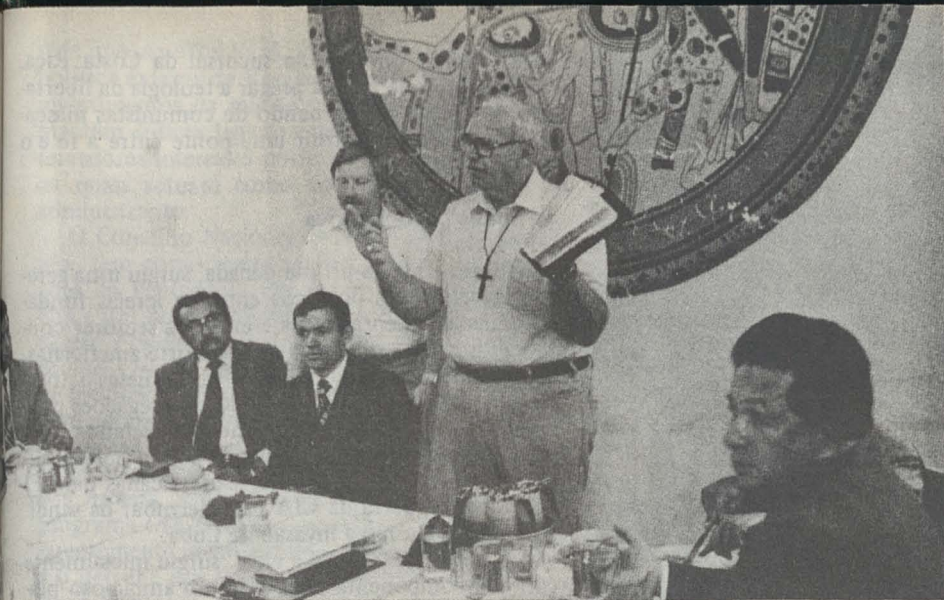
por um cidadão dos EUA, por conta de uma organização norte-americana cujo nome jamais foi revelado. Esse cavalheiro declarou à repórter da *Nacra* (revista publicada por uma organização progressista independente dos Estados Unidos) que, atendendo a um pedido que "um cristão dos Estados Unidos" lhe fez em 1982, ele deposita o dinheiro na sua conta bancária na Costa Rica para depois contrabandear-lo para a Nicarágua. Para ele, não importa a origem do dinheiro; preocupa-se apenas em atender aos "necessitados" pastores nicaraguenses, para que estes possam continuar o trabalho de evangelização, preparando o povo "para o regresso de Cristo".

Numa pequena casa situada junto a uma movimentada esquina de Manágua, à sombra de um cariz que diz que "Só há um Deus — o Deus dos pobres", um pastor da Igreja Centro-Americana divide um total de 375 mil córdobas (moeda nicaraguense) em 18 envelopes fechados, cada um destinado a um contacto de cada seita, que partilhará dessa "ajuda salarial" com um número de pastores cuidadosamente seleccionados.

Uma das directoras do IINDEF, Jean Kessler, alega que a ajuda se destina a qualquer pastor necessitado; um dos administradores do programa, na Nicarágua, declarou, porém, que o dinheiro é somente "para aqueles pastores leais ao Verbo e a Deus", e não para "os que se envolveram com a política nicaraguense". Seiscentos pastores — cerca de 40% do total de 1.500 que trabalham na Nicarágua — participam desse "programa de ajuda salarial". Recebem uma contribuição mensal de 500 córdobas, o que representa para eles um aumento de salário de 50%. Alguns deles passam também a fazer parte de uma rede destinada a "apoiar" a orientação teológica através de panfletos e seminários.

Segundo um dos participantes, os temas abordados nesses seminários incluem "a obra que o Demónio tem realizado através do governo da Nicarágua e da teologia da libertação", além de exemplos da perseguição movida contra as igrejas. Esses programas de "educação e orientação pastoral" constituem veículo particularmente estratégico para a manipulação política, dado o eminente papel do pastor na comunidade local.

Na Costa Rica, o Centro Cristão, projecto financiado pela *Trans-World Mission*, também "educa" os pastores nicaraguenses. O Centro é administrado pelo evangelista Manuel Tijerino, nicaraguense de nascimento mas naturalizado costarricense, e conta com 22 auxiliares em regime de tempo integral e 300 organizações estudantis. Tijerino é também o representante para a América Central de uma agência holandesa/norte-americana chamada *Open Doors With Brother Andrew*, que até à pouco tempo se dedicava a contrabandear literatura re-



Numa reunião no Hotel Panamericano da cidade da Guatemala (1983), fala Hap Brocks. Sentado à sua direita, o ex-“boina-verde” e actualmente homem de negócios, chefe dos evangélicos guatemaltecos, John Carrette

“Nacía Report”

ligiosa destinada à Europa Oriental e à China. O próprio Tijerino era um “contrabandista de bíblias” destinadas a Cuba em 1962, e hoje remete bíblias “de contrabando” para a Nicarágua — actividade curiosa num país cujo governo distribuiu gratuitamente 300 mil exemplares do Novo Testamento em prosseguimento à sua cruzada de alfabetização. Mas a criação da imagem de uma igreja perseguida é fundamental aos planos de Tijerino.

Para Tijerino, a Costa Rica é a “Hong Kong” da Nicarágua — lugar onde ele pode produzir *cassettes*, manuais de treino, audiovisuais e outros instrumentos a serem usados nas “técnicas de sobrevivência” contra um governo “comunista”. Tijerino tem enviado dinheiro e materiais para a Nicarágua, por vias clandestinas, para promover a imagem de um governo sandinista pronto a “derrubar o cristianismo”. Os seus Centros Cristãos — dois no México e um na Nicarágua, em El Salvador, na Guatemala, na Costa Rica e no Brasil — organizam células clandestinas e têm membros secretos, valendo-se das técnicas ensinadas pelo próprio Tijerino: “Estamos prontos. Quando vier a perseguição, não perderemos os nossos jovens cristãos; eles estarão treinados para sobreviver clandestinamente”.

A sua secção de Manágua mergulhou na clandestinidade para “proteger a verdadeira igreja”. Abertamente, porém, remete às igrejas locais traduções em espanhol dos melhores testemunhos e livros “cristãos” de Miami, com títulos como “Eu Encontrei Cristo na União Soviética” e “Guerrilhas de Deus”. Desde a vitória da revolução nicaraguense, o Centro Cristão de Tijerino tem patrocinado viagens, com todas as despesas pagas, para que os pastores da Nicarágua possam visitar a Costa Rica e receber “orientação” bíblica.

Em 1981, Tijerino foi peça fundamental para o lançamento de um programa de cinco milhões de dólares destinado a “conquistar para Cristo 10 milhões de latino-americanos” em 1984-85. Trata-se da Aliança do Movimento Estudantil da América Latina (AME), criado por iniciativa da *Open Doors and Trans-World Mission* durante uma reunião em Cuernavaca, México, à qual compareceram representantes norte-americanos das Assembleias de Deus, alguns presbiterianos e outros de outras seitas. De lá para cá, a *Campus Crusade for Christ* aliou-se à AME, que tem recebido apoio e treino do IINDEF na Costa Rica. Tijerino não poderia ter encontrado melhor parceiro.

A Campus Crusade

A *Campus Crusade for Christ* — conhecida na América Central como Cruzada Estudantil e Profissional em prol de Cristo ou “Movimento Alfa e Omega” — não é uma igreja ou seita, e sim uma agência “paraeclesiástica” destinada a apoiar os esforços organizativos das igrejas locais. Além de granjear novos membros para as Assembleias de Deus locais e para as igrejas do Evangelho Inabalável, organiza também a sua base para atender aos objectivos das organizações internacionais.

A *Campus Crusade* foi para a Guatemala em 1964 e espalhou-se rapidamente pelo resto da América Central de língua espanhola. Já em 1981, os seus escritórios centro-americanos tinham 1.593 empregados assalariados e voluntários. Naquele ano, a *Campus Crusade* alegava ter convertido 43.400 novos cristãos, organizados em 233 “grupos de renovação”. Com pessoal local, cada escritório ensina “As quatro leis do espírito” e o “Mag-



Grupo protestante de El Salvador numa das suas actividades

nífico plano de Deus”, em traduções espanholas.

A teologia da *Campus Crusade* é mais rígida e conservadora do que a da maioria dos grupos evangelistas. A primeira das “quatro leis espirituais” é a de que “Deus tem um plano maravilhoso para a nossa vida”; “como pecadores impenitentes que somos”, não podemos conhecer esse plano; mas, reconhecendo “a nossa pecaminosidade”, podemos descobrir o plano “através da oração e da leitura da Bíblia”. No decorrer de um curso de 40 semanas, a organização discretamente apresenta a sua orientação política ao recém-convertido. “Precisamos estar preparados para a batalha espiritual”, diz um dos folhetos; “precisamos estar preparados para não permitir que o mundo, a carne ou o Diabo expulsem Deus do centro da nossa vida”.

O convertido deve abandonar o livre arbítrio, pois somente Deus (e não os seres humanos), pode mudar o mundo, e a única maneira de influenciar o que Ele faz é através da oração. Boletins nacionais circulam em toda a região, cheios de exemplos do poder da oração. Foi pela oração que um amigo não pereceu afogado numa cidade da Nicarágua; que uma bomba não explodiu numa igreja de San Salvador; que um ente querido “desaparecido” reapareceu na Guatemala.

A *Campus Crusade* vê-se a si mesma como uma organização que recruta tropas de choque para combater a teologia da libertação e desacreditar os pastores liberais, acusando-os de serem anticris-

tãos. Para o director da sucursal da Costa Rica, “essa gente que anda a pregar a teologia da libertação não passa de um bando de comunistas mascarados. Querem construir uma ponte entre a fé e o comunismo”.

O “lobby” pró-América

No decorrer da última década, surgiu uma geração de activistas políticos entre as igrejas fundamentalistas e pentecostais e entre os sectores conservadores das principais igrejas norte-americanas, quase todos dirigidos por Bill Bright. Esses activistas têm aliciado os pastores e as congregações para causas do interesse do governo dos Estados Unidos, como um maior orçamento para a defesa nuclear, o envio de tropas norte-americanas para El Salvador, a guerra da CIA para derrubar os sandinistas e até mesmo a invasão de Cuba.

A campanha “Esta é a vida” surgiu inicialmente como o componente básico de um ambicioso plano político idealizado há uma década por Bill Bright e pelo ex-deputado John Conlan (republicano do Arizona). Valendo-se do talento administrativo da *Campus Crusade* e das ligações de Conlan com a direita republicana, a campanha procurou consolidar-se através da impressionante rede que Bright havia estabelecido entre os pastores. Bright há havia demonstrado a sua capacidade em organizar movimentos de massa como a *Explo 72* em Dallas (onde a CAM e outros missões têm as suas sedes), que reuniram 85 mil pessoas em 65 eventos coordenados.

Em 1980, Bright foi co-director, com Pat Robertson (da *Christian Broadcasting Network*), de um evento com dois dias de duração, chamado “Washington por Jesus”, onde grupos rezavam para curar a fraqueza militar e a desordem económica dos Estados Unidos. A tónica do evento pode ser representada por um desenho de Jesus a chorar sobre o Sino da Liberdade. Metade do comité coordenador do evento era composta de representantes da igreja pentecostal, inclusive as Assembleias de Deus, a Igreja de Deus e outras seitas bastante sólidas na América Central. De lá para cá, Washington vem recebendo, em cada ano, grupos que realizam um dia de orações nacionais “de seguimento”, liderados por Bright e Zimmerman, o superintendente geral das Assembleias de Deus.

Enquanto isso, a nova organização de Conlan, a *FaithAmerica Foundation*, coordena outras actividades pelas “liberdades constitucionais americanas”, nas quais Reagan e outros são apresentados como capazes de constituir um elo entre a “fraqueza nacional” e a “missão cristã”.

À medida que Robertson, Falwell, Zimmerman e Bright batem com o punho fechado sobre a Bíblia e citam os seus versículos, vão tecendo uma

rede que, ao nível local, alicia o apoio organizado à política externa de Reagan e maior apoio ainda aos investimentos da missão na América Central. Eles mantêm íntima ligação com alguns dos mais conservadores interesses políticos dos Estados Unidos, os quais actuam como doadores e membros de administração.

O Conselho Nacional da Voz Cristã, por exemplo, tem como membros o ex-chefe de Informações do Pentágono, um ex-sub-secretário da marinha e um general-brigadeiro do exército. A *Adolph Coors Foundation* (que administra a fortuna da cerveja *Coors*), financiadora do *think-tank* direitista intitulado *Heritage Foundation*, contribui também para a *Campus Crusade* e para a Maioria Moral.

Alguns desses esforços são orientados para as bases eleitorais; outros são chefiados por homens das *medias*, como Falwell e Robertson. No seu programa *Old Time Gospel Hour*, Falwell pede frequentemente maior apoio ao governo salvadoreño e o derrube dos sandinistas. Pat Robertson foi um forte partidário de Ríos Montt, tendo procurado obter "helicópteros da misericórdia" para a Guatemala durante a proibição do Congresso de fornecimento de armas.

Embora os evangelistas norte-americanos não tenham levantado os mil milhões de dólares que Ríos Montt dizia esperar deles, desempenharam importante papel de relações públicas para o general.

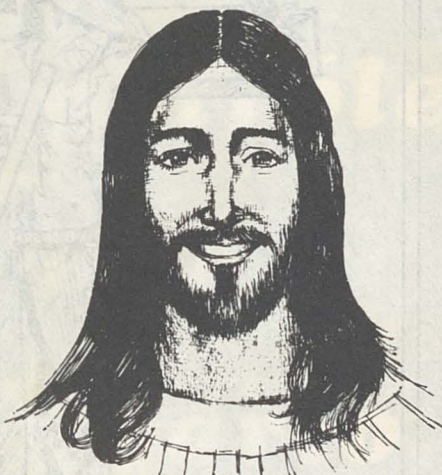
Várias igrejas norte-americanas promoviam o novo modelo guatemalteco nas suas publicações e boletins, bem como através de sermões e orações. Uma lista de "finalidades de orações", por exemplo, distribuída por uma igreja presbiteriana da Carolina do Norte, recomendava aos seus fieis rezarem pelo governo da Guatemala e pela sua campanha contra os rebeldes. Referindo-se ao programa de "aldeias estratégicas", pedia verbas para a compra de casas de alumínio "à prova de guerrilheiros", que "não podem ser queimadas".

Igualmente importante são as forças de organização de bases. A *Campus Crusade* é uma delas; outra são as Assembleias de Deus, que há 20 anos abandonou a sua posição pacifista.

Embora o IRD (Instituto para a Religião e a Democracia, instituição neoconservadora, com sede em Washington) tenha poucos vínculos orgânicos com os evangelistas na América Central, a crise da região contribui para aumentar a importância do instituto, uma vez que, como a *Campus Crusade* e as Assembleias de Deus, o IRD vem tentando definir os parâmetros do pensamento e comportamento cristãos "legítimos". Aqueles que rejeitam a visão em preto-e-branco que o IRD tem do mundo são insultados como "apologistas da repressão" — e, conforme insinua o IRD, isso inclui muitos dos líderes eclesiásticos dos Estados Unidos.

Os protestantes conservadores norte-americanos sentem-se ameaçados pelos esforços centro-americanos em criar uma teologia local adequada às suas sociedades, porque esses esforços têm o hábito infalível de se colocarem politicamente "no lado errado". Nos Estados Unidos, a reacção desses protestantes tem sido condenar esses cristãos como "comunistas" ou "aliados dos comunistas", e apoiar um trabalho missionário e educativo mais intenso entre eles, segundo modelos missionários tradicionais.

Libéranos del yugo ¡Dános la Libertad!



¡Cristo es El Libertador...!



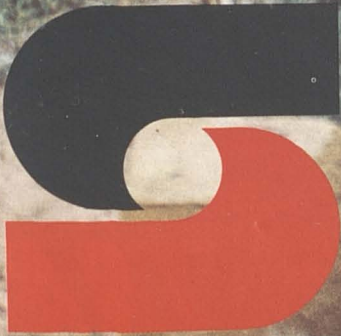
Cartaz impresso pela FDN, organização dos "contras" da Nicarágua, distribuído intensamente em todo o país na primavera de 1983

Ao mesmo tempo em que pedem que os cristãos denunciem os abusos contra os direitos humanos "onde quer que ocorram", o IRD e os protestantes conservadores, que pensam da mesma forma nos Estados Unidos, insistem em que "as necessidades da segurança nacional e da ordem internacional" devem ser respeitadas. Dada a definição do governo Reagan da "importância estratégica" da América Central, isto só pode significar uma coisa: que a direita religiosa sempre se oporá aos esforços dos cristãos centro-americanos de encarar a sua fé como um mandato de libertação. ●

Enquanto isso, na Nicarágua...

O CRISTIANISMO
É ISSO,
MEU FILHO:
SOFRIMENTO,
MORTIFICAÇÃO,
MARTÍRIO...





**nosso petróleo
onde
é necessário...**

Sociedade Nacional
de Combustível de Angola

ONANGOL

rua duarte pacheco pereira, 8
c.p. 1316 • Luanda
telex 3148 3260

Angola, terra da liberdade.



TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
Ao Serviço da Reconstrução Nacional